

Isadora Bastos de Moraes

## PARA LER E VER



Narrativas sobre a Amazônia na revista *O Tico Tico*  
(1914-1945)

Belém/Pará  
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

ISADORA BASTOS DE MORAES

**PARA LER E VER:**

Narrativas sobre a Amazônia na Revista *O Tico Tico* (1914-1945)

Belém/Pará

2019

ISADORA BASTOS DE MORAES

**PARA LER E VER:**

Narrativas sobre a Amazônia na Revista *O Tico Tico* (1914-1945)

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

**Linha de Pesquisa:** Arte, Cultura, Religião e Linguagens.

**Orientadora:** Franciane Gama Lacerda.

Belém/Pará

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

M827p

Moraes, Isadora. PARA LER E VER : Narrativas sobre a Amazônia na revista O Tico Tico (1914-1945) / Isadora Moraes, . — 2019.  
170 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Franciane Lacerda  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Amazônia. 2. Revista O Tico Tico. 3. Crianças. 4. Imprensa. 5. Literatura. I. Título.

CDD 981.1

---



**PARA LER E VER:**

Narrativas sobre a Amazônia na Revista *O Tico Tico* (1914-1945)

Isadora Bastos de Moraes

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Aprovada em 18/03/2019.

Banca Examinadora:

---

**Orientador Dr<sup>a</sup>. Franciane Gama Lacerda**

---

**Avaliador Interno Dr<sup>a</sup>. Maria de Nazaré dos Santos Sarges**

---

**Avaliador Interno Dr. Aldrin Moura de Figueiredo**

---

**Avaliador Externo Dr. Prof. Dr. Raimundo Nonato de Castro**

Para “Dorinha”, minha amada vó.  
Eterna criança amazônica.

*Agora não quero saber de mais nada, só quero aperfeiçoar o que não sei.*

**Manoel de Barros**

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) por ter financiado esta pesquisa. Agradeço à professora Dra. Nazaré Sarges, que esteve em minha banca de monografia e de qualificação de mestrado, pelas sugestões imprescindíveis para o amadurecimento deste trabalho.

Ao professor Dr. Aldrin Figueiredo que em toda minha trajetória acadêmica foi inspiração e exemplo a ser seguido. Desde o 1º semestre na disciplina Introdução aos Estudos Históricos o que me encanta neste ofício são as possibilidades de trabalhar a tríade: arte, imagem, história. Gratidão por cada livro indicado durante esses anos, pelo MABE e pelas contribuições no momento da qualificação.

Um agradecimento especial à minha orientadora professora Dra. Franciane Lacerda, excelente em tudo o que faz. Sou grata pela atenção, pelo conhecimento compartilhado e pela paciência durante a construção de minha monografia e agora desta dissertação. Um dia quero ser Franciane!

À minha grande companheira de jornada acadêmica, de vida e de sonho, Carolina Pina. Por mais que Platão e Aristóteles, os “Grandes”, e mesmo os “pequenos” homens, não acreditem na verdadeira Amizade entre mulheres, seguimos experimentando a delícia de contrariá-los e a alegria de caminhar juntas nesta profissão que aprendemos a amar.

Aos meus pais. Mauro (bruxão) por me ensinar a sonhar. Nelma, que me centraliza no mundo real e, ao mesmo tempo, ora por meu espírito. Ao Marcelo e à Victoria, meus irmãos mais velhos, por serem exemplos. E aos irmãos mais novos Mikaela, Marina e Maurinho, para quem quero ser inspiração. À Carolina Palheta pela torcida intensa e verdadeira. Ao Cleber pela dedicação e disponibilidade sempre que preciso.

Às pessoas que compõem minha “rede de apoio” e que de maneiras diversas me ajudaram durante o processo: Camilla, Nazareh, Bruna, Taiara (Grl Pwr); Luciana, Toninho, Telma, Isabella, Vinícius, Ana Clara, Maria Isabel, Maria Valentina, Marcelinho, Kauê, Rogério, Ivan, Pablo, Márcio e Nayara.

À minha vovó “Dorinha”, para quem dedico esta dissertação e meu amor eterno.

## RESUMO

Esta dissertação objetiva refletir sobre representações da Amazônia na revista infantil *O Tico Tico* entre 1914 e 1945. A revista *O Tico Tico* (1905-1962) foi criada pelo jornalista Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, responsável pela editora S. A. *O Malho*, localizada no Rio de Janeiro. Os principais objetivos desse impresso consistiram em “instruir e divertir” as crianças brasileiras através da publicação de textos e imagens igualmente atrativos e educativos. Assim, pretende-se analisar as seguintes questões: Como foi construída a imagem da Amazônia para as crianças brasileiras? De que forma os espaços e sujeitos amazônicos foram apresentados pelos articulistas aos jovens leitores do periódico? Como as crianças residentes na Amazônia apareceram na revista? As narrativas escritas e visuais veiculadas nesse impresso infantil corroboravam com as intenções políticas e econômicas do Estado brasileiro para a região amazônica? O corte cronológico se justifica pelo fato de que em 1914 com a Primeira Guerra Mundial, foi interrompida a importação do material estrangeiro que era utilizado para compor parte do conteúdo da revista, sendo assim, os temas nacionais ganharam mais espaço nas histórias e ilustrações divulgadas às crianças de todo Brasil. Já o ano de 1945 representou o fim do Estado Novo, da Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, da Batalha da borracha na Amazônia, compreendida como uma campanha de guerra que envolveu intensamente a imprensa tanto para o público adulto quanto para o público infantil. Além disso, esse período ficou marcado pelo crescimento do consumo de histórias em quadrinhos norte-americanas; esse processo é visto como um dos fatores que deu início ao declínio d’*O Tico Tico*. Desse modo, trata-se de entender os muitos significados presentes na publicação desse impresso voltado para as crianças, tendo como foco a Amazônia.

**Palavras-chave:** Amazônia – Revista *O Tico Tico* - Crianças - Imprensa - Literatura.

### ABSTRACT

This dissertation aims to reflect about representations of the Amazon in the children's magazine *O Tico Tico* between 1914 and 1945. The magazine *O Tico Tico* (1905-1962) was created by the journalist Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, responsible for the publishing house S. A. O Malho, located in Rio de Janeiro. The main objectives of this form were to "instruct and amuse" Brazilian children through the publication of equally attractive and educational texts and images. Thus, the intend to analyze the following questions: How was the image of the Amazon constructed for Brazilian children? How did Amazon spaces and subjects be presented by journalists to young readers of the journal? How do the children who live in the Amazon appear in the magazine? Do the written and visual narratives conveyed in this children's form corroborate the political and economic intentions of the Brazilian State for the Amazon? The chronological cut is justified by the fact that in 1914 with the first World War, the importation of the foreign material that was used to compose part of the magazine content was interrupted, thus, the national themes gained more space in the stories and illustrations divulged to the children from all over Brazil. The year 1945 represented the end of the Estado Novo, the Second World War and, consequently, of the Battle of Rubber in the Amazon, understood as a campaign of war that intensely involved the press for both adult audiences and children. Moreover, this period was marked by the growth of the consumption of north American comics; this process is seen as one of the factors that started the decline of *O Tico Tico*. Thereby, it is a question of understanding the many meanings present in the publication of this magazine aimed at children, focusing on the Amazon.

**Keywords:** Amazon - *O Tico Tico* Magazine - Children - Press – Literature.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Logotipo da edição 0431 do ano de 1914.....	34
Figura 2: Logotipo da edição 0940 do ano de 1923.....	36
Figura 3: Logotipo da edição 1411 do ano de 1932.....	36
Figuras 4: Capa e recorte da página 3 da edição 1884 do ano 1942.....	38
Figura 5: Capa do Almanaque do ano de 1945.....	41
Figura 6: Almanaque do <i>Tico Tico</i> 1919.....	44
Figura 7: “Pernambuco, O marujo” como parte da Marinha de Guerra Nacional. Revista <i>O Tico Tico</i> , Edição 1766, 1939.....	49
Figura 8: “Pernambuco, o Marujo” na Amazônia. <i>O Tico Tico</i> . Edição 1787, 1940....	51
Figura 9: Revista <i>O Tico Tico</i> , 0448, 1914.....	56
Figura 10: Revista <i>O Tico Tico</i> , 0450, 1914.....	56
Figura 11: Revista <i>O Tico Tico</i> , 0496, 1915.....	56
Figura 12: Revista <i>O Tico Tico</i> , ed. 0546, 1916.....	57
Figura 13: Revista <i>O Tico Tico</i> , ed. 0686, 1918.....	57
Figura 14: Revista <i>O Tico Tico</i> , 0695, 1919.....	58
Figura 15: Revista <i>O Tico Tico</i> , 1070, 1926.....	58
Figura 16: Revista <i>O Tico Tico</i> , 0700, 1919.....	58
Figura 17: Revista <i>O Tico Tico</i> , 0702, 1919.....	59
Figura 18: Revista <i>O Tico Tico</i> , 0457, 1914.....	59
Figura 19: Revista <i>O Tico Tico</i> , 0714, 1919.....	59
Figura 20: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1808. Ano: 1940.....	65
Figura 21: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1165. Ano: 1928.....	70
Figura 22: Acervo: Museu de Arte de Belém.....	83
Figura 23: The Amazon Awakens 1944.....	85
Figura 24: The Amazon Awakens 1944.....	85
Figura 25: The Amazon Awakens 1944.....	85
Figura 26: The Amazon Awakens, 1944.....	85
Figura 27: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 0481. Ano: 1914.....	87
Figura 28: Recorte da revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 0548. Ano: 1916.....	89
Figura 29: Recorte da revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 0548. Ano: 1916.....	91
Figura 30: Página do Almanach <i>O Tico Tico</i> de 1936.....	93
Figura 31: Almanach d’ <i>O Tico Tico</i> 1937.....	94



Figura 32: Almanach d' <i>O Tico Tico</i> 1938.....	94
Figura 33: Almanaque d' <i>O Tico Tico</i> de 1945.....	96
Figura 34: Almanaque d' <i>O Tico Tico</i> de 1945.....	97
Figura 35: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1871. Ano: 1941.....	99
Figura 36: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1103. Ano 1926.....	104
Figura 37: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1869. Ano: 1941.....	106
Figura 38: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1870. Ano: 1941.....	108
Figura 39: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1908. Ano: 1944.....	109
Figura 40: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 0739. Ano: 1919.....	111
Figura 41: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1873. Ano: 1941.....	112
Figura 42: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1667. Ano: 1937.....	115
Figura 43: Revista <i>O Tico Tico</i> . Ed. 1875. Ano: 1942.....	117
Figura 44: Revista <i>O Tico Tico</i> . Ed. 1703. Ano: 1938.....	117
Figura 45: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1872. Ano: 1941.....	117
Figura 46: Recorte da revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1875. Ano: 1942.....	118
Figura 47: Recorte da revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1875. Ano: 1942.....	118
Figura 48: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição 1541. Ano: 1935.....	119
Figura 49: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1876. Ano: 1942.....	120
Figura 50: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 0548. Ano: 1916.....	121
Figura 51: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1595. Ano: 1936.....	122
Figura 52: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1281 Ano: 1930.....	123
Figura 53: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1880. Ano: 1942.....	125
Figura 54: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1630. Ano: 1936.....	125
Figura 55: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 0586. Ano: 1916.....	127
Figura 56: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1886. Ano: 1943.....	127
Figura 57: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1191. Ano: 1928.....	128
Figura 58: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1891. Ano: 1943.....	128
Figura 59: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1908. Ano: 1944.....	131
Figura 60: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1896. Ano: 1943.....	133
Figura 61: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1884. Ano: 1942.....	135
Figura 62: Almanaque do <i>Tico Tico</i> . Ano: 1939.....	140
Figura 63: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 1869. Ano: 1941.....	140
Figura 64: Revista <i>O Tico Tico</i> . Edição: 0951 Ano: 1923.....	141

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - PARA NOSSOS PEQUENOS LEITORES</b> .....	<b>22</b>
1.1 Imprensa e Literatura Infantil no Brasil .....	27
1.2 A Revista <i>O Tico Tico</i> .....	32
1.3 Almanach <i>O Tico Tico</i> .....	39
1.4 Os Articulistas .....	47
1.5 Os Leitores .....	54
1.6 O Discurso Ufanista d' <i>O Tico Tico</i> .....	61
<b>CAPÍTULO 2 - AMAZÔNIA: MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES</b> .....	<b>64</b>
2.1 Rede de Discursos .....	67
2.2 A Amazônia “Misteriosa” .....	76
2.3 O “Potencial Adormecido” .....	81
2.4 Amazônia: um “Espaço Vazio”? .....	86
<b>CAPÍTULO 3 - ESPAÇO, NATUREZA E ECONOMIA NA REVISTA <i>O TICO TICO</i></b> .....	<b>102</b>
3.1 Representação Espacial: mapas n' <i>O Tico Tico</i> .....	106
3.2 O cenário: rios, árvores e plantas .....	112
3.3 Histórias de Bichos .....	119
3.4 Produtos econômicos .....	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>143</b>
<b>FONTES</b> .....	<b>146</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>155</b>

## INTRODUÇÃO

O trecho seguinte se refere ao texto de título “O Jaboty” publicado em 1909 na seção “Histórias de Bichos” da revista infantil *O Tico Tico*:

No norte do Brazil, no meio das grandes florestas da Amazonia, é costume dos viajantes e exploradores passarem a noite acampados, sentados ao pé de uma fogueira, que se accende para afugentar os jaguares e os jacarés.

Então, para matar o tempo, conversa-se. Os pretos e índios, que são os trabalhadores da floresta, sabem contar varias histórias de bichos.<sup>1</sup>

Este texto foi impresso novamente em 1920<sup>2</sup> nas páginas desse mesmo periódico, revelando que, por vezes, as imagens da Amazônia difundidas por esta revista para crianças de todo o Brasil não se modificavam ao longo dos anos. A escolha deste tema e objeto é fruto de pesquisas iniciadas ainda no período da graduação com a escrita da monografia intitulada: “Representações da Amazônia na revista infantil *O Tico Tico* (1937-1945)”<sup>3</sup>, trabalho de conclusão de curso desenvolvido para obtenção do diploma de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará - UFPA, defendido em setembro de 2016. Assim, o primeiro contato com a revista infantil *O Tico Tico*, alvo de interesse da presente dissertação ocorreu justamente por meio da leitura do trecho apresentado acima. No entanto, a ideia que se vive em meio a jacarés e/ou tantos outros estereótipos sobre a região amazônia, mesmo que hoje em menor escala, ainda é uma realidade<sup>4</sup>.

Segundo José D’Assunção Barros<sup>5</sup>, se antes os textos veiculados nas fontes históricas eram utilizados como testemunhos, hoje podemos refletir sobre eles como discursos – de tempos e espaços determinados. Dessa forma, pode ser que: “atendo-se ao discurso e a sua fabricação, se apreenda melhor a natureza das relações que ele

<sup>1</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 181. Ano: 1909.

<sup>2</sup> Na republicação do texto “O Jaboty”, que antes comportava três páginas da revista, foi compactado em apenas uma. Na edição de 1909 a história era acompanhada de 3 imagens (O Tapir e o Jaboty; o Macaco e o Jaboty; e a “roda de conversa” entre os Exploradores, os Pretos e os Índios). Porém, na edição de 1920 foi publicada somente 1 imagem (O Macaco e o Jaboty). No conteúdo do texto manteve-se a grafia, exceto pela mudança na palavra “Brazil”, que na década de 1920 foi impressa no texto com “S” no lugar do “Z”.

<sup>3</sup> MORAES, I. B. *Representações da Amazônia na revista infantil O Tico Tico (1937-1945)*. 48 f. Monografia (Graduação Licenciatura em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

<sup>4</sup> BARBOSA, Eline Araújo dos Santos. *Como a internet mostra a exótica Amazônia: Mitos e idealismos coloniais na cibercultura*. In: Rev. Igarapé, Porto Velho (RO), v.1, n.6, p. 18 – 29, 2015.

<sup>5</sup> BARROS, José D’assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

mantém com o seu outro, o real”<sup>6</sup>, conforme propõe Michel de Certeau; uma vez que as representações das coisas tem dificuldade de se diferenciar da realidade concreta.

Assim, com a história e com a configuração editorial da própria revista *O Tico Tico* não foi diferente. No ano de 1955, por exemplo, na edição que comemorou 50 anos de circulação ininterrupta da revista, temos um discurso, revestido de memória acerca da constituição do periódico. Desse modo, pode-se ler que em outubro de 1905: “um jornalista patricio, Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, teve a ideia de lançar um jornalzinho”; “reuniu, para isso, os melhores desenhistas da época, movimentou gente para escrever”<sup>7</sup>.

De fato, a revista *O Tico Tico* (1905-1962) foi lançada graças ao jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, responsável pela editora sociedade anônima *O Malho*, localizada no Rio de Janeiro. Os principais objetivos desse impresso infantil consistiram em “instruir e divertir” as crianças brasileiras. *O Tico Tico*, subintitulada inicialmente como *Jornal das crianças*, apresentou por entre múltiplas seções uma ampla variedade de textos e imagens igualmente atrativos e educativos nas 2.097 edições, parte delas, em verdade grande maioria, disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional, a partir da Hemeroteca Digital Brasileira<sup>8</sup>.

Grosso modo, a virada do século XIX para o século XX no Brasil se configurou como período de profundas transformações políticas, econômicas e/ou sociais. Entre as mudanças destacam-se: a substituição da mão de obra escrava pela assalariada; a criação e o desenvolvimento de mercados consumidores internos; e a transição de Monarquia para República em 1889<sup>9</sup>. Segundo William Gaia Farias, “com o estabelecimento do regime republicano surgiu a necessidade de recriar o imaginário coletivo a partir de elementos que pudessem situar a República como regime a altura dos novos tempos”<sup>10</sup>. Em grande medida, esses processos sobrepostos refletiram na imprensa brasileira, assim

<sup>6</sup> DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 42.

<sup>7</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 2039. Ano: 1955. p. 18.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/tico-tico/153079>.

<sup>9</sup> Alan Coelho aponta que a intelectualidade brasileira identificada com os ideais republicanos utilizou-se de doutrinas positivistas e evolucionistas para combater os defensores da Monarquia. Na verdade, ao analisar jornais paraenses e brasileiros o autor destaca que os jornais da época eram veículos ideais para esse tipo de embate. Ver mais em: COELHO, Alan Watrin. *A ciência do governar: positivismo, evolucionismo e natureza em Lauro Sodré*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2006.

<sup>10</sup> FARIAS, William Gaia. *A Construção da República no Pará (1886-1897)*. Niterói. Tese (Doutorado em História Social). Departamento de História. Universidade Federal Fluminense, 2005. p. 44. Sobre o assunto ver também: CARVALHO, José M. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

como criaram novos olhares sobre a infância, projetando nela a promessa de uma verdadeira Regeneração do país baseada nos ideais republicanos<sup>11</sup>. A representação do que podia ser o Brasil do/no futuro, muitas vezes, revelou-se na preocupação relacionada à formação das crianças brasileiras e nas imagens<sup>12</sup> que delas e para elas se produzia.

Nesse período “o forjar de um ideal nacional, em detrimento dos interesses regionais e das diferenças sociais”, segundo Alessandra Shueler, “estava presente nos diversos projetos e medidas educacionais propostos para a instrução e a formação moral das crianças”<sup>13</sup>. Portanto, de um lado, era responsabilidade da escola “a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais”.<sup>14</sup> De outro, a formação de uma “massa” urbana nos grandes centros do país propiciou o surgimento de produtos industrializados criados de maneira específica para grupos diferenciados por questões de gênero ou faixa etária.

Nessa conjuntura, tão logo, foi oportuno estruturar e sistematizar não só uma literatura voltada para o público infantil, mas, ao mesmo tempo, organizar uma indústria cultural<sup>15</sup> em torno da criança: livros infantis, material escolar, brinquedos, assim como a revista ilustrada *O Tico Tico*, são exemplos dos produtos consumidos pelo público infantil no início do século XX.

Desse modo, o surgimento da literatura infantil brasileira sistematizada e escrita por autores nacionais abordando temas ligados a cultura do país concretizou-se no início

---

<sup>11</sup> Segundo Angela de Castro Gomes “a proposta era de que a República se dedicasse a um trabalho sistemático e incessante no campo da educação, com claro sentido político: a formação dos futuros cidadãos”. p. 9. Ver mais em: GOMES, Angela de Castro. *República, educação cívica e história pátria: Brasil e Portugal*. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0009.pdf>.

<sup>12</sup> RODRIGUES, Adnê Jefferson Moura. *Infâncias Revistas: representações de crianças, saúde e educação infantis em revistas ilustradas (Belém, 1919-1930)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2017.

<sup>13</sup> SHUELER, Alessandra. “Criança e escolas na passagem do Império para a República”. In: *Revista Brasileira de História, nº 37, Infância e Adolescência*, vol. 19. p. 9. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881999000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100004).

<sup>14</sup> LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história & Histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 23.

<sup>15</sup> O termo Indústria Cultural, no conceito de Adorno e Horkheimer, tem o sentido de contrapor o conceito de “cultura de massa” para impedir que o entendimento fosse de uma arte surgida de forma espontânea do meio popular. Uma vez que os produtos da Indústria Cultural são frutos da lógica do capitalismo sobre a cultura. COSTA, Jean Henrique. *A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno*. Trans/Form/Ação vol.36 no.2 Marília May/Aug. 2013.

do século XX. Mesmo que, conforme destacam Lajolo e Zilberman<sup>16</sup>, ao longo do século XIX encontrem-se notícias de obras destinadas a infância, essas produções eram marcadas por uma matriz estrangeira e sua difusão era irregular.

Vale ressaltar que a literatura infantil ou adulta, antes mesmo de veicular em forma de livro, era experimentada na imprensa, nos jornais e em revistas. Um exemplo disso, no Pará, é o caso do Romance “O Pagé” de Marques de Carvalho. Maurel Barbosa, referindo-se a este romance de Marques de Carvalho enfatiza que o mesmo foi exclusivamente veiculado como folhetim no periódico paraense “A República”; tornando-se uma lacuna da historiografia literária do autor.

Com o estabelecimento da economia capitalista os jornais em finais do século XIX passam a ser cada vez mais dependentes da publicidade; e, nesse processo, a literatura passou a ter um papel significativo como “parceiro comercial dos periódicos, agregando-lhes valor e utilizando seu espaço para divulgação do que se produzia de literatura na cidade.”<sup>17</sup> Diante disso, nos principais centros urbanos do país os periódicos vão adquirindo novos significados, tornando-se parte do cotidiano de sujeitos distintos. Tratando dos múltiplos temas que permeiam a vida em sociedade a partir de gêneros literários e jornalísticos diversos.

No entremeio desses debates, esta dissertação pretende analisar representações da Amazônia na revista infantil *O Tico Tico* entre 1914 e 1945. Como foram construídas imagens da Amazônia para crianças brasileiras na revista *O Tico Tico*? O que permaneceu e o que se modificou das representações construídas entre os anos que compreendem o recorte temporal? De que modo eram apresentados pelos articulistas nos textos e ilustrações desse impresso os espaços e sujeitos amazônicos? Como as crianças residentes na Amazônia foram retratadas nessa revista ilustrada? E se, de alguma forma, as narrativas escritas e visuais veiculadas nesse impresso infantil corroboravam com os interesses políticos<sup>18</sup> e econômicos do Estado brasileiro pensados para região amazônica.

---

<sup>16</sup> LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. Op. Cit. p. 19.

<sup>17</sup> BARBOSA, Maurel. *O pagé: o naturalismo inacabado de Marques de Carvalho (1884-1887)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2011. p. 15.

<sup>18</sup> No capítulo “A mídia” do livro organizado por René Remond “Por uma história política” o autor Jean-Noel Jenneney propõe duas abordagens para se trabalhar o universo midiático, que são pertinentes a essa pesquisa, já que um dos objetivos é buscar conexões entre o que é publicado no periódico infantil e as intenções políticas para a região amazônica. A primeira abordagem diz respeito a estudar o dinheiro que irriga a imprensa escrita, isto é, verificar suas fontes de receita. A segunda é ter uma visão mais fisiológica das coisas: verificar questões como a produção das edições, o afastamento dos diretores/editores, os “incidentes diversos que fazem a máquina ranger e revelar suas engrenagens”. Em

Feito esses questionamentos e traçados os objetivos, entendemos o conceito de representação posto por Roger Chartier como fundamental para construção do entendimento das narrativas escritas e imagéticas que manifestavam conteúdos sobre o espaço amazônico neste impresso infantil. Sendo assim, os textos e imagens são esmiuçados como discursos sobre a Amazônia, e não como reflexos. Uma vez que a construção das representações do mundo social, para o autor, “são sempre determinadas pelos grupos que a forjam”.<sup>19</sup>

O recorte temporal trabalhado é o período 1914-1945. Iniciamos em 1914 porque com a Primeira Guerra Mundial foi interrompida a importação do material estrangeiro utilizado para compor parte do conteúdo da revista. Dessa forma, os temas nacionais ganharam mais espaço nas histórias e ilustrações desse periódico. “Buster Brown”, personagem norte-americano, batizado de “Chiquinho” no Brasil, é o exemplo mais emblemático dessa mudança; uma vez que suas aventuras foram adaptadas para ambientes tipicamente brasileiros<sup>20</sup>. Em verdade, muitos eventos perpassam o recorte estabelecido para esta dissertação, em escala internacional, nacional e regional; porém, que não deixaram de ser representados entre as páginas desse impresso infantil.

Em 1918 a gripe Espanhola e o fim da Primeira Guerra Mundial foram temas das “Aventuras do Chiquinho”. Nessa História em Quadrinhos produzida pelo articulista Loureiro, Chiquinho, menino loiro de cabelos compridos, “Benjamin”, menino negro criado da família de Chiquinho, e “Jagunço” cachorro de Chiquinho, foram acometidos pela gripe, porém, após dias de cama a “hespanhola” ficou sendo apenas uma lembrança que se apagou rapidamente com a notícia que a Grande Guerra havia terminado. Descreveu-se na narrativa: “Agora sim, papai não dirá que não traz mais o que o Chiquinho pede, porque está caro, ou que não há, por causa da Guerra.”<sup>21</sup>

---

suma, deve-se tentar perceber como funcionam todos os processos. Na verdade, tanto os espaços em que funcionam os meios de comunicação, quanto os discursos propagados por esses veículos de imprensa escrita ou audiovisual, refletem, muitas vezes, a vida política do país. Joga-se o jogo que é jogado no mundo político. Ver em: JEANNENEY, Jean-Noel. “A mídia”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

<sup>20</sup> SANTOS, Roberto Elísio dos. “A trajetória de um menino peralta”. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). *O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica, 2005. p. 142.

<sup>21</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0686. Ano: 1918. Sobre o tema da gripe espanhola na Amazônia ver: MARTINS, Maria José. *A gripe espanhola em Belém do Pará, 1918: cidade, cotidiano e medicina*. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016. Ver também: ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. “O vírus e a cidade: rastros do cotidiano na cidade de Belém durante a



A história foi finalizada narrando que os meninos fizeram com o que a mãe comprasse bandeiras das nações Aliadas.

Seguindo-se com a justificativa do corte cronológico, considera-se que no desenvolvimento dos capítulos desta dissertação daremos atenção especial aos eventos que envolvem a região amazônica, justamente no sentido de verificar a presença ou ausência de reflexos dos processos que envolveram este espaço nas representações da revista *O Tico Tico*. Assim, vale ressaltar a crise da borracha na Amazônia<sup>22</sup>, que tem como fatores de um lado: a plantação de borracha do Oriente, organizada de forma racional, que “superou” a borracha silvestre brasileira. E de outro, fatores internos como a falta de investimento nos seringais; assim como, as dificuldades para a implementação de uma política de defesa da borracha também condicionante nesse processo de decadência econômica. Entretanto, a borracha surgiu como um tema amazônico na revista em diversos momentos.

Na seção “Escotismo”, por exemplo, a borracha, “*hevea brasilienses*”, foi descrita como originária da Amazônia e “uma das maiores riquezas nacionais (sic)”<sup>23</sup>. A matéria foi veiculada em 1924, ainda que os anos entre 1918 e 1920, segundo Cristina Wolff, se configurem como o momento que de fato tenha se consolidado a estabilidade da crise da economia da borracha, uma vez que provocou o êxodo das regiões de extrativismo.<sup>24</sup>

Ainda com relação ao período escolhido pela pesquisa, nos anos de 1920 percebe-se que a revista *O Tico Tico* atuou como veículo de propaganda para diversos produtos destinados ao público infantil. Muito embora, no nosso caso, interessa nesse momento salientar o que diz respeito à literatura infantil divulgada e propagandeada por meio deste impresso na década de 1920. Novamente “Chiquinho”, personagem muito utilizado para divulgação dos produtos veiculados na revista, dialoga em propaganda com o cãozinho da família, “Jagunço”, para divulgar os livros do escritor Monteiro Lobato “O Sacy” e “Fabulas de Narizinho”:

---

pandemia da gripe espanhola (1918)”. In: SARGES, Maria de Nazaré. Lacerda, Franciane Gama. Belém do Pará: História, Cultura e cidade Para além dos 400 anos. Belém: Editora açai, 2016.

<sup>22</sup> Sobre a desestruturação da economia gomífera na Amazônia ver: SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. Ver também: DEAN, Warren. *Luta pela Borracha no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

<sup>23</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0969. Ano: 1924.

<sup>24</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da floresta: Uma história. Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999.

*Chiquinho: ó Do tal de Monteiro Lobato?*

*Jagunço: ó São døelle mesmo; e baratinhos, 3\$000, creio.*<sup>25</sup>

De fato, os escritos de Monteiro Lobato são marcados como símbolo da consolidação de uma literatura produzida para crianças com temas brasileiros. Segundo Carmen Azevedo, Monteiro Lobato pode ser visto como um “Bandeirante” da indústria cultural em torno do ato de ler<sup>26</sup>. Nessa época, os primeiros anos da década de 1920, estruturava-se o Movimento Modernista; que transformou os múltiplos segmentos artísticos brasileiros, no que se refere não só a temáticas, mas as formas de se fazer e compreender a arte brasileira. Carmen Azevedo destacou que “enquanto os modernistas se atinham à revolução do texto, Lobato fazia sua revolução pela leitura”<sup>27</sup>. Diante disso, em 1929, um exemplar d’*O Tico Tico* demonstrou certa hostilidade para com o movimento modernista. Na seção “Correspondência do Dr. Sabetudo” que permitia um diálogo entre os leitores e o editorial d’*O Tico Tico*, a resposta destinada a um leitor, de Belo Horizonte, que havia enviado um desenho seu ao impresso foi a seguinte: “[...] quem começa não pode ser futurista. Isso é para os que querem fingir que sabem fazer certo e fazem torto por... modernismo”<sup>28</sup>. Pela resposta do “Dr. Sabetudo”, pode-se supor que o desenho enviado deveria ter traços ou certa inspiração digamos que modernista.

Ainda a respeito do modernismo, Monica Velloso apontou que, a influência do grupo de 22 é indiscutível; contudo, para a autora, as diferentes abordagens sobre o modernismo iniciadas desde a geração de 1870 revelavam um sentimento universal, o de que todos os intelectuais adeptos à construção de uma nova arte buscavam uma questão comum: entender a brasilidade<sup>29</sup>. No artigo “A viagem de Mário de Andrade à

<sup>25</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0847. Ano: 1921.

<sup>26</sup> AZEVEDO, Carmen Lúcia de. *Jeca Tatu, Macunaíma, a preguiça e a brasilidade*. 2012. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo, 2012.

<sup>27</sup> *Ibid.* p. 139.

<sup>28</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1245. Ano: 1929.

<sup>29</sup> A autora analisa os sentidos do modernismo bem como apresenta um panorama do movimento no eixo Rio de Janeiro e São Paulo. VELLOSO, Monica Pimenta. “O modernismo e a questão nacional”. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano, vol. I. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 351-386.

Amazônia: entre raízes e rotas”<sup>30</sup> André Botelho disserta que para o projeto modernista era importante não só conhecer o Brasil, mas familiarizar-se com ele. Nesse sentido, Mário de Andrade “chegou” ao Brasil e especialmente à Amazônia, através de viagens e também de leituras, tal como Euclides da Cunha, Gastão Cruls, dentre outros autores que escreveram sobre esse espaço.

No caso do modernismo amazônico, segundo Aldrin Figueiredo, “se pretendia criar uma arte livre de limitações e que revelasse a identidade da ‘raça’ brasileira”<sup>31</sup>. Mais especificamente, o desafio do Modernismo Paraense era o de construir uma arte, de certa forma hegemônica, que ao mesmo tempo comportasse diferentes vozes em harmonia.

Sem dúvida foram numerosas as transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, no Brasil e no mundo, perpassante entre o recorte temporal desta dissertação como a crise econômica de 1929; o declínio das exportações de café; o fim da primeira República por meio do Golpe de 1930 e, conseqüentemente, a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. E o crescimento industrial de São Paulo e aceleração da urbanização das cidades dando início aos debates sobre o povoamento no sentido “litoral-sertão” alargado para outras regiões por meio da “Marcha para o Oeste” e a própria inclusão da Amazônia como espaço que devia ser ocupado. No Pará do contexto estudado tem-se por exemplo, a importante figura do interventor Magalhães Barata no que diz respeito aos movimentos Tenentista e o Movimento de 1930<sup>32</sup>; mesmo porque, como propõe Edilza Fontes, no discurso do interventor pode-se vislumbrar o embrião da ideologia Estadonovista.

Entretanto, a respeito da economia da região em meados da década de 1930 e 1940 podemos citar o crescimento da economia da castanha do Pará e, por conseguinte, da propaganda em prol deste produto da Amazônia. Assim, a revista *O Tico Tico* surgia conectada com questões econômicas ao representar as informações sobre a castanha, o processo de extração e do sujeito que desenvolve o trabalho, no caso, o castanheiro, por meio de ilustrações e textos<sup>33</sup>. José Almeida apontou em sua tese<sup>34</sup> que durante a

---

<sup>30</sup> BOTELHO, André. *A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas*. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, n. 57, p. 15-50, dez. 2013, pp. 15-49.

<sup>31</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *De pinceis e letras: os manifestos literários e visuais no modernismo amazônico na década de 1920*. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 9, n. 2, jul.-dez., 2016. p. 16.

<sup>32</sup> FONTES, Edilza. “Cultura e política dos anos trinta no Brasil e as memórias do interventor do Pará, Magalhães Barata (1930 – 1935)”. *Revista Estudos Políticos*, v. 7, p., 2013, pp. 131-151.

<sup>33</sup> Ver as edições 1809 e 1875 da revista *O Tico Tico* da década de 1940.

Segunda Guerra Mundial, o Ministério da Agricultura possibilitou a venda de castanha do Pará a preços baixíssimos. O público infantil foi um dos alvos primordiais da campanha, por ser a “castanha do Pará” um produto que com nutrientes que foram recomendados para as crianças na época. Demonstrando dessa forma que a revista *O Tico Tico* apresentava aos seus pequenos leitores questões que permeavam o cotidiano em múltiplas vertentes.

A baliza cronológica final é 1945, uma vez que este ano representou o fim do Estado Novo<sup>35</sup>, da Segunda Guerra Mundial e, por conseguinte, da Batalha da borracha na Amazônia, compreendida como uma campanha de guerra<sup>36</sup> que envolveu intensamente a imprensa tanto para o público adulto quanto para o infantil. De fato, tal conjuntura condicionou o extrativismo da borracha como um Esforço de Guerra. O período no qual a Amazônia “viveu” a chamada Batalha da Borracha estabeleceu acordos entre o Brasil e os Estados Unidos, denominados Acordos de Washington<sup>37</sup>; os quais tinham como objetivo ampliar a produção dessa matéria prima na Amazônia. Além disso, o crescimento do consumo de histórias em quadrinhos norte-americanos<sup>38</sup>, ao mesmo tempo, deu início ao declínio d’*O Tico Tico*. E, por último, aliado a todos esses processos na década de 1940 este impresso passou a ser mensal.

A revista *O Tico Tico* circulou por todo o Brasil entre 1905 e 1962. Desse modo, contribuiu significativamente na formação de novos leitores. Além disso, esse impresso infantil atuou muitos anos como modelador de opinião transmitindo ideais cívicos e morais<sup>39</sup> ao público que alcançou. Assim, conforme destacou Nelson Werneck Sodré<sup>40</sup>, a imprensa ao ser governada pelas regras do capitalismo, tende a introduzir no público consumidor valores comportamentais éticos e culturais padronizados.

---

<sup>34</sup> ALMEIDA, José Jonas. *Do extrativismo à domesticação: as possibilidades da castanha do Pará*. 2015, XX f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

<sup>35</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

<sup>36</sup> SECRETO, María Verónica. *A ocupação dos 'espaços vazios' no governo Vargas: do Discurso do Rio Amazonas à saga dos Soldados da Borracha. Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) , v. 40, p. 115-135, 2007.

<sup>37</sup> Firmado em 1942, os acordos de Washington, tinham como objetivo troca de favores entre os Estados Unidos e o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial; O primeiro prometia ajuda técnica e financeira em troca de matérias primas estratégicas. Ver mais em: SECRETO, María Verónica. Op. Cit.

<sup>38</sup> MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari. *A importância das revistas O Tico-Tico e Recreio para a história da literatura infantil e a formação de novos leitores*. Letras em Revista, Teresina, v. 03, n. 01, jan./jun. 2012.

<sup>39</sup> HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na primeira república*. Tese apresentada à faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor em História; Área de concentração: História Social. São Paulo, 2007.

<sup>40</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1991. (Introdução).

Na verdade, *O Tico Tico*, para além dos trabalhos mencionados brevemente nesta introdução, tem se constituído nos últimos anos como fonte e objeto de muitas pesquisas, teses, dissertações e artigos de diferentes disciplinas; e esses estudos serão acionados, sempre que necessário, ao longo dessa dissertação para maior compreensão da revista, do público e dos seus articulistas. E, sobretudo, para o entendimento da mentalidade e dos anseios da sociedade brasileira da primeira metade do século XX. Sem perder o foco de nossa perspectiva, que é a de analisar que leituras e imagens sobre a Amazônia foram apresentadas às crianças brasileiras.

No primeiro capítulo intitulado “Para nosso pequenos leitores” discute-se o imbricamento entre periódicos e literatura, fator atrelado ao surgimento da revista infantil *O Tico Tico* e, no sentido de localizar a revista dentro da História da Imprensa. Assim como, apresentamos a estrutura da revista *O Tico Tico*: materialidade e organização deste impresso, os objetivos da revista dentro da perspectiva de “instruir divertindo”, refletindo sobre a influência deste impresso infantil sobre o público a que se destinava. E, ainda, tentamos identificar os principais atores (envolvidos e interessados) na produção, circulação e recepção d’*O Tico Tico*, por exemplo: quem eram os leitores? Que profissionais colaboraram para criação e manutenção do periódico? O almanaque e o conteúdo dos discursos apresentados na revista, principalmente quando se tratou da amazônia também foram alvo de nossa análise nesse primeiro momento.

O segundo capítulo “Amazônia: múltiplas representações” tem como foco demonstrar que esta região tem sido interpretada por diferentes sujeitos ao longo do tempo. Além disso, relacionamos diversas fontes (relatos de viajantes; literatura infantil, documentário; iconografia e discurso oficial) aos conteúdos apresentados pela revista; visto que acreditamos que as representações da Amazônia ora, têm raízes no passado; ora, são fruto das necessidades do presente econômico e político brasileiro no qual a Amazônia se insere. Igualmente, nesse capítulo, tentamos iluminar a presença de personagens humanos na composição das narrativas textuais e imagéticas vericuladas n’*O Tico Tico*.

Por fim, no terceiro capítulo “Espaço, Natureza e Economia na Revista *O Tico Tico*”, a ênfase de nossa análise recai sobre a construção imagética e descritiva do espaço, das plantas e dos animais amazônicos. Grosso modo, identificamos que a natureza amazônica, por entre as páginas da revista *O Tico Tico*, surge em duas perspectivas, pois, os elementos e seres vivos pertencentes ao ecossistema da região são

apresentados de acordo com suas características exóticas; define-se a exuberante fauna e flora como: “bela”, “distante” “perigosa”, “estranha”. Em contrapartida, também são vistos sob o prisma econômico enquanto produtos comerciais. Tem-se como foco a utilidade de determinadas matérias primas dado as necessidades do mercado.

Nesta dissertação analisamos 98 edições da revista *O Tico Tico* e 12 almanaques do *Tico Tico*, ambos parte do acervo da Biblioteca Nacional (disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/tico-tico/153079>). Os livros: *Por que me ufano do meu país* (Afonso Celso); *A Amazônia misteriosa* (Gastão Cruls); *Hiléia Amazônica* (Gastão Cruls); *Serões da mãe preta* (Juvenal Tavares); e *Vocabulário de Crenças Amazônicas* (Osvaldo Orico).

No entanto, quando se trata de revistas ilustradas, o importante, segundo Paulo Knauss, “é renovar o olhar sobre essas publicações, detendo-se sob suas particularidades”<sup>41</sup>; e fazer com que estas sejam examinadas em profundidade de acordo com o enfoque selecionado. Dessa forma, são fontes auxiliares deste estudo: relatos de viajantes, jornais, iconografia e o discurso oficial do governo – os quais apresentam representações da Amazônia; visto que estes documentos nos revelam a existência de um conjunto de informações formado sobre a região ao longo do tempo ou gestado concomitantemente junto às edições da revista.

---

<sup>41</sup> KNAUSS, Paulo. *Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado*. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p. 40.

## Capítulo 1 ó PARA NOSSOS PEQUENOS LEITORES

A primeira edição de *O Tico Tico* do ano de 1914 veiculou na segunda página da revista uma história em quadrinhos intitulada “O ANALPHABETO”<sup>42</sup> do artista A. Rocha. Imagens e textos articulados contavam a história do menino Adolpho, de 14 anos, “que não gostava de livros” e que “quando brincava com os outros sempre queria ser o burro”. Esse é longe de ser o comportamento idealizado para crianças republicanas e que, portanto, normalmente eram rechaçados a partir da construção da “moral” das histórias publicadas em *O Tico Tico*. Assim, no decorrer da narrativa, o fato de não saber ler levou Adolpho a uma situação indesejada.

O menino foi preso e condenado a pagar uma multa de 5.000 réis, por ter transitado na linha da Estrada de Ferro Central; sendo que, a proibição desse ato era destacada em uma placa na região, mas como Adolpho não sabia ler o aviso acabou punido e, isto o fez entender a necessidade de adquirir este saber. Tratava-se de mostrar através de uma história em quadrinhos para crianças de todo o Brasil a importância da leitura. Mas, além das histórias como a de Adolpho, que tinham como objetivo formar e determinar como as crianças deveriam se comportar ou que tipo de adultos elas deveriam se tornar no futuro, também foram veiculadas em *O Tico Tico* histórias sobre as regiões do Brasil e suas especificidades.

Nesse sentido, que tipo de histórias sobre a Amazônia os articulistas d’*O Tico Tico* apresentaram aos jovens leitores brasileiros entre 1914 e 1945? Por entre as edições pesquisadas tendo como foco esta região encontramos fontes ricas descrevendo a fauna e a flora amazônica, destacando as “maravilhas da terra”, erguendo, por conseguinte, discursos valorosos para a construção de um orgulho ufanista. Entretanto, ao mesmo tempo em que o espaço amazônico foi retratado pela sua exuberância, abundância e extensão, por vezes também foi caracterizado como lugar de exotismos, construindo um discurso degenerativo do clima e do ambiente, apresentando animais selvagens e indivíduos “incivilizados”.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0431. Ano: 1914.

<sup>43</sup> O “mito” das Amazonas como forma de definição inicialmente do rio Amazonas, utilizada pelo europeu ibérico, foi marcante para construção das formas de representar a região que seria no século XIX denominada: “Amazônia”. Segundo Romero Ponte desde o século XVI este espaço é conceituado como lugar de natureza rica e de habitante monstruoso. Assim, a Amazônia é definida de forma hiperbólica positiva e negativamente. Ver mais em: PONTE, Romero Ximenes. *Amazônia ó A Hipérbole e o Pretexo*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2000.



De acordo com os aspectos mencionados, modelar é uma matéria do ano de 1919 que ocupa duas páginas, intitulada: “O Rio Amazonas – O que há de mais notável no rio-mar”<sup>44</sup>, adjetivando-o como “formidável”, de uma profundidade “espantosa”, o “mais volumoso”, o “mais largo rio da terra”. Nesta mesma edição outra narrativa textual sobre o espaço amazônico foi publicada e diz respeito a uma curiosidade: “Quem levou os mosquitos para a Amazônia? Já elles existiam lá ou foi a civilização que os carregou à proporção que entrava nas brenhas amazônicas?” a matéria de título “O amazonas tinha ‘stegomia’ antes de ser descoberto?”<sup>45</sup> discutiu sobre a epidemia de febre amarela que se instalou na região e que provavelmente teria sido causada pelo incremento da navegação a vapor; construindo uma ideia de que a modernização/civilização tem papel prejudicial em determinadas situações quando na narrativa é descrito “ahi esta a civilização sendo a causa de um flagello”.<sup>46</sup>

O texto destacou que a Amazônia sempre teve mosquitos, mas que a febre amarela foi levada pela navegação a vapor e conservada pela existência de cidades, como Manaus, já que, diferentemente dessa, cidades pequenas como Santarém no estado do Pará, segundo o periódico, continuavam imunes.

Muitas vezes, ao longo da história, os olhares e as representações acerca da Amazônia se mostraram conflitantes. Num mesmo exemplar de *O Tico Tico*, como o último analisado, pôde ser exaltada a exuberância do rio e, ao mesmo tempo, veicular informações que discutiam as questões de saúde pública local. Nesse ínterim, pode-se inferir que o periódico transmitiu aos leitores problemas e realidades sociais das cidades e florestas amazônicas<sup>47</sup>.

Entretanto, o exotismo da região era simultaneamente apresentado nas matérias e pode ser entendido como similar ao veiculado na seção: “D’aqui, D’ali, D’acolá”. No texto de título “Os jacarés”<sup>48</sup> a narrativa descreveu que poucos lugares no Brasil

<sup>44</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0739. Ano: 1919.

<sup>45</sup> Ibid. p. 23.

<sup>46</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0739. Ano: 1919.

<sup>47</sup> Júlio Schweickardt e Nísia Lima discutem a partir de diferentes perspectivas sobre a natureza e sociedade no Estado do Amazonas, refletindo sobre representações criadas sobre a região e, principalmente, no que diz respeito às políticas públicas relacionadas à saúde acionando debates científicos relativos à medicina tropical no estudo e tentativa de combate de doenças como a malária e a febre amarela. Ver mais em: SCHWEICKARDT, Julio César. LIMA, Nísia Trindade. *Do inferno florido à esperança do saneamento: ciência, natureza e saúde no Estado do Amazonas durante a Primeira República (1890-1930)*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 5, p. 399-415, 2010.

<sup>48</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0745. Ano: 1920.

possuíam jacarés como o Pará e o Amazonas. Os jacarés da Amazônia<sup>49</sup>, descritos no texto d'*O Tico Tico*, são particularmente agressivos (sic)”. Os jacarés viram as embarcações com suas “rabanadas”, e “não respeitam os homens”. As histórias carregam um tom que flerta com o fantástico, o pitoresco, por exemplo, no modo que é descrito que as fêmeas chocam os ovos nas praias no período de “vasante”: “diz o povo que ellas chocam com os olhos”.

Mas, não só os animais da região são apontados como exóticos. Os habitantes amazônicos também são conformados dessa maneira. Modelar é uma nota veiculada em 1920 afirmando que a imaginação dos índios vivia “cheia de lendas” como a que intitulava a matéria: “A LENDA DO SETE-ESTRELLA”<sup>50</sup>. Assim, o texto descreveu que segundo o “Dr. Barbosa Rodrigues” a história seria transmitida para as crianças “na simplicidade rude da narrativa indígena”:

Conta o Dr. Barbosa Rodrigues que os índios do Amazonas afirmam que nos primeiros dias em que as sete-estrelas, ao anoitecer, estão ainda baixas no horizonte, os pássaros dormem nos poleiros; que, quando aparecem, trazem sempre muita friagem e chuva; que as cobras deixam de ser venenosas quando a constelação desaparece; que devem cortar os ubas para as flechas antes de seu aparecimento (sic).<sup>51</sup>

De certa forma, acabavam apresentando-os como sujeitos de imaginação fértil e pueril, e ainda criava-se uma dicotomia entre os sujeitos presentes na narrativa: o “Dr.” como indivíduo “civilizado” e o “índio” como o “selvagem”; fazendo com que as crenças que permeiam a cultura indígena sejam diminuídas frente ao modelo de sociedade moderna e “civilizada”. Percebemos que a própria narrativa verifica permanências na forma como são apresentados estes sujeitos, pois o texto iniciou com a afirmação: “A imaginação dos índios vivia cheia de lendas, nos primeiros dias da colonização. Ainda hoje é a mesma cousa (sic)”<sup>52</sup>.

Os apontamentos sobre as representações veiculadas n'*O Tico Tico* da região e dos habitantes da Amazônia são exemplos que vão ao encontro ao nosso intuito com essa dissertação que é o de analisar, problematizar e confrontar as narrativas escritas e visuais sobre a Amazônia e, portanto, terão análises mais aprofundadas nos próximos capítulos dessa dissertação. Uma vez que, nesse primeiro capítulo, entraremos em

---

<sup>49</sup> As histórias que trazem como temática os animais da Amazônia terão discussões mais aprofundadas em outro momento da dissertação.

<sup>50</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 750. Ano: 1920.

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> Ibid. p. 11.

discussões que nos permitam conhecer, primeiramente, o estabelecimento de uma literatura voltada para criança e o papel da imprensa nesse ínterim.

Além disso, tentaremos definir os objetivos deste impresso aliado ao suporte material da revista *O Tico Tico* que os põe em utilização; discute-se também de que forma se constituiu o processo de criação das narrativas pelos articulistas; o público que se visava alcançar, isto é, para qual criança a revista era produzida? Objetiva-se também verificar se os discursos transmitidos coadunavam ou não com enunciados propagados por outros suportes do período e, com os planos do Estado brasileiro para região amazônica.

Para além da análise da revista em si, os trabalhos que tiveram esse impresso infantil como objeto nos ofereceram pistas sobre as questões postas. Em grande medida, a bibliografia tem sido categórica ao afirmar a influência da revista na formação de novos leitores bem como esta difundiu o gosto pela leitura<sup>53</sup>. Mais que isso, a missão de educar, aconselhar e formar pequenos brasileiros de acordo com ideais cívicos e morais era tão importante quanto o de entretê-los e diverti-los. Equilibrando instrução e divertimento *O Tico Tico* circulou entre 1905 e 1962 em todo o Brasil, assim como em países como Portugal e Espanha, como revelou as informações sobre a possibilidade de assinaturas no exterior, presente nos editoriais do impresso e a publicação de fotografias de crianças oriundas de outros países, principalmente europeus e dos Estados Unidos.

Desse modo, a contribuição deste impresso infantil no que diz respeito à formação de novos leitores e à criação de uma massa consumidora infantil foi notável, criando para si um tipo de indústria cultural<sup>54</sup> em torno do ato de ler, primeiro por atuar

---

<sup>53</sup> MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari. *A literatura infantil além do livro: contribuições do jornal português O senhor doutor e da revista brasileira O Tico Tico*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2012; ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. *A revista ãO Tico-Ticoã e a escrita infantil em circulação no encarte ãMeu Jornalõ: seus autores e leitores (1935-1940)*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015; VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). *O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica, 2005. PATROCLO, Luciana Borges. *As mães de famílias futuras: a revista o tico-tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921)*. Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação. 2015; ALMEIDA, Cintia Borges de; COSTA, Aline Santos. *Para a Petizada Inocente: encanto, diversão e lições de conduta na revista O Tico Tico (1905-1910)*. Revista Teias v. 16 • n. 41 • 54-71 • (abr./jun. - 2015): Infância, Literatura e Educação. 2015; OLIVEIRA, Gisele Cunha & VELOSO, Geisa Magela. *Interdição de leitura e prescrição de textos para a infância e juventude montes-clarense (1920-1950)*. Hist. Educ. (Online) Porto Alegre v. 20 n. 50 Set./dez., 2016 p. 243-257.

<sup>54</sup> A Indústria Cultural, termo cunhado por Theodor Adorno em 1947, é fruto da expansão do capitalismo e produzida por ele; enquanto que a cultura popular surge espontaneamente. Ver: COSTA, Jean Henrique. *A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno*. Trans/Form/Ação vol.36 no.2 Marília May/Aug. 2013.

sem concorrência no início do século e depois ao criar a Biblioteca *O Tico Tico* nos anos 1930<sup>55</sup>, responsável pela publicação de várias obras. De fato, a leitura apareceu como prática fundamental, em uma edição do ano de 1937, no suplemento “Gavetinha do saber”, parte do encarte “Meu Jornal”. A afirmação vem de um dos pequenos leitores do impresso: “Devemos ensinar aos que não sabem, a ler e a escrever”<sup>56</sup>. Segundo Patrícia Alencar<sup>57</sup>, o aumento da demanda leitora de impressos, especialmente, semanários e revistas ilustradas, coincide com a expansão da escolarização no Brasil. Grosso modo, isso permitiu modificações tanto no que se refere à aprendizagem de leitura, quanto nos usos e nas práticas sociais que ela impõe. Nessa perspectiva, Zilberman, a partir de um prisma capitalista afirma que a leitura:

Cooperou para acentuar a clivagem social, sem, contudo, revelar a natureza de sua ação, pois colocava o ato de ler como um ideal a perseguir. O ainda não leitor apresenta-se na situação primitiva de falta, que lhe cumpre superar, se deseja ascender ao mundo civilizado da propriedade, por consequência, do dinheiro e da fortuna.<sup>58</sup>

De fato, a história da leitura relaciona-se ao capitalismo desde a prática puramente econômica até no que se refere à dimensão e difusão de representações. De acordo com Roger Chartier<sup>59</sup> não há prática ou estrutura que não seja produzida por representações. E a partir da construção de representações os indivíduos atribuem sentido ao mundo em que vivem. Além disso, Chartier considera que a leitura “é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos”<sup>60</sup>, pois a clivagem não consiste somente entre os que podem ler e os que não podem, porque os que leem não o fazem de forma semelhante. O ato de ler envolve desde as expectativas em torno do texto até os procedimentos de interpretação e compreensão. Trataremos, assim, nesse primeiro momento da dissertação, de entender a multiplicidade de processos que perpassam produção e consumo desse periódico, uma vez que estes dispõem de imbricações

---

<sup>55</sup> Entretanto, desde os primeiros anos de existência a revista divulgava todo tipo de literatura infantil, não só as que compunham as páginas do periódico.

<sup>56</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1676. Ano: 1937. p. 21.

<sup>57</sup> Na sua dissertação de mestrado a autora analisou textos escritos de crianças leitoras de *O Tico Tico* veiculados no encarte Meu Jornal com o objetivo de verificar a proposta de formação educacional difundida por esse impresso entre 1935-1940. Ver em: ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. *A revista ãO Tico-Ticoã e a escrita infantil em circulação no encarte ãMeu Jornalã: seus autores e leitores (1935-1940)*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.

<sup>58</sup> ZILBERMAN, Regina. *A leitura no Brasil: sua história e suas instituições*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html>. Acesso em: 07/11/2017.

<sup>59</sup> CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Revista Estudos Avançados. V.5, n. 11. Abril, 1991.

<sup>60</sup> Ibid p. 7.

relevantes para a análise dos conteúdos veiculados sobre a Amazônia na revista *O Tico Tico* entre 1914 e 1945.

### 1.1ó Imprensa e Literatura Infantil no Brasil

Desde a implantação da República, o apoio da imprensa e de intelectuais que formavam a opinião pública foi (e tem sido) fundamental para que permanecesse o domínio político de oligarquias. Segundo Tania de Luca, os intelectuais brasileiros “subordinavam-se, não raro, às demandas políticas das facções oligárquicas proprietárias dos jornais e que igualmente detinham as chaves que controlavam o acesso ao cenário da política”<sup>61</sup>. Fortalecendo essa perspectiva, a partir de 1900 o Estado não só abrigou em seu prédio a Academia Brasileira de Letras, como subsidiava a publicação das obras<sup>62</sup> de vários escritores. Desse modo, Olavo Bilac, um dos principais cronistas cariocas, que também teve textos<sup>63</sup> veiculados em *O Tico Tico*, constituiu-se um dos principais defensores da Regeneração<sup>64</sup>. Na verdade, a produção intelectual no início do século XX ganhou força justamente por conta do crescimento populacional, o que refletiu simultaneamente na ampliação do público leitor, e no aumento da aquisição e circulação de livros e periódicos<sup>65</sup>.

Dessa forma, os intelectuais passaram a exercer o papel de formadores da opinião pública até porque o universo jornalístico passou a ser uma das fontes de renda dos escritores. Ainda que o trabalho para imprensa tenha sido visto como algo menor, as imposições dos jornais e revistas a partir de demandas específicas relacionadas ao tempo e a materialidade do suporte modificaram e/ou atribuíram novos sentidos ao

---

<sup>61</sup> LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). “Fontes Históricas”. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153. p. 124.

<sup>62</sup> Ver: SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. *Estudos de Literatura e Imprensa*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2014.

<sup>63</sup> A edição de número 0852 de 1921, na seção “Escotismo”, apresentou um texto a respeito de educação e qualificou Bilac como “poeta do civismo”.

<sup>64</sup> Regenerar pode ser entendido como sinônimo de civilizar. Segundo Luciana Patroclo, os intelectuais desse período assumiram a missão de regenerar a pátria. As revistas ilustradas, como símbolos da modernidade, foram consideradas importantes neste projeto de nação; assim, os discursos transmitidos por elas ao público infantil refletiam formações diferenciadas para meninos e meninas brasileiros. Os meninos seriam os chefes e futuros dirigentes do amanhã, já às meninas caberia o papel de mães de famílias futuras, destinadas às atividades do lar. Ver mais em: PATROCLO, Luciana Borges. *As mães de famílias futuras: a revista o tico-tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921)*. Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação. 2015.

<sup>65</sup> SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. Op. Cit. p. 21.

processo de escrita dos homens das letras. De acordo com Ligia Menna<sup>66</sup>, a mídia impressa possibilitou que muitos literatos brasileiros pudessem deixar suas marcas na história da literatura.

O vínculo entre a modernidade e os jornais diários ou revistas ilustradas<sup>67</sup>, no início do século XX, deve ser visto sob a ótica da evolução do maquinário utilizado na produção estética por meio da evolução gráfica e de novas técnicas de impressão, mas também pelas características literárias e culturais. Assim, conforme propõe Patrícia Alencar: “a noção de moderno estava centrada no fim do regime monárquico e no início do progresso brasileiro. Era através das páginas dos periódicos e das revistas como ‘O Tico-Tico’ que estas mudanças deveriam ser divulgadas”<sup>68</sup>. Sendo assim, iluminar o entrelaçamento da imprensa e da literatura para o universo infantil permite estabelecer a revista *O Tico Tico* como objeto representativo importante, pois além de veicular grande variedade de temas em cada edição, caracterizou-se como um periódico de incentivo à literatura para infância e, mais do que isso, alcançou o lar e povoou a imaginação de crianças brasileiras desde o início até meados do século XX.

Entretanto, antes do lançamento d’*O Tico Tico*, com relação à educação infanto-juvenil, os textos transmitidos aos jovens leitores brasileiros eram, em grande medida, originários de publicações estrangeiras<sup>69</sup> – adaptados ou imitados. Vale ressaltar a obra “A educação nacional” (1890), de José Veríssimo<sup>70</sup> – este autor se qualificou como leitor e admirador d’*O Tico Tico*, posteriormente.<sup>71</sup> José Veríssimo intencionava fomentar com a obra mencionada certo orgulho nacional, pois acreditava que a educação pública poderia contribuir para construção de um “espírito brasileiro” e, por conseguinte, para desejada regeneração nacional.

---

<sup>66</sup> MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari. *A literatura infantil além do livro: contribuições do jornal português O senhor doutor e da revista brasileira O Tico Tico*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2012.

<sup>67</sup> ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a serviço do progresso*. In: MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA, Tânia Regina (Orgs.). “História da Imprensa no Brasil”. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83-102.

<sup>68</sup> ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. *A revista ãO Tico-Ticoö e a escrita infantil em circulação no encarte ãMeu Jornalö: seus autores e leitores (1935-1940)*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015. p. 20.

<sup>69</sup> Ainda que *O Tico Tico* insira conteúdos que tratem de temas nacionais, não deixaram de ser veiculadas narrativas com influências estrangeiras na revista. As imagens e os textos não são livres de influências externas como acontece no caso do personagem “Chiquinho”, decalcado na revista em seus primeiros anos ou a veiculação das histórias de Mickey Mouse como “ratinho curioso” nos anos 1930.

<sup>70</sup> Na edição da revista *O Tico Tico* de número 1646 do ano de 1937, “Suplemento do ‘Meu jornal’”, na seção “Gavetinha do Saber” destacou-se a naturalidade paraense de José Veríssimo, ano de nascimento e morte, e como “o mais rigoroso crítico do seu tempo”, na opinião de um dos pequenos leitores.

<sup>71</sup> VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). “O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil”. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

Diversos escritores seguiram o conselho de Veríssimo entre 1894 e 1919<sup>72</sup>. Desse modo, as obras destinadas à infância deste período buscaram contribuir para integração do espírito nacional. Os livros didáticos e paradidáticos tinham o objetivo de formar brasileirinhos, afastando ideias separatistas que colocariam em risco a unidade nacional. Para isso, era necessário apresentar o Brasil em sua plenitude e, sobretudo, as maravilhas da terra. Nesse processo também eram selecionados criteriosamente os episódios que deveriam ser lembrados, e que seriam apresentados às crianças; e, aqueles que deveriam ser deixados a mercê do tempo porque não se articulavam com os objetivos e preocupações da época. Ou seja, eram projetadas sobre o passado da nação as necessidades do presente.

De fato, pode-se dizer que as crianças dos primeiros anos da República foram doutrinadas por obras de cunho patriótico como: “A pátria brasileira” de Coelho Neto e Olavo Bilac ou “Porque me ufano do meu país” de Afonso Celso.<sup>73</sup> Partilhando dos mesmos princípios, textos e imagens permeados de conteúdos que expressavam sentimentos nacionalistas seriam novamente utilizados, anos mais tarde, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas.

Na conformação de uma literatura infantil brasileira Monteiro Lobato surgiu como figura emblemática, pois assumiu o papel de escritor e editor ao mesmo tempo, estando a frente da *Revista do Brasil* e depois a *Monteiro Lobato e Cia*. Segundo Marisa Lajolo, Monteiro Lobato tinha como diferencial o fato de enxergar o leitor “como território a ser conquistado, a partir da criação de mecanismo de circulação entre obra e público”<sup>74</sup>. De fato, os periódicos se apresentam como fontes ricas, porque nos permitem refletir concomitantemente acerca da imprensa e da literatura – adulta ou infantil.

Então, como afirmamos anteriormente, a literatura infantil brasileira até a primeira metade do século XX era divulgada e experimentada primeiramente nos jornais e nas revistas, na intenção de tornar os textos conhecidos, assim como avaliar o interesse do público. O livro era utilizado como suporte ideal para educação escolar formal e os jornais e revistas cumpriam a missão de veicular conhecimento de forma

---

<sup>72</sup> Entre eles: Olavo Bilac, Coelho Neto, Figueiredo Pimentel, Júlia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira, Manuel Bonfim, Zalina Rolim, João Köpke, Arnaldo Barreto, Presciliana D. de Almeida, conde de Afonso Celso, Virgílio Cardoso de Oliveira, João Viana de Almeida, Osório Duque-Estrada, Rocha Pombo, Afrânio Peixoto e Tales de Andrade.

<sup>73</sup> SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. p. 77-78.

<sup>74</sup> LAJOLO, Marisa. *A modernidade em Monteiro Lobato*. Letras de hoje, 15 (3): 15 – 22. In: <http://revistaseletronicas.puocs.br/ojs/index.php/fale/article/view/18022/11584>. Acesso em 10/11/2017.



lúdica e recreativa; mas, ainda assim, as informações e os conhecimentos transmitidos nos periódicos não podiam distanciar-se das concepções educativas e morais propagadas na escola. Desse modo, *O Tico Tico* possuía o objetivo de instruir divertindo ou vice-versa desde sua criação. Nesse sentido, Lígia Menna ressalta que:

É no início do século XX, até meados dos anos 40, que encontramos o auge da veiculação de gêneros literários em suplementos, jornais, almanaques e revistas para crianças, dividindo espaços com uma crescente inclusão de Histórias em Quadrinhos (HQ), por uma visível influência dos *Comic books* americanos.<sup>75</sup>

Esse momento de intensa divulgação de publicações destinadas ao público infantil caracterizou-se como crucial para formação de novos leitores. Mas, conforme afirma Regina Zilberman, a história da leitura ultrapassa a história da literatura na medida em que avança para além do texto; pois, a história da leitura tem a necessidade de lidar com, pelo menos: uma instituição (a escola); uma técnica (a escrita); uma tecnologia (meio físico da escrita)<sup>76</sup>. Ou seja, neste trabalho, esses temas surgem em emaranhados e serão analisados concomitantemente; já que o fortalecimento da Educação Básica na República abriu horizonte e mercado para esse segmento editorial<sup>77</sup>, bem como o aumento de impressos infantis contribuiu para o gosto e aprendizado da leitura.

Destacamos anteriormente que a produção da literatura infantil, no início do século XX, era fortemente marcada pelo desejo de integrar o espírito nacional. No entanto, o corte cronológico desta dissertação compreende os anos entre as duas Grandes Guerras: 1914 e 1945. Isto é, perpassa praticamente a primeira metade do século XX. Diante disso, ressaltaremos os anos que compreendem o Estado Novo, e em escala global a Segunda Guerra Mundial, pois foram processos históricos caracterizados, novamente, por uma intensa doutrinação patriótica e pela transmissão de discursos ufanistas por meio da imprensa.

Maria Helena Capelato enfatiza que através de uma legislação específica, a Constituição brasileira de 1937, legalizou a censura prévia aos meios de comunicação. Dessa forma, a imprensa tornou-se “instrumento do Estado e veículo oficial da

---

<sup>75</sup> MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari. *A importância das revistas O Tico-Tico e Recreio para a história da literatura infantil e a formação de novos dos leitores*. Letras em Revista, Teresina, v. 03, n. 01, jan./jun. 2012. p. 5.

<sup>76</sup> ZILBERMAN, Regina. *A leitura no Brasil: sua história e suas instituições*. (online). Ver em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html>. Acesso em: 11/11/2017.

<sup>77</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Sob a Rúbrica Infantil*. In: MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ideologia Estadonovista”<sup>78</sup>. Nesse sentido, elucidaremos que no início do governo de Getúlio Vargas, podemos perceber o forte caráter educativo e patriótico da revista *O Tico Tico* por meio de uma matéria da revista, datada de 21 de novembro de 1937. Assim, na seção “Lições do vovô” veiculou-se a mensagem:

Só pelo estudo, meus netinhos, só pelo trabalho honesto e eficiente, é que cada um de vocês, agindo com disciplina, com ordem, com educação, com patriotismo, há de se tornar um bom cidadão. O Brasil, na hora de construção que passa, precisa da ajuda de todos os seus filhos e vocês, patriotas, valores do futuro, deverão dar o contingente de sua dedicação à Pátria, honrando-a.<sup>79</sup>

A verdade é que nesse período a revista apresentou discursos que transmitiam a necessidade de formar crianças obedientes, disciplinadas<sup>80</sup>, cristãs – que no futuro pudessem atender ao modelo de trabalhador idealizado no bojo do Estado Novo. Assim como discursos, que incentivavam um orgulho ufanista pelas belezas naturais do Brasil. Patrícia Hansen<sup>81</sup>, destacou que justamente a união desses fatores (criança disciplinada e amor pela pátria) resultaria na desejada modernização da sociedade, revigorando o discurso civilizador e modernizante ambicionado desde o advento da República.

Pode-se perceber o elogio exacerbado pela natureza brasileira, por exemplo, através do “texto-resposta” à seção “Por que me orgulho de ser brasileiro?”. Diante da questão, numa edição d’*O Tico Tico* de 1943, apresentou-se o seguinte argumento: “Porque o Brasil é o resumo orquestral do mundo. Possui quase todos os climas, variadíssima fauna e inimitável flora. Reúne o cenário paradisíaco da Amazônia”<sup>82</sup>. A partir dos anos 1930 até fins do século XX uma das grandes preocupações do Estado Brasileiro consistia em garantir a unidade do território. Segundo Lúcia Oliveira, buscava-se a integração dos “espaços” do Brasil através dos meios de comunicação<sup>83</sup>. Portanto, nosso propósito consiste em entender como as narrativas escritas e imagéticas veiculadas para crianças por meio da imprensa tem representado a Amazônia, tendo

<sup>78</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no Varguismo e Peronismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 79.

<sup>79</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1677. Ano: 1937.

<sup>80</sup> Cristiani da Silva, ao analisar o periódico escolar “A criança brasileira” entre 1942 e 1945 propõe que este impresso além de atuar como veículo de nacionalização exaltava, assim como *O Tico Tico*, a figura de Getúlio Vargas e os projetos do Estado Novo; e, aliado a isso, trazia prescrições do que seria o “bom comportamento”. Ver em: SILVA, Cristiani Bereta da. *Cultura escolar e cultura política: projeto de nacionalização e o jornal escolar a criança brasileira (santa catarina, 1942-1945)*. Hist. Educ. (Online). Porto alegre, v. 17, n. 40, Maio/ago. 2013. P. 175-195.

<sup>81</sup>HANSEN, Patrícia. *A arte de formar brasileiros*. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/a-arte-de-formar-brasileiros>. Acesso em: 11/11/2017.

<sup>82</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1894. Ano: 1943.

<sup>83</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Natureza e identidade: o caso brasileiro*. Desigualdade e diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, n°9 ago/dez, 2011, pp. 123-134.

como objeto de análise principal a revista *O Tico Tico*, que será apresentada nesse momento da dissertação.

## 1.2 ó A Revista *O Tico Tico*

A revista infantil *O Tico Tico*<sup>84</sup>, *semanário das crianças*, (1905-1962) foi idealizada pelo jornalista e caricaturista Renato de Castro, o poeta Cardoso Junior, e o professor e jornalista Manuel Bonfim. Entretanto, quem concretizou o projeto<sup>85</sup> foi Luís Bartolomeu de Souza e Silva<sup>86</sup>, responsável pela editora Sociedade Anônima *O Malho*<sup>87</sup>, localizada no Rio de Janeiro. O modelo jornalístico que *O Tico Tico* incorporou foi o de revista ilustrada de variedades. Este impresso teve como fonte de inspiração a revista francesa “La Semaine de Suzette” (1905-1960)<sup>88</sup>. Tal formato se evidenciou aprovado pela recepção do público e, ao mesmo tempo, atendeu à carência em relação às publicações destinadas ao público infantil. Segundo Patrícia Alencar, o suporte das revistas ilustradas, como é o caso da revista *O Tico Tico*, tinha como algumas de suas principais características: veicular ampla variedade de temas, possuir formato leve e, além disso, utilizar constante e intensamente ilustrações, fotografias, dentre outros recursos imagéticos.<sup>89</sup>

Roger Chartier afirma que “não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não

---

<sup>84</sup> Existem duas versões sobre o nome da revista. A primeira é de que *O Tico Tico* seria um dos pássaros criados na casa do editor Souza e Silva. A segunda diz que o nome foi colocado por Bonfim em referência as escolas primárias que eram chamadas de escolas “tico tico”. Ver em: JUNIOR, Gonçalo. *Paixão Juvenil*. “Revista Nossa História”. Ano 2/ n° 24. Outubro, 2005.

<sup>85</sup> Patroclo faz uma discussão complexa sobre o contexto de criação da revista e o papel de cada um desses articulistas para o nascimento deste impresso infantil. Ver em: PATROCLO, Luciana Borges. *As mães de famílias futuras: a revista o tico-tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921)*. Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação. 2015.

<sup>86</sup> No que diz respeito à trajetória de Souza e Silva ressalta-se a passagem pela Escola Militar de Praia Vermelha e o ingresso no Batalhão dos jovens republicanos. O jornalista escreveu vários artigos criticando o regime de 15 de novembro, o que fez com que fosse preso no episódio da Revolta Armada. Segundo Guilherme Tenório, a Escola Militar de Praia Vermelha era “o local de gestação de uma cultura política centrada na ideia do soldado-cidadão, responsável por liderar o processo de inclusão do povo de forma disciplinada”. Ver mais em: TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Ze Povo Cidadão: humor e políticas páginas de O Malho*. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em História, 2009.

<sup>87</sup> O malho é também o nome de outra revista da Editora. A revista ilustrada *O Malho* era, assim como *O Tico Tico*, publicada semanalmente entre 1902 e 1954. Ficou reconhecida pelas charges e caricaturas que ironizavam o cenário político nacional da época.

<sup>88</sup> VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). *O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

<sup>89</sup> ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. *A revista õO Tico-Ticoõ e a escrita infantil em circulação no encarte õMeu Jornalõ: seus autores e leitores (1935-1940)*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015. p. 35.

dependa das formas pelas quais atinge o leitor”<sup>90</sup>. Nesse sentido, tanto o texto quanto o suporte são criados para atender a diversas utilizações, desde a mais simples como o manuseio até na construção de práticas culturais. Portanto, nesse momento trataremos não só da materialidade<sup>91</sup> na qual era apresentada a revista *O Tico Tico*, mas das múltiplas características desse impresso infantil; publicado sempre às *quartas-feiras* para as crianças de todo país. A revista era impressa em papel tipo jornal e o formato utilizado correspondia ao adotado, por exemplo, desde 1993 até hoje pela revista *Caras*: tamanho 22,5x 31,5, por ser adequado para o uso de fotografias, permitindo assim qualidade de visualização das imagens<sup>92</sup>. Até a década de 1920 a quantidade de páginas oscilava entre 20 e 30 páginas por edição.

O primeiro logotipo da revista, que será apresentado na imagem a seguir, foi criado pelo italiano Angelo Agostini, ilustrador que contribuiu durante anos com suas criações para este impresso e nome expressivo no que diz respeito às narrativas sequenciais no Brasil. O cabeçalho de Agostini desenhado sobre pedra litográfica foi mantido até 1918. Os querubins entre as letras que compõem o título da revista remetem à ideia da inocência e pureza da infância<sup>93</sup>.

---

<sup>90</sup> CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. “Revista Estudos Avançados”. V.5, n. 11. Abril, 1991. p. 11.

<sup>91</sup> Segundo Tania de Luca a apresentação física e estruturação do conteúdo dos impressos estão relacionados aos sentidos assumidos pelo periódico no momento de sua circulação. Para esta autora “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto as condições técnicas de produção vigente e a averiguação, dentre tudo que se dispunham, do que foi escolhido e por quê”, pois a materialidade dos impressos e de seus suportes são permeados de intenções. LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos* (1a ed. 2005; 2a ed. 2006, 2a ed. 1a reimpressão 2008). In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). “Fontes Históricas”. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153. p. 132. Ainda sobre a discussão de materialidade de impressos, ver também: MENEZES NETO, Geraldo Magella de. *Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina editora de folhetos de cordel (1922-1949)*. Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia. Belém, 2012.

<sup>92</sup> ALENCAR, Op.Cit. p. 37.

<sup>93</sup> GONÇALVES, Roberta Ferreira; GOMES, Ivan Lima. *Imagens de uma República infantil: Angelo Agostini nas revistas O Malho e O Tico-Tico. ãRevista Maracanan*”, publicação dos docentes do PPGH-UERJ, vol. 12, n.14, p. 225-240, jan/jun 2016. p. 232.



**Figura 1:**  
Logotipo da edição 0431 do ano de 1914.

A revista *O Tico Tico* durante um longo tempo manteve seções que agradavam a todos os gostos, veiculando: literatura, histórias em quadrinhos, passatempos, concursos, propagandas, dentre outros conteúdos; preenchidos de informações sobre conhecimento histórico, geográfico, artístico, matemático, artesanal, abrangendo ao máximo os aspectos pertinentes à educação de meninas e meninos brasileiros. Vale ressaltar a veiculação de propagandas destinadas não só às crianças, mas às mães concomitantemente.

Eram seções regulares em 1914: “Viagens e Aventuras”, “Lição do vovô”, “Gaiola d’O Tico Tico”, “Histórias e Legendas”, “Seção para meninas”, “Histórias de bichos”, “Vida Social Infantil”, “Correspondência do Dr. Sabetudo”, “Os nossos concursos”, “Romance de Aventuras”, “Sports do Tico Tico”, “Animais Curiosos”. Nesse período a redação e administração da revista eram localizadas no endereço: Rua do Ouvidor (RJ), n. 164. O impresso era vendido “avulso” por 200 réis, entretanto, em caso de atraso o valor aumentava para 500 réis; e cada edição possuía uma média de 30 páginas. No editorial eram apresentadas as condições de assinatura, da seguinte forma:

Interior		Exterior	
<b>1 ano</b>	11\$000	<b>1 ano</b>	20\$000
<b>6 meses</b>	6\$000	<b>6 meses</b>	11\$000

**Revista *O Tico Tico*. Edição 0431, ano 1914.**

Os valores apresentados na tabela foram retirados da capa da edição de 0431 veiculada em 1914<sup>94</sup>. As assinaturas podiam começar em qualquer tempo, mas deveriam terminar em junho ou dezembro de cada ano e não eram permitidas assinaturas por menos de 6 meses<sup>95</sup>. A importância, isto é, o valor a ser pago pela assinatura deveria ser remetido em carta registrada ou vale postal para o endereço: Rua do Ouvidor, 164 - A sociedade Anonyma O Malho. Em verdade, um exemplar desse impresso podia ser adquirido por 200 réis durante os 14 primeiros anos de circulação da revista. Tal preço, nos valores da época, era suficiente para compra de alguns pães ou pagamento de pequenos serviços como de entregador<sup>96</sup>.

Sobre o preço, podemos comparar com o valor de outros produtos propagandeados na própria revista na época; “Oideu”, remédio para enfermidade nos olhos, custava: 10\$; perfume “Rosa Branca”: 600 réis; chapéu infantil: 1\$500; “Garçonnet”: 12\$ e “Costume” 11\$. Ou seja, ainda que *O Tico Tico* tivesse como público-alvo crianças da elite ou de classe média, o valor de venda da revista tornava possível que crianças de diferentes classes e condições financeiras adquirissem-na.

No que se refere às mudanças ao longo dos anos, a edição de número 0940 do ano de 1923 passou a apresentar o novo logotipo da capa, que não mais apresentava anjinhos lendo jornal e/ou o passarinho *O Tico Tico* entre as letras que compunham o título do impresso, mas sim os principais personagens das histórias d’*O Tico Tico*. O novo “cabeçalho” também apresenta personagens com características abrazeiradas, como por exemplo, o papagaio ou menino Benjamin.

---

<sup>94</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0431. Ano 1914.

<sup>95</sup> Posteriormente, as assinaturas poderiam vir a ser constituídas de até no mínimo 3 meses.

<sup>96</sup> ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa de pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSEF, 2002. p. 25-26. Ver também: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). “O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil”. São Paulo: Opera Graphica, 2005.





**Figura 2:**  
Logotipo da edição 0940 do ano de 1923.

Na década de 1930 *O Tico Tico* mantinha na capa a frase na qual afirmava que o impresso publicava o retrato de todos os leitores, ainda que não em todas as edições. Em 1935 foi lançado o Encarte “Meu jornal – Orgão dos Leitores d’O Tico Tico”, que tinha “Chiquinho”, personagem mais longo e famoso d’*O Tico Tico*, como o “diretor”, e os colaboradores eram todos que quisessem, pois “a creança (sic) diz no jornal o que quer”; deste Encarte, uma seção muito popular era a “Gavetinha do Saber”, suplemento do “Meu Jornal”.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, como escreveu o Poeta Luís de Camões. Portanto, mais mudanças! No exemplar de *número 1411* do ano de 1932 modificou-se novamente o logotipo d’*O Tico Tico*. Entretanto, apesar da mudança no design o “cabeçalho” continuava a apresentar os personagens que apareciam regularmente nas narrativas veiculadas e, ao lado desses, temos a inclusão de personagens estrangeiros norte-americanos como “Felix, o Gato” e o Mickey Mouse, vulgo “Ratinho Curioso”.



**Figura 3:**  
Logotipo da edição 1411 do ano de 1932.

Nos anos 1930 a revista passou a custar no Rio de Janeiro 500 réis e nos demais estados 600 réis. Novamente, comparando o preço da revista aos produtos, que eram

alvo de propaganda da época neste impresso, verificou-se que: o livro “Sã maternidade” do autor “Dr. Arnaldo Moraes”, dedicado às mães custava: 10\$000; o esmalte “Rubi Oriental”: 4\$000 e o sabonete “Dorly”: 3\$000. Ainda como revista semanal, os valores das assinaturas continuavam diferindo do Brasil para outros países; apresentam-se os valores da tabelar a seguir:

<b>Brasil</b>		<b>Estrangeiro</b>	
<b>1 ano</b>	25\$000	<b>1 ano</b>	60\$000
<b>6 meses</b>	13\$000	<b>6 meses</b>	35\$000

**Revista O Tico Tico. Edição 1265, ano 1930.**

Nesse período a revista ficou a cargo de A. de Souza e Silva e o Editor-Chefe era Carlos Manhães. Além disso, o editorial observava que as assinaturas começariam sempre no 1º dia do mês em que foram adquiridas e seriam aceitas somente anual ou semestralmente. Toda a correspondência, assim como toda remessa do dinheiro deveria ser dirigida a Sociedade Anonyma O Malho, localizada no endereço: Rua Sachet, 34 – Rio de Janeiro. Ou para o Endereço de São Paulo, onde era dirigida pelo Dr. Plínio Cavalcanti, na Rua Senador Feijó, 8º andar.

A pesquisa indica que desde a última edição do ano de 1939 tornaram-se mais elaboradas as capas d’*O Tico Tico* e as ilustrações ocupavam a página inicial completa. Na verdade, somente nesse momento pode-se caracterizar de fato como capa. O tema das capas era criado a partir dos assuntos veiculados na edição que compunha, e, assim, deixou de ter o famoso “cabeçalho”, separado na parte superior, seguido de uma das histórias que, normalmente, seria continuada em outra página aleatória. A capa destacada, a seguir, é da edição de 1884 de 1942 e não só demonstra a nova estética na qual estava sendo apresentada a revista, mas é bastante representativa para o trabalho; uma vez que permeia parte das discussões feitas nessa dissertação. Posto que questões de escala local, nacional e global não deixaram de ser retratadas por objetos midiáticos como *O Tico Tico* também às crianças brasileiras.





**Figura 4:**  
Capa e recorte da página 3 da edição 1884 do ano 1942.

A capa representou dois soldados, um deles com a bandeira do Brasil em punho. Na seção “Lições do vovô”, a narrativa descreveu que no mês de novembro existem três datas para comemorar: a Proclamação da República; a de criação da Bandeira do país e, especialmente da Instituição do Estado Nacional. “Vovô” alertou seus “netinhos” sobre a guerra, e frisou os deveres e as responsabilidades de cada um deles. Dessa forma, foram exaltados os princípios: “de disciplina, de ordem, de unidade, de coesão para a nacionalidade”<sup>97</sup>; estabelecidos nesse momento de guerra como virtudes. O texto foi acompanhado de uma ilustração do presidente Getúlio Vargas, assinando a proclamação de 10 de novembro de 1937, quarta constituição do Brasil.

A arte sempre foi utilizada para reforçar e legitimar o poder de governantes e do Estado<sup>98</sup>. Desse modo, conforme aponta Maria Helena Capelato, a propaganda política é uma forma de estratégia utilizada por todos os regimes. Porém, em se tratando daqueles que carregam uma tendência totalitária, como é o caso do Varguismo, as proporções são maiores, dado o monopólio dos meios de comunicação. Ou seja, o Estado “exerce censura rigorosa sobre o conjunto das informações e as manipula”.<sup>99</sup>

<sup>97</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1884. Ano 1942. p. 2.

<sup>98</sup> HOBBSAWM, Eric. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 333.

<sup>99</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no Varguismo e Peronismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.178 -121.

Então, na década de 1940 novas modificações. A média de páginas por edição se ampliou chegando a conter aproximadamente 40 páginas. No entanto, a revista passou a ser mensal no ano de 1942. As principais seções veiculadas nesse período foram: “Brasileiros Notáveis - com Biografias”, “Para você se distrair”, “Curiosidades”, “Nossa Pequena Oficina”, “Lições do vovô”, “Histórias de Jesus”, “ABC da Natureza”, “Nossos concursos”, “Aves e Pássaros do Brasil”, “Coleção Corográfica Brasileira”, “Nações Americanas”, “Desenhos misteriosos”, “Páginas Históricas de Decoração”, “Brasilidades”, “Colorindo para copiar”, “Mensagens à Juventude – Por que me orgulho de ser brasileiro?”, “Quadros da Nossa História”, “Para as nossas Leitoras”, “Corografia Pitoresca do Brasil”, “Alfabeto Ilustrado”, “Grandes Vultos do Brasil”, “Aguilhas dedais e outra coisas mais”, “Cousas Nossas”. A direção continuava a ser de Antônio A. de Souza e Silva, mas a editora *O Malho* passou a ser localizada no endereço: Rua Senador Dantas, 15 (5º andar), caixa postal 880, RJ.

Ainda em tempos de guerra, na edição 1886 do ano de 1943, já como *mensário infantil*, a revista divulgou uma matéria sobre a mudança do dinheiro brasileiro, que deixou de se constituir em “mil réis” para tornar-se “cruzeiro” – por conta do Decreto Lei instituído pelo presidente Getúlio Vargas. Além disso, nesse momento, o preço das assinaturas via postal no ano de 1944 ficou nivelado para o Brasil e toda América, assim como para Portugal e para Espanha. Os valores são apresentados no quadro a seguir:

<b>Assinaturas: Brasil, América, Portugal e Espanha.</b>	
12 meses	CR \$ 25,00.
6 meses	CR \$ 13,00.
Número Avulso	CR \$ 2,00.

**Revista *O Tico Tico*. Edição 1886, Ano 1943.**

### **1.3 ó Almanach *O Tico Tico***

Além de revistas, as narrativas d’*O Tico Tico* também veicularam-se sob a forma de *Almanach*. Ao refletir acerca da história dos almanaques e dos calendários, Jacques

Le Goff<sup>100</sup>, sugere ser necessário perceber quais “fatos” da história são privilegiados, mas também àqueles que foram omitidos. Uma vez que estes privilegiavam recordar as histórias de grandes homens, especialmente a dos heróis nacionais. Segundo Angela de Castro Gomes,

Nos momentos de grande esforço de implementação de grandes projetos políticos que a atenção daqueles que dirigem o Estado volta-se para o passado, buscando construir seu ‘lugar na história’ e, dessa forma, relendo e rescrevendo os fatos e interpretações do calendário cívico de um país<sup>101</sup>.

Mas, para além da escolha de temas, os almanaques enquanto objetos culturais tinham como característica mesclar cultura popular e cultura erudita<sup>102</sup>. Na verdade, as características dos almanaques anuais europeus do século XVII estudadas por le Goff, não deixam de ser ainda encontradas nos almanaques brasileiros dois séculos depois e *O Tico Tico*, é um bom exemplo disso. De fato, conforme destaca-Le Goff caracterizando almanaques europeus:

Ilustrado com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem lê pouco. Reúne e oferece um saber para todos: astronômico, com os eclipses e as fases da Lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre os trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico, com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas dos correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e, finalmente, astrológico.<sup>103</sup>

O primeiro “anuário” de *O Tico Tico* foi organizado para 1907 e desde então foram produzidos almanaques anualmente até 1958. Segundo Rosa e Vergueiro, desde final do século XIX almanaques circulavam no Brasil<sup>104</sup>. Assim, a análise de Almanques permite verificar os temas pertencentes a determinado tempo social, pois se constituem como “publicações que representavam a cultura, a vida e a tendência artística de sua época”<sup>105</sup>. Os conhecimentos científicos, geográficos, históricos, isto é, os saberes educativos eram transmitidos neste suporte de forma agradável e, ao mesmo

<sup>100</sup> O autor apresenta um panorama histórico acerca das mudanças tanto na materialidade quanto do conteúdo dos calendários e almanaques. Ver mais: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

<sup>101</sup> GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.22

<sup>102</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. p. 453.

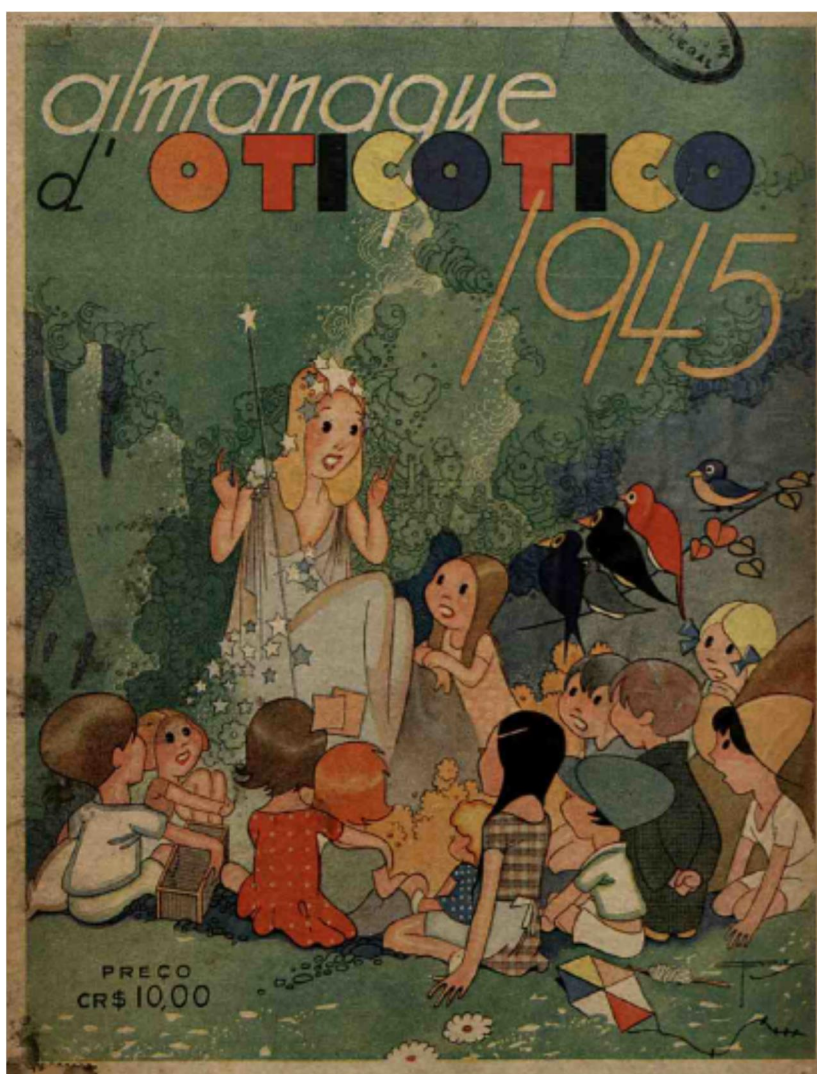
<sup>103</sup> Ibid. p. 455.

<sup>104</sup> Os exemplos citados pelos autores de Almanques que circularam durante o século XIX são: “Pharol da Medicina” (1887); “Almanach da Comarca de Lorena” (1882); “Almanach do correio de Campinas” (1886) e “Almanach das fluminenses” (1890). Ver: ROSA; Franco de. VERGUEIRO, Waldomiro. *O Almanaque d’o Tico Tico*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). “O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil”. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

<sup>105</sup> Ibid. p. 186.

tempo, no caso das crianças, especialmente, divertida; o que aumentava o interesse pela leitura.

O lançamento do Almanach d'*O Tico Tico* se revelou um sucesso imediato entre o público e, durante muitos anos fora aguardado na época do Natal pelas crianças brasileiras. O Almanach d'*O Tico Tico* contava com no mínimo 100 páginas, coloridas e de uma só cor em papel acetinado. O conteúdo trazia as principais seções da revista, histórias inéditas ou reproduções, além das habituais propagandas veiculadas também nas revistas, principalmente destinadas às crianças e as mães. A capa encadernada e dourada era apresentada com cinco cores<sup>106</sup>.



**Figura 5:**  
**Capa do Almanaque do ano de 1945.**

<sup>106</sup> MERLO, Maria Cristina. *O Tico Tico: a brincadeira por meio da imaginação, conhecimento e entretenimento*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). “O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil”. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

Diante das capas de *O Tico Tico*, nossa intenção é analisar concomitantemente narrativas e imagens veiculadas nas publicações. Com efeito, as imagens, conforme Peter Burke são importantes fontes de evidência histórica. Elas podem ser criadas para comunicar uma mensagem própria, e tem papel primordial na construção cultural da sociedade<sup>107</sup>. Ainda para o autor, os testemunhos do passado oferecidos pelas imagens possuem valor real na medida em que complementam as evidências presentes nos textos escritos. Burke aponta que:

O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante), incluindo as convenções artísticas para representar as crianças (por exemplo) em um determinado lugar e tempo, bem como os interesses do artista e do patrocinador original ou do cliente, e a pretendida função da imagem.<sup>108</sup>

Dessa forma, a capa do Almanaque do ano de 1945 nos aproxima, mais uma vez, da ideia de que *O Tico Tico* é uma publicação destinada a um perfil específico de criança, de pele branca e pertencente a famílias com condições financeiras favoráveis; uma vez que estas características são encontradas nas crianças, sem exceção, representadas na capa dessa edição; assim como nos personagens das histórias, como o famoso “Chiquinho”<sup>109</sup>. A imagem a que nos referimos, apontada anteriormente, apresentou crianças sentadas ao redor de uma espécie de “fada” loura em meio a uma floresta de aspecto harmonioso e receptivo. A capa carrega traços de influência do campo artístico em vigor no Brasil nesse período, isto é, da *art déco*<sup>110</sup>.

Vale ressaltar que não só as crianças encaram de forma atenta a fada, mas os próprios pássaros parecem demonstrar interesse nessa figura feminina encantada. A capa é fruto do trabalho do articulista J. Carlos e uma das características que a diferencia das demais consiste no fato de não apresentar os personagens regulares da revista, como era de costume nos almanaques. Esta característica fora assinalada também por Rosa e Vergueiro e de acordo com as pesquisas desses autores sobre os Almanaxes do *Tico Tico*:

<sup>107</sup> BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p 234.

<sup>108</sup> Ibid. p. 237.

<sup>109</sup> Para saber mais sobre o personagem: CAGNIN, Antônio Luis. *Chiquinho, Buster Brown, a mais brasileira das personagens americanas*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). “O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil”. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

<sup>110</sup> A art déco tem como características criações leves, de formas suaves, em que a tônica era o emprego de arredondamento dos ângulos, o uso de cores suaves. Tal estética é própria da arquitetura, mas foi empregada em outros setores, como o design. Ver mais em: WEIMER, Gunter. *O conceito de art déco*. Revista UFG / Julho 2010 / Ano XII nº 8. p. 12.

Apesar de possuir uma das mais belas e diferentes capas da coleção, é um Almanaque bastante fraco, com poucas páginas coloridas e jogos de armar, reflexo de um período em que a revista *O Tico-Tico* perdia espaço para tabloides como *O Suplemento Juvenil*, *O Globo Juvenil* e *A Gazetinha*.<sup>111</sup>

Os almanaques d’*O Tico Tico* eram divulgados exaustivamente entre as edições da revista e tinham como colaboradores os mesmos artistas, escritores e ilustradores. Assim como a revista, os valores da publicação foram aumentando ao longo dos anos. A seguir destacamos o preço cobrado por um exemplar durante o período que compreende o recorte temporal desta dissertação:

<b>Valores do Almanach <i>O Tico Tico</i> entre 1914-1945:</b>	
1914	3 \$000
1920	4 \$000
1930	5 \$000
1945	CR \$10

**Almanaque *O Tico Tico*, ano: 1920, 1930, 1940.**

Além das seções habituais veiculadas na revista, isto é, histórias em quadrinhos, passatempos, textos literários, dentre outras, nos almanaques do *Tico Tico* continham os calendários anual, assinalando as efemérides de cada mês<sup>112</sup>. E dentre as efemérides do mês de julho do ano de 1917 é destacada a primeira viagem a vapor no rio Amazonas em 1813. Entretanto, dois anos depois, n’uma edição da revista *O Tico Tico*, o incremento da navegação a vapor foi descrito como o “veículo” dos mosquitos transmissores da febre amarela para região.

Nesse sentido, o almanaque do *Tico Tico* também não deixou de publicar informações sobre a Amazônia entre suas páginas. A historinha em quadrinhos que segue do ano de 1919, intitulada “O búfalo mecânico”<sup>113</sup> revela aspectos disso, portanto, se constitui como um material que nos auxilia na reflexão sobre como esse

<sup>111</sup> VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). *O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica, 2005. p. 194

<sup>112</sup> Segundo Nadaf, “Independente da temática central a que servem ou a que servem todos os almanaques, ou almanak, ou almanack, ou, ainda, almanach, como foram grafados, estão relacionados ao tempo – ano, mês, semana, dia, sol, lua e todas as estrelas –, o que justifica a presença imprescindível do calendário que marca o ritmo da vida”. Cf. NADAF, Yasmin Jamil. *Essas Revistinhas que se chamavam Almanques*. In: Revista Ecos. Vol.10, nº 1. 2011. p. 132.

<sup>113</sup> Almanach do *Tico Tico*. Ano: 1919. p. 96.



espaço era apresentado ao público infantil por este corpo editorial comprometido em cumprir a missão de instruir divertindo.



**Figura 6:**  
**Almanaque do Tico Tico 1919.**

A narrativa contou a história de um rico fabricante de tambores denominado “Quincas Barulho”, que tinha como intenção ir ao Amazonas caçar búfalos. Mas a narrativa prosseguiu afirmando que desta espécie de animais só existia um exemplar no Amazonas e este estava “empalhado, no museu”. Entretanto, os amigos de “Quincas” não queriam desapontá-lo com a informação de que não existiam búfalos nas florestas.

Dessa forma, tomaram uma decisão: decidiram contratar um engenheiro habilidoso para construir um búfalo mecânico. O engenheiro construiu o tal búfalo que se movimentava graças a um motor elétrico. A narrativa descreveu que o animal ficou perfeito, pois: “não andava mal, perseguia as pessoas e bufava por meio de um phonographo” – como se fosse um búfalo real, de carne e osso. Os amigos de Quincas ficaram cansados de tanto esperar que ele fosse até a região para caçar o búfalo que haviam mandado construir. Segundo a narrativa, antes que pudesse ir para região “Quincas Barulho” fora atacado de “erysipela”.

Mas, o “rico fabricante de tambores” era um homem de palavra e não queria faltar com o compromisso de ir caçar búfalo no Amazonas. Então, “Quincas” teve a mesma ideia que seus amigos. Ou seja, encomendou a um inventor um “Quincas Barulho” de mola. O inventor construiu o “Quincas” de mola e o enviou para o Amazonas. O boneco de Quincas, assim como o búfalo, havia ficado muito parecido com o rico fabricante. Tanto que os amigos de “Quincas” se enganaram pensando ser o próprio. Desse modo, os amigos amazonenses levaram o falso “Quincas” até o búfalo mecânico.

A narrativa termina com a afirmação de que o búfalo mecânico “apesar de não ser bicho... de verdade... foi menos bobo” e, diferente dos personagens humanos da história, “não levou a sério o Quincas Barulho de mentira”. Apesar de a história ter como mote o humor, ela nos possibilita refletir sobre como os sujeitos residentes na Amazônia são apresentados e percebidos pelos articulistas deste impresso.

A Amazônia, no Almanaque d’*O Tico Tico*, tal qual na revista, era revelada predominantemente pelas suas características naturais. O Amazonas “o maior rio do mundo”, os seringais do Pará, a presença abundante da castanha, do cacau, do guaraná, dentre outros recursos naturais que são apontados para qualificar a região. Nessa perspectiva, no almanaque do ano de 1942 a reportagem de Sodré Viana “Presente de curupira”<sup>114</sup> apresentou o personagem “Curupira” como “caboclinho menino” que manda nos sertões do Brasil.

Segundo a narrativa, Curupira não é como seus irmãos “Sacy Pererê” e “Negrinho D’água” que são a “vergonha da família”, muito pelo contrário. Do curupira “não se conhece uma traquinagem”, pois tem juízo e carinho pelas coisas do Brasil. Não suportando a malandragem dos irmãos deportou um para São Paulo e outro para o Rio

---

<sup>114</sup> Almanaque do *Tico Tico*. Ano: 1942.



São Francisco. Assim, Curupira mora na Amazônia “numa casa toda de folhas verdes”. No “tempo de árvores de natal” – vale lembrar que os almanaques são publicados no período que precede as festas de fim de ano – o personagem surgindo das páginas d’ *O Tico Tico* pedia que fossem entregues como presentes aos leitores: “coisas da nossa terra”; para que os meninos brasileiros soubessem que no Brasil tinha “muito de tudo” e “não precisamos de pedir emprestado a ninguém”.<sup>115</sup>

Dessa forma, percebemos que a maneira de apresentar os personagens da Amazônia, fantásticos ou não, ganhavam múltiplos sentidos de acordo com a mensagem que se buscava transmitir às crianças brasileiras. Nesse caso, valorizar não só os produtos da terra, mas também inflamar um sentimento nacionalista passando a ideia de um país autossustentável. Assim, *O Tico Tico* sustentou uma “postura firme em relação a seus objetivos didático-pedagógicos, mantendo-se arraigada a missão de entreter, informar e formar, de maneira sadia, a criança brasileira”<sup>116</sup>. Além destas, mais discussões dos conteúdos sobre a Amazônia veiculados nos almanaques do *Tico Tico* serão acionadas ao longo desta dissertação.

#### 1.4 ó Os Articulistas

*O Tico Tico* apresentou aos pequenos leitores o trabalho de múltiplos artistas, das imagens e das letras. Discutiremos nesse momento da dissertação acerca dos articulistas, escritores e/ou ilustradores, que compunham as páginas desse impresso para crianças com suas criações artísticas; especialmente, aqueles que escreveram poesias/contos ou ilustraram/desenharam as narrativas que tinham conteúdos sobre a Amazônia entre 1914 e 1945. Entre os ilustradores vale citar nomes como os de: Ângelo Agostini; Alfredo Storni e o filho Oswaldo Storni; Leonidas Freire; Augusto Rocha; José Carlos; Carlos Thiré; Paulo Affonso; Seth. Em se tratando de escritores: Coelho Neto; Olavo Bilac; Trancoso; Osvaldo Orico; Carlos Manhães; Estágio Wanderley.

De fato, foram muitos artistas brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil que colaboraram com a revista *O Tico Tico*. Entretanto, poucas são as seções, textos “avulsos” e histórias, assinados pelos articulistas. Na medida do possível, tentaremos, ainda que brevemente, dissertar sobre a trajetória, as influências artísticas e as escolhas

<sup>115</sup> Almanaque do *Tico Tico*. Ano: 1942.

<sup>116</sup> VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos*. Revista eca XIII 2\_Miolo.indd. p. 24.

de alguns dos profissionais que trataram de representar a Amazônia nesse impresso. E, ao mesmo tempo, apresentar e analisar narrativas publicadas na revista, buscando compreender simultaneamente que informações da Amazônia ajudavam na produção das narrativas destes articulistas, isto é, de onde eles obtinham informações para transmitir conhecimento aos leitores sobre este espaço, mesmo porque, conforme afirmamos anteriormente, um dos objetivos da revista consistiu em educar por meio deste veículo.

Oswaldo Storni, nascido em 1909, no Rio de Janeiro, produziu diversas ilustrações, capas e histórias em quadrinho para a revista *O Tico Tico*. Era filho de Alfredo Storni, criador dos personagens muito queridos em *O Tico Tico* “Zé Macaco e Faustina”. Oswaldo Storni iniciou sua trajetória aos 16 anos e além de desenhar também contribuiu com contos para este impresso. Assim, em nível de exemplo, apresentaremos seu trabalho a partir da história em quadrinhos: “Aventuras de Pernambuco O Marujo”, personagem criado pelo cartunista Belmonte, mas trabalhado em *O Tico Tico* por Oswaldo Storni. “Pernambuco, o Marujo” foi um dos primeiros heróis institucionalizados<sup>117</sup>, dado o seu engajamento na Marinha do Brasil dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial.

“Pernambuco”, entre suas primeiras aparições no periódico infantil é descrito como marinheiro mercante e aficionado pugilista<sup>118</sup>. Dentre as diversas aventuras pelas quais enveredou durante sua trajetória em *O Tico Tico* seja em águas internacionais ou entre regiões do Brasil, “Pernambuco, o marujo”, carrega traços heroicos e sentimentos patriótico-nacionalistas, tão caros ao regime autoritário com que é marcado o Estado Novo. Esse herói apareceu na revista em 24/11/1937, e teve sua história finalizada em 23/03/1940. Em sua primeira aparição por entre as páginas d’*O Tico Tico*, “Pernambuco, O Marujo”, encontrava-se nos Estados Unidos, mais precisamente em Nova York – local onde perdeu o Navio no qual regressaria para o Rio de Janeiro. Nesta mesma edição<sup>119</sup> conheceu Eugenia, jovem que seria sua esposa no futuro. Nesse

---

<sup>117</sup> CARDOSO, Athos Eichler. *Pernambuco, o marujo. Um personagem para não ser esquecido*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27. São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/125567600306502983745449811570995932306.pdf>. Acesso em: 09/08/2017.

<sup>118</sup> A partir da década de 1930 o boxe ganha popularidade no Brasil dado a criação da Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro e da Federação Paulista de Boxe. Ver mais em: CARATTI, Jônatas Marques. *õCalçando as luvasõ: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920)*. *õRevista Latino-Americana de História*” Vol. 1, n.º. 3 – Março de 2012.

<sup>119</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1677. Ano: 1937.

sentido, foram narradas, ainda, muitas aventuras em países do exterior em diversos números do impresso infantil até que “Pernambuco” retornasse ao Brasil.

Em 1939, dentro da conjuntura da Segunda Guerra Mundial, “Pernambuco”, nosso herói, não só regressou ao Rio de Janeiro como passou a fazer parte da Marinha de Guerra Nacional. Descrevem-se na revista os sentimentos nacionalistas do Marujo:

Era com emoção verdadeira que ele subia ao convés do navio de guerra, para cujo serviço o tinham designado. E quando saudava em continência, a nossa bandeira parecia-lhe estar diante do próprio Brasil. Nas horas de folga agora, podia entregar-se ao seu passatempo favorito, o boxe. (...) Assim corria a vida do rapaz, que jamais se sentira tão bem e satisfeito.<sup>120</sup>

Após ter concluído suas obrigações para com o país, nosso “herói”, ainda em 1939, teve uma folga concedida e que foi aproveitada ao lado de Eugenia (sua esposa). Entretanto, sentindo-se saudosos da vida a bordo pediu que fosse enviado para o Mato Grosso em uma missão. Segundo a narrativa d’*O Tico Tico* este “era um pedido raro, pois nem todos os marinheiros queriam servir longe do Rio”<sup>121</sup>. Mas, o pedido de Pernambuco foi atendido e ele embarcou rumo a esta região “onde o Brasil se apresenta com certos aspectos rudes, mas é também lindo e empolgante de beleza e feracidade”. A bordo, a narrativa d’*O Tico Tico* revelou que Pernambuco pensava em Eugenia, “nosso” marujo tinha “alma de poeta”.

O historiador José Murilo de Carvalho no artigo “Os bordados de João Cândido”<sup>122</sup> nos ajuda a pensar a humanidade dos marinheiros, para além das obrigações do seu ofício naval. Uma vez que o autor destaca que é importante “valorizar os aspectos humanos dos personagens históricos”<sup>123</sup>; compreendendo que quanto mais humanos mais os personagens se parecem com heróis. O Marujo de *O Tico Tico*, ainda que fictício, teve sua humanidade descrita nos sentimentos de saudade da esposa, mesmo que esta fosse mais fraca que seu desejo em se aventurar. “Navegar é preciso, viver não é preciso”, assim como escreveu o poeta Fernando Pessoa.

<sup>120</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1766. Ano: 1939

<sup>121</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1782. Ano: 1939.

<sup>122</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bordados de João Cândido*. “Manguinhos”, II (2), 68-84 Jul,-Out. 1995.

<sup>123</sup> *Ibid.* p. 14.



**Figura 7:**  
 Pernambuco, O marujo como parte da Marinha de Guerra Nacional.  
 Revista *O Tico Tico*, Edição 1766, 1939.

Durante a viagem pelo interior do Brasil, “Pernambuco, o Marujo” não deixou de passar pela Amazônia, enquanto esteve de licença do serviço. Nessa ocasião, “nosso herói” visitou “um dos armazéns de vários artigos existentes à margem dos rios da Amazônia”, pois precisava comprar uma roupa com a qual ficasse mais à vontade, não queria andar pela mata com seu traje de marinheiro. Descreveu a narrativa d’*O Tico Tico*: “Ali havia de tudo”, contudo “pouca roupa boa”. O dono do bazar era “um bom negociante mas péssimo sujeito”, assim, o “preço foi combinado a custo”. Pernambuco

era alto, forte, marinheiro e boxeador; podemos pensar essas características como distintas dos seringueiros que compravam nos armazéns dessa região, geralmente migrantes nordestinos, vivendo na região as lutas da chamada “Batalha da Borracha”<sup>124</sup>.

Então, com dificuldade de encontrar uma roupa que lhe coubesse, comprou “bombachas” e ficou um “perfeito gaúcho”, prosseguiu a narrativa que finalizou a história afirmando que “foi mais fácil conseguir um bom cavalo” no qual Pernambuco partiu: “no afan de conhecer de mais perto os segredos da selva”. A visita de “Pernambuco” à região coincidiu com período no qual a Amazônia viveu a chamada Batalha da Borracha, que tinha como objetivo ampliar a produção dessa matéria prima na Amazônia. Esse assunto ainda será abordado de forma mais específica ao longo desta dissertação, no momento que forem analisadas as fontes que tem como tema o universo da borracha.

---

<sup>124</sup> GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Errantes da Selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia*. Campinas: Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1999.



**Figura 8:**  
**õPernambuco, o Marujoõ na Amazônia.**  
**O Tico Tico. Edição 1787, 1940.**

De fato, Oswaldo Storni, construiu uma narrativa que tinha como influência não só traços artísticos norte-americanos na forma de compor esteticamente “Pernambuco”. Mas também na forma como o apresentou inicialmente, já que era um aventureiro que tinha práticas que se distanciavam da realidade brasileira, por exemplo, ao iniciar a



história nos Estados Unidos e ao identificá-lo com o boxe<sup>125</sup>. Entretanto, o contexto de guerra foi fundamental para que fossem imputados ao personagem sentimentos nacionalistas, quando como o inserem na Marinha de Guerra.

A revista contou com a colaboração de escritores nascidos na Amazônia. Dentre eles, Osvaldo Orico<sup>126</sup>, que teve seus livros constantemente anunciados pela seção “Biblioteca d’*O Tico Tico*”. Além de Orico, o escritor Inglês de Souza, natural de Óbidos, mas residente do Rio de Janeiro, teve o texto “O Caboclo do Amazonas”<sup>127</sup> publicado na década de 1920. Este texto é permeado de palavras como “melancolia”, “apatia”, “monotonia” para caracterizar tanto os indivíduos quanto o espaço:

Os seus pensamentos não se manifestam em palavras, por lhes faltar, a esses pobres tapuyas, a expressão comunicativa, atrofiada (sic) pelo silêncio forçado da solidão. [...] dessa melancolia contínua dão mostra principalmente as mulheres, por causa da vida que levam. Os homens sempre andam, vem uma ou outra vez gente e cousas novas. As mulheres passam toda vida no sítio, no mais completo isolamento.<sup>128</sup>

Inglês de Souza é considerado um dos principais representantes do naturalismo literário no Brasil. Mesmo que tenha como foco o sujeito amazônico, não deixa de apresentar o meio natural descrevendo o Amazonas como um espaço “isolado” e distante de “agitação social”. Na verdade, eram múltiplas as fontes de conhecimento apreendidas pelos colaboradores de *O Tico Tico* utilizadas para construção de seus textos e imagens. Mas uma matéria presente no ano de 1941 sobre a planta aquática “Vitória Régia”<sup>129</sup> nos dá pistas de suas pesquisas, ainda que seja apresentada por uma voz anônima.

As informações sobre a referida planta têm como fonte o “condensado de um estudo do Tte. Cel. Azarias Silva em GAZETA MAGAZINE”, o qual foi indicado pela própria matéria. Tal referência nos aproxima de como ocasionalmente eram apropriados pelos articulistas os conteúdos sobre o espaço amazônico. Assim, nesse estudo, o autor afirma que um dos objetivos de sua excursão pela Amazônia, em 1937, era o de chegar ao habitat da Vitória Régia. No entanto, o autor relata aos pequenos leitores d’*O Tico Tico*:

---

<sup>125</sup> Segundo Zilma Anselmo, na década de 1940 surgem as primeiras Revistas de HQ’s com texto e desenho de artistas brasileiras, contudo é clara a influência estrangeira na composição das histórias, especialmente dos Estados Unidos. Em verdade, na década de 1940 o mercado foi dominado pelas *comic books* norte-americanas. Ver: ANSELMO, Zilma Augusta. *História em Quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

<sup>126</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1887. Ano: 1943.

<sup>127</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0774. Ano: 1920.

<sup>128</sup> Ibid.

<sup>129</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1872. Ano: 1941.

Estando o lago Manium<sup>130</sup> infestado de jacarés e puraquês (peixe elétrico), principalmente sob as folhas da Vitória Régia, desisti de arrancar uma raiz solidamente fixada no fundo. Também não pude colher um fruto, por estar enterrado no lodo.<sup>131</sup>

A narrativa corrobora com visões sobre a Amazônia propagadas em outros tempos históricos, pois, assim como foi descrito na revista *O Tico Tico*, o naturalista Inglês Alfred Russel Wallace, que viajou pelos Rios Amazonas e Negro em meados do século XIX, já havia comentado seu encanto ao deparar-se com uma Victória Régia e a presença de jacarés. Mesmo porque, nos relatos da viagem registrados por Wallace, também consta a experiência de chegar a “um trecho onde inúmeros jacarés de grande tamanho nadavam à flor da água”.<sup>132</sup> Entendemos que os discursos propagados possuem raízes em imagens antigas sobre o espaço amazônico, divulgadas em outras materialidades e por outros autores.

Carlo Ginzburg no livro “Medo, reverência, terror”<sup>133</sup> trabalhou a noção de *Pathosformeln*<sup>134</sup>, método que ilumina as raízes antigas presentes em imagens modernas e, além disso, analisou a maneira como tais raízes são reelaboradas. Ginzburg analisou em um dos quatro ensaios do livro, as premissas, sendo elas distantes e/ou próximas, do gesto de Lord Kitchener<sup>135</sup>. Esse conceito traduzido por “fórmula das emoções” também pode ser utilizado para refletir sobre as narrativas imagéticas e escritas veiculadas na revista *O Tico Tico*; uma vez que percebemos como possibilidade que os articulistas deste impresso infantil tenham buscado em fontes do passado inspiração para construção de seus textos literários ou ilustrações.

---

<sup>130</sup>O “lago Manium”, citado na revista é formado pelo Rio Solimões (o Amazonas antes de receber o Negro).

<sup>131</sup> Revista *O Tico Tico*. Op. cit. p. 8.

<sup>132</sup> WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979. p. 102.

<sup>133</sup> GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência, terror: Quatro ensaios de iconografia política*. Tradução de Federico Carotti, Júlio Castañon Guimarães e Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 200p.

<sup>134</sup> O método *Pathosformeln* foi proposto pelo historiador da arte alemão Aby Warburg.

<sup>135</sup> Alfred, Leet. *Faça parte do exército do seu país. Cartaz de recrutamento com o retrato de Lord Kitchener*, Reino Unido, 1914. Ver mais em: GINZBURG, Carlo. Op. Cit.



## 1.5 ó Os Leitores

Parte do sucesso d'*O Tico Tico* se deve ao fato de que este impresso oferecia formas de interação entre os leitores<sup>136</sup> e a redação. Assim, diversas seções permitiram que os leitores contribuíssem de alguma forma com o impresso. Em verdade, “Dr. Sabetudo”<sup>137</sup>, o encarte “Meu Jornal”<sup>138</sup>, “As Lições do vovô”, os “Concursos” promovidos pela revista, dentre outras seções, nos permitem apontar a lida entre os articulistas e os leitores e, ainda, os anseios desses últimos, no sentido de tentar apreender quem eram estes leitores. Muito embora, devamos ressaltar que consideramos que as participações dos leitores neste periódico não deixavam de ser selecionadas pelos administradores de acordo com os objetivos da revista.

De fato, encontramos entre as páginas da revista mensagens, poesias e desenhos enviados pelas crianças. Além disso, muitas curiosidades sem dúvida eram sanadas nessa interação. Em uma edição do ano de 1938 o autor direcionou o texto para “meus leitores, pequenos e grandes”<sup>139</sup> isto porque algumas seções respondiam aos pais até sobre questões relacionadas à saúde dos pequenos. Contudo, tendo como foco os leitores da Amazônia, trataremos mais especificamente, das seções que veicularam fotografias, como uma espécie de coluna social da infância das crianças dessa região.

A revista *O Tico Tico* destacava em sua capa a frase “Este jornal publica os retratos de todos os seus assignantes” que posteriormente se modificou para “Este jornal publica retratos de todos os seus amiguinhos” e que ainda mudaria para “O Tico Tico publica os retratos de todos os seus leitores”. De fato, as seções “Os nossos amiguinhos”, “Notas infantis”, “Galeria infantil”, “Album d’O Tico Tico”, “Álbum dos nossos leitores”, “Nossos leitores e amiguinhos”, “Leitores de O Tico Tico”, “Galeria

---

<sup>136</sup> Podemos citar entre leitores d'*O Tico Tico* alguns nomes que tornarem-se conhecidos no Brasil, artistas, escritores e jornalistas, dentre outras profissões: Erico Veríssimo, Lígia Fagundes Telles Jorge Amado, Dorival Cyammi, etc. In: JUNIOR, Gonçalo. *Paixão Juvenil*. “Revista Nossa História”. Ano 2/ nº 24. Outubro, 2005. Além destes, Carlos Drummond de Andrade afirmou em seu livro de “memórias” que *O Tico Tico* foi sua primeira emoção literária. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Tempo Vida Poesia ó Confissões no Rádio*. São Paulo: Record, 1986.

<sup>137</sup> Esta seção tinha como mote responder a questionamentos sobre quaisquer assuntos enviados pelas crianças à Editora.

<sup>138</sup> ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. *A revista ãO Tico-Ticoõ e a escrita infantil em circulação no encarte ãMeu Jornalõ: seus autores e leitores (1935-1940)*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.

<sup>139</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1734. Ano: 1938.

d'O Tico Tico”, “Galeria de nossos leitores”, dentre outras, divulgavam os retratos<sup>140</sup> que os leitores – e/ou seus familiares – enviavam<sup>141</sup> ao periódico infantil. Até porque as fotografias veiculadas de crianças em revistas na primeira metade do século XX primavam por construir a imagem de uma infância idealizada e elitizada<sup>142</sup>.

Consideramos que as narrativas escritas ou as ilustrações sobre a Amazônia não são reflexo do real, mas um discurso sobre a realidade. Dessa forma, percebemos também as fotografias de crianças amazônicas publicadas n’*O Tico Tico* como produções do social<sup>143</sup>. Assim, a sessão “Dr. Sabetudo”<sup>144</sup>, que permitia um diálogo entre os leitores e articulistas da revista, dissertou sobre o tema da fotografia, uma vez que a leitora d’*O Tico Tico*, Edeluzza Ribeiro de “Belém do Pará”, solicitou explicações sobre a arte de fotografar. Contudo, “Dr. Sabetudo”, voz anônima, mas que representava a revista, afirmou que não havia espaço para “tanto” no periódico, mas que a pequena leitora poderia adquirir o “Manual Photographico” de Veiga que era vendido pela editora *O Tico Tico*.

O universo infantil por meio da linguagem fotográfica esteve ligado constantemente a temas como: religiosidade, moda, lazer e saúde. E estes nos ajudam a pensar a construção das imagens como produções sociais e não meros registros da vida social; uma vez que elas intencionam transmitir valores impostos por determinados grupos e se modificam de acordo com a época. Na verdade, eram registrados eventos e/ou aspectos da vida social que desejavam ser lembrados no futuro<sup>145</sup>. Portanto, nesse momento analisaremos as fotografias publicadas na revista *O Tico Tico* de crianças<sup>146</sup> residentes na região amazônica, especialmente de Belém e de Manaus. Entendemos que refletir sobre as fotografias veiculadas nesse impresso infantil nos permite conhecer, em parte, quem eram os leitores da revista.

---

<sup>140</sup> A revista *O Tico Tico* veiculava não só fotografias de crianças brasileiras, uma vez que na edição 432 do ano de 1914 temos a fotografia de leitores de Portugal. E na edição 482 também de 1914 veiculou a fotografia de um leitor de Nova York (EUA).

<sup>141</sup> Todos os retratos após serem publicados na revista eram devolvidos dentro do prazo de dois meses, conforme “aviso” veiculado na revista.

<sup>142</sup> BRITES, Olga. *Crianças de revistas (1930/1950)*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.26, n.1, p.161-176, jan./jun. 2000.

<sup>143</sup> Ibid.

<sup>144</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 862. Ano: 1922.

<sup>145</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade*. In: NOVAIS, Fernando A. (Org). “História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Epoque à Era do Rádio”. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 462.

<sup>146</sup> Além de crianças crescidas, a revista *O Tico Tico* também publicou fotografias de bebês e crianças pequenas que ainda não possuíam o cognitivo necessário para a prática da leitura. A imagem desses pequenos costumava ser completada com uma legenda indicando-os como “futuros leitores” do impresso infantil.



**Figura 9:**

*Revista O Tico Tico*, 0448, 1914.

**Figura 10:**

*Revista O Tico Tico*, 0450, 1914.

**Figura 11:**

*Revista O Tico Tico*, 0496, 1915.

Olga Brites, em sua análise sobre crianças de revistas, destaca que as imagens da infância em revistas eram construídas por meio de poses, roupas e adereços<sup>147</sup>, pois estes elementos ajudavam a compor a imagem da criança bem-nascida. Assim, roupas elegantes, bons sapatos, cabelos arrumados, seriam símbolos das condições privilegiadas dos familiares das crianças fotografadas e, por conseguinte, motivos de orgulho.

Nas fotos de “Josephina de Miranda Ferreira” (Belém), “Maria Amélia Ferreira” (Belém), e “Lily de Moura Brasil” (Manaus) objetos mobiliários<sup>148</sup> auxiliaram a composição das poses e as meninas expressaram em sua fisionomia seriedade. As características acerca desses retratos são frequentemente identificadas entre as edições desse impresso. Além disso, a legenda das imagens salientava qualidades das crianças fotografadas. As leitoras Josephina e Maria, de Belém do Pará, foram adjetivadas como alunas “aplicadas”. Ao lado delas, Lily, “amiguinha” d’*O Tico Tico* de Manaus, foi qualificada como “simpática”.

<sup>147</sup> BRITES, Olga. *Crianças de revistas (1930/1950)*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.26, n.1, p.161-176, jan./jun. 2000. p. 166.

<sup>148</sup> No interior dos ateliês fotográficos era comum a presença de mobiliários, objetos decorativos e ornamentais; peças de vestuário; e acessórios como bonecas, tapetes, cortinas, bicicletas. Era competência do fotógrafo sugerir a cenografia de acordo com a mensagem que desejava-se construir com o registro. Ver mais em: SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade*. In: NOVAIS, Fernando A. (Org). “História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Epoque à Era do Rádio”. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 464.

As fotografias deveriam indicar estruturação familiar, escolaridade, religiosidade e bom comportamento. Adnê Rodrigues destaca que as construções das fotografias de crianças tentam produzir a imagem de uma infância perfeita, como se esta fase da vida fosse “livre de conflitos e sofrimentos”<sup>149</sup>. A primeira comunhão era um evento frequentemente registrado e revelava a “introdução de valores éticos e morais, o discernimento entre o bem e o mal, entre o pão da eucaristia e o pão comum”<sup>150</sup>; significava a passagem da infância para adolescência.



**Figura 12:**  
Revista *O Tico Tico*, ed. 0546, 1916.



**Figura 13:**  
Revista *O Tico Tico*, ed. 0686, 1918.

Nas fotografias das irmãs Clermen e Esilda Bonotes (Manaus) e dos irmãos Oscar e Boria Ferreira Cantão (Belém) verificamos que os trajes utilizados na Primeira Comunhão consistiam em vestidos longos semelhantes aos nupciais para meninas, e ternos para os meninos; questões também sinalizadas nas pesquisas de Brites com base nas revistas “Vida Doméstica” e “Fon Fon!”<sup>151</sup>. Na verdade, independente do gênero, as roupas para essa ocasião eram normalmente luxuosas e aproximavam, de certa forma, o universo da criança ao mundo adulto. Segundo Nelson Schapochnik, a indumentária,

<sup>149</sup> RODRIGUES, Adnê Jefferson Moura. *Infâncias Revistas: representações de crianças, saúde e educação infantil em revistas ilustradas (Belém, 1919-1930)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2017. p. 140.

<sup>150</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade*. In: NOVAIS, Fernando A. (Org). *História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Epoque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 474.

<sup>151</sup> BRITES, Olga. Op. Cit. p. 167.



assim como o olhar grave e devotado nas fotografias de primeira comunhão indicava “o fim da era da inocência”<sup>152</sup>.

Para iluminar que os valores do mundo adulto se fizeram presentes nesse periódico, vale ressaltar o registro constante nas legendas das fotografias as atividades profissionais dos pais das crianças fotografadas. Como no caso do leitor de *O Tico Tico* “Antonio Hamilton Mourão”, filho do Sr. Dr. “Hamilton Mourão”, “chefe de polícia do Estado do Amazonas”, que posa com uma expressão séria e de traje militar<sup>153</sup>. Nesse período, algumas profissões tinham maior destaque e relevância para os colaboradores d’*O Tico Tico* e, por conseguinte, para sociedade da primeira metade do século XX. Eram apontados como ofícios desejados pelos leitores a medicina, a advocacia e a carreira militar. De fato, o traje “marinheiro”, como o de José Amazonas Palhano, foi moda incontestada na primeira metade do século XX.



**Figura 14:** Revista *O Tico Tico*, 0695, 1919. **Figura 15:** Revista *O Tico Tico*, 1070, 1926. **Figura 16:** Revista *O Tico Tico*, 0700, 1919.

Adereços da vida escolar, animais domésticos e brinquedos também compunham o universo da fotografia infantil. As poses eram pensadas junto aos objetos de consumo, que muitas vezes eram propagandeados pela revista. A seção “Os amiguinhos do Tico

<sup>152</sup> SCHAPOCHNIK, Nelson. Op. Cit. p. 474.

<sup>153</sup> Para Adnê Rodrigues, registrar os meninos com trajes militares, ainda que seus familiares não fossem das Forças Armadas, associava-os a valores como coragem e disciplina, além de reforçar “a naturalização da imagem de soldados, guerreiros e lutadores como emblemas da masculinidade”. Ver mais em: RODRIGUES, Adnê Jefferson Moura. *Infâncias Revistas: representações de crianças, saúde e educação infantil em revistas ilustradas (Belém, 1919-1930)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2017.

Tico” composta em duas páginas exibiu um mosaico de fotografias. Entre as fotos publicadas esteve a da “Nathalia dos Santos Pereira” do “Estado do Pará”.



**Figura 17:**  
Revista *O Tico Tico*, 0702, 1919.



**Figura 18:**  
Revista *O Tico Tico*, 0457, 1914.



**Figura 19:**  
Revista *O Tico Tico*, 0714, 1919.

Nathalia, elegantemente vestida, posa carregando uma das edições d’*O Tico Tico* e, ao lado, uma boneca. De outro lado, “Amazonílio” (fantasiado de Pierrot), filho de “conceituado negociante” de Manaus, é um dos poucos registros de crianças com expressões sorridentes. Fantasiados e “encantadores”, conforme destaca *O Tico Tico*, eram os filhos do Dr. Pedro Simpson – Advogado de Manaus. Nessa perspectiva, as imagens de crianças veiculadas nesse impresso infantil construíram representações da

infância ideal<sup>154</sup>. Feliz. Escolarizada. Religiosa. Higiênica. Disciplinada. Estes são apenas alguns exemplos, mas a pesquisa indicou a conformação destas poses e temas como regra nas fotografias de crianças residentes não só na Amazônia, mas no Brasil, de modo geral, publicadas na revista.

Em verdade, *O Tico Tico* desejava contribuir para formação de determinado tipo de cidadão brasileiro, portanto, propagava padrões de comportamento que deveriam ser seguidos e que ajudariam a construir uma sociedade aos moldes da classe social que a revista representava. Segundo Adnê Rodrigues, referindo-se às fotografia de crianças em revistas do Pará “a forma como as crianças são representadas nas imagens dizem respeito às expectativas das famílias a que pertencem e de como pretendem ser vistas”.<sup>155</sup>

O jornal *Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma*<sup>156</sup> noticiou em 1914 que haviam recebido da “Agencia Martins” as seguintes revistas do Rio: O Malho, Careta, Fon Fon, Revista da Noite, Tico Tico e O Amiguinho. Darlene Santos em sua dissertação intitulada “A arte de civilizar: A educação cívico patriótica na revista *A Escola* e na *Revista do Ensino* no Pará republicano (1900-1912)” aponta que:

As duas primeiras décadas da República no Pará foram decisivas para que a imprensa paraense divulgasse os discursos de regeneração social para as camadas populares, logo, os jornais e os impressos foram decisivos para o crescimento e conquista de um mercado e de um público leitor que consumia diariamente o que a imprensa produzia.<sup>157</sup>

Portanto, podemos dizer que os leitores da Amazônia, ainda que distantes geograficamente, do Distrito Federal (RJ) onde a revista *O Tico Tico* era editada, não deixaram de estar conectados ao modelo de infância propagado por esse e outros impressos infantis; tal modelo deveria preparar as crianças para serem futuramente o adultos “bem-sucedidos”, desejados pelo regime republicano. Diante disso, as representações imagéticas e textuais da/para infância, muitas vezes, acompanhavam a

---

<sup>154</sup> No entanto, segundo Mary Del Priore, o mundo que a criança deveria “ter” ou “ser” é, muitas vezes, distante daquele no qual ela vive ou “sobrevive”. Nesse último, o riso e a brincadeira, como geralmente a infância é representada, dão lugar ao adestramento físico e moral, sobretudo, voltados para o trabalho e ensino. Ver em: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999. (Introdução).

<sup>155</sup> RODRIGUES, Adnê Jefferson Moura. *Infâncias Revistas: representações de crianças, saúde e educação infantis em revistas ilustradas (Belém, 1919-1930)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2017. p. 23.

<sup>156</sup> *Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma*. Edição 01271. Ano: 1914.

<sup>157</sup> SANTOS, Darlene da Silva Monteiro dos. *A arte de civilizar: A educação cívico patriótica na revista *A Escola* e na *Revista do Ensino* no Pará republicano (1900-1912)*. Mestrado (Dissertação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará. Belém, 2018. p. 42.

forma como o adulto desejava que a criança percebesse e vivenciasse o mundo; e na Amazônia tal perspectiva também se apresentava.

### 1.6 ó O Discurso Ufanista de *O Tico Tico*

“Na Amazônia há madeiras preciosíssimas que não são encontradas em parte nenhuma do mundo”<sup>158</sup>. Diversas assertivas sobre as riquezas da Amazônia semelhantes a essa, publicada no encarte “Meu Jornal” no ano de 1937, espaço de agência dos leitores da revista, foram encontradas entre as páginas de *O Tico Tico*. Estas informações, enviadas por leitores e transmitidas novamente para eles, vão ao encontro do discurso ufanista que vinha sendo proposto por diversos escritores desde o início do século. Modelar, nesse sentido, é o anteriormente mencionado livro escrito por Afonso Celso<sup>159</sup>: “Porque me ufano do meu país” (1908), destinado às crianças brasileiras.

Nesta obra, segundo Afonso Celso, o primeiro motivo de superioridade do Brasil seria sua grandeza territorial, questão que foi apontada muitas vezes em *O Tico Tico*, também como motivo de orgulho. Já nas primeiras páginas Afonso Celso destacou que: o “Pará, Goiás, Mato Grosso ultrapassam qualquer nação européia, salvante a Rússia. O Brasil é um mundo”.<sup>160</sup> Nesse quesito, uma edição de *O Tico Tico* do ano de 1916, na seção “As lições do vovô” transmitiu-se uma narrativa intitulada: “A grandeza do nosso Brasil”<sup>161</sup>. Foi descrito no texto que a entrada de Portugal na guerra provocou em alguns jornais brasileiros o desejo de comparar os 13 países em guerra com o Brasil.

A narrativa afirmou que só no Estado Amazonas caberia folgadoamente os impérios da coligação germânica. E no caso dos Aliados, com exceção à Rússia, todos caberiam dentro do território brasileiro também. Entretanto, ainda que existissem países maiores, os que foram citados tinham áreas de “gelos ou areias” que o tornavam imprestáveis. Enquanto que o Brasil só possuía “territórios férteis” e, portanto, “era o maior” e “o primeiro país do mundo”. Finalizando que se o Brasil não ocupava esse lugar, de primeiro país do mundo, perante outras nações; o motivo era que os brasileiros não sabiam aproveitar-se do território.

<sup>158</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1676. Ano: 1937. p. 21.

<sup>159</sup> Natural de Ouro Preto (MG), o escritor foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras. Dedicou a vida ao Magistério e ao Jornalismo, tendo sido colaborador por mais de 30 anos do *Jornal do Brasil*.

<sup>160</sup> CELSO, Afonso. *Por que me ufano do meu país*. ebooksBrasil, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html>. Acesso: 10/11/2017. p. 4.

<sup>161</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 546. Ano: 1916.



No tópico do livro de Afonso Celso destinado especialmente ao “Amazonas”, o rio foi descrito da seguinte forma:

Pulula a vida ali. Habitam as florestas das ilhas e margens, florestas formadas de preciosíssimas madeiras, populações inumeráveis de insetos, reptis, mamíferos, maravilhosos pela variedade, originalidade e beleza das formas, brilho e cor. Centenas de famílias de pássaros, alegam a solidão. Enumeram-se duas vezes mais classes de borboletas do que em toda a Europa.<sup>162</sup>

Podemos notar que os aspectos do Brasil foram constantemente comparados aos de países pertencentes a outros continentes na intenção de deixar claro que em nada o território deixava a desejar. Afonso Celso também observou que “Não é só no Brasil que pompeiam florestas virgens. Há-as magníficas na Ásia e na África. Mas a floresta brasileira se assinala por qualidades especiais.” Sobre o mesmo aspecto *O Tico Tico* em uma matéria publicada em 1914 descreveu que o “valle do Aruhuimi”, localizado na África, possui uma natureza gigantesca “e quasi se póde comparar ao nosso valle do Amazonas (sic)”; “quase”, descreveu a narrativa. Entretanto, anos mais tarde, temos em contraposição a esse discurso que a “Vitória Régia”, natural da Amazônia, antes da descoberta da “Rafflesia Arnoldiö, natural da Sumatra, era considerada “a maior flor do mundo”<sup>163</sup>, no ano de 1939.

Nesse sentido, o conhecimento dos leitores de *O Tico Tico*, em nível de exemplo, acerca das “preciosíssimas madeiras” da Amazônia ou o costume em comparar regiões do Brasil com as demais do mundo, provavelmente fora adquirido em livros como o de Afonso Celso e, fossem ou não veiculados na seção que coloca a criança como agente do que é transmitido pela revista, o que era publicado permanecia sendo selecionado pelos editores. Além disso, estes foram discursos que permaneceram ao longo dos anos.

No livro a “Hiléia Amazônica” (1944), de Gastão Cruls, temos o seguinte trecho sobre a floresta amazônica: “se não é a mais extensa do mundo, uma vez que temos que nos lembrar das matas de coníferas da Rússia, é sem dúvida a mais rica de aspectos, pela variedade sem conta de suas espécies florísticas”<sup>164</sup>. Não podemos deixar de atentar para o período de publicação desses discursos. O livro de Afonso Celso surge no período no qual ainda era recente o advento da República e almejava-se fomentar valores ligados a cultura nacional. E o livro de Gastão Cruls é publicado em plena

<sup>162</sup> CELSO, Afonso. Op. Cit. p. 28.

<sup>163</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1759. Ano: 1939.

<sup>164</sup> CRULS, Gastão. *Hiléia Amazônica*. São Paulo: Nacional, 1944. p. 6.

Segunda Guerra Mundial; atrelado a esses períodos também estavam as publicações d'*O Tico Tico*.

Desse modo, em *O Tico Tico*, o rio, as árvores, as plantas, a vegetação, e os animais da Amazônia foram frequentemente utilizados para construir a imagem da região e, por vezes, na intenção de fomentar um sentimento nacionalista. Segundo Eric Hobsbawm,

A história que se tornou parte do cabedal de conhecimento ou ideologia da nação, Estado ou movimento não corresponde ao que foi realmente conservado na memória popular, mas àquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo.<sup>165</sup>

A análise de tradições inventadas proposta por Hobsbawm não pode ser realizada separadamente da história da sociedade, mesmo porque toda a invenção das tradições utiliza a história como legitimadora. O corte temporal desse trabalho 1914-1945 compreende duas guerras. As guerras se revelam como períodos de conflito nos quais normalmente são exaltados os sentimentos patrióticos. Nesse sentido, a seção “Lições do vovô”, publicada em 1943, “recordou” às crianças do Brasil que o país estava em guerra. Diante desse fato, foi posto que as crianças “chefes e dirigentes do Brasil de amanhã” deveriam meditar sobre o que isso significava.

Em grande medida, dentro no contexto da Segunda Grande Guerra, *O Tico Tico*, não deixava de explicar aos seus jovens leitores o fato de que o Brasil: “foi levado a essa guerra por ter sido provocado e ofendido em seus brios de nação livre”. Estas narrativas nos possibilitam verificar que temas de ordem para a nação eram transmitidos aos leitores desse impresso infantil e, ao mesmo tempo, perceber que um sentimento patriótico deveria ser fomentado no público.

---

<sup>165</sup> HOBBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012. p. 21.

## Capítulo 2 ó AMAZÔNIA: MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES

Os leitores são viajantes; circulam pelas terras alheias, nômades caçando furtivamente pelos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para deles gozar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um espaço e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não previne contra o desgaste do tempo (esquecemos deles e de nós próprios), ela não conserva ou conserva mal o que adquiriu e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido.<sup>166</sup>

São “várias histórias” e estas adquirem múltiplas interpretações já que os leitores não são fixos, nem apreendem o texto da mesma forma. Assim, dialogando com Michel de Certeau, entendemos que a Amazônia inscrita e grafada na revista *O Tico Tico* não deixava de ser representada de acordo com informações próprias do cabedal preexistente acerca do tema, isto é, Amazônia como região pitoresca, provedora de riqueza, e vazia de gente. Entretanto, por mais que as informações sejam produzidas com determinados fins, as formas de ler são diversas, pois os leitores igualmente dão significação aos textos e imagens impressos.

Tendo como suporte textual, a revista alvo dessa dissertação, *O Tico Tico*, a intenção deste capítulo é mostrar as múltiplas visões da Amazônia construídas ao longo do tempo por meio de autores e materialidades diversas nas quais coexistem divergências e convergências em relação as narrativas sobre o espaço as quais foram publicadas no *jornal das crianças*, subtítulo da revista *O Tico Tico*. Mesmo porque, conforme propõe Guilherme Figueiredo, buscar referências fora da imprensa constitui-se como algo fundamental para análise e contextualização dos discursos presentes em periódicos<sup>167</sup>.

Nesta pesquisa entendemos que, por vezes, ocorreu uma retomada da visão impressa nos relatos de viajantes<sup>168</sup> pelos articulistas da revista. Desde o período colonial a Amazônia tem sido encarada como um espaço estranho para quem “vem de fora”; ou vislumbrada sob o prisma romântico que comumente se refere a natureza de

<sup>166</sup> DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer/ Michel de Certeau*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 247.

<sup>167</sup> FIGUEIREDO, Guilherme Elias de. *Como ler uma revista ilustrada? Uma proposta metodológica para o estudo de periódicos ilustrados publicados no Brasil oitocentista*. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 16, n. 25, 2º sem. 2015. p. 102.

<sup>168</sup> Os relatos de viajantes podem ser definidos como testemunhos que tem como objetivo repassar experiências, ou seja, relatar acontecimentos vivenciados, por vezes, no sentido de “descortinar” novos mundos que puderam ser conhecidos a partir das inovações no transporte criadas para dar mobilidade aos povos entre terras distantes. Tais testemunhos carregam, ao mesmo tempo, subjetividade e objetividade, de quem o produz, visto que como qualquer sujeito, os viajantes embarcavam dotados de referências culturais próprios os quais permeavam sua escrita. Ver mais sobre o tema em: MONTEZ, Luiz Barros. *Relatos de viagens como objetos de reflexão historiográfica e da prática tradutória*. Cad. Trad., Florianópolis, nº especial, p. 277-298, jul./dez. 2014.

forma fascinada. Outro ponto consiste no fato de ser conformada enquanto espaço disponível à exploração de recursos naturais vastos. Este é o caso da narrativa que segue.



Figura 20:  
Revista *O Tico Tico*. Edição 1808. Ano: 1940.

Em “As Aventuras de JUCA FARO”, história quadrinizada veiculada n’uma edição de 1940, entramos em contato com Jucas Faro (detetive famoso neste impresso infantil) investigando mais um crime. Este se deparou com a história do assalto ao Milionário “Fortunato Fortuna Rico” que possuía uma valioso estoque de “pedras

preciosas trazidas do Amazonas, e um mapa do local onde se encontram as mesmas em abundância”<sup>169</sup>.

O conteúdo selecionado para construção desta narrativa nos permitiu inferir que a região amazônica ainda era transmitida enquanto espaço de riquezas a serem descobertas ou extraídas. E, ao mesmo tempo, como uma temática presente não só em matérias educativas propagadas pela revista, mas também nas que privilegiavam o divertimento por meio de construções narrativas inventadas e na voz de personagens marcantes da revista. Vale refletir sobre o tipo de leitura veiculado em *O Tico Tico* “não apenas porque consiste numa das primeiras manifestações da indústria do lazer, nem porque não perdeu a natureza pedagógica”<sup>170</sup>, mas também pelo fato de ter influenciado uma geração de leitores.

Assim, condizente aos relatos e representações dos viajantes, dentre outros que visitaram o espaço (padres, naturalistas, intelectuais), a descrição do mundo natural<sup>171</sup> foi tema recorrente na revista *O Tico Tico* na produção e reprodução de conteúdos transmitidos ao público. As representações construídas em tempos pretéritos ganham novos significados na ordem das coisas, e, nesse limiar, reascende-se imagens de forma ressignificada acerca do hábitat e espaço amazônico.

Grosso modo, entendemos que refletir sobre produções para infância nos dá pistas do que se deseja mostrar e ensinar sobre a região. Assim, analisaremos, ao lado das matérias apresentadas na revista *O Tico Tico*, os livros: “A Amazônia Misteriosa”, de Gastão Cruls, e “Vocabulário de crendices amazônicas”, de Osvaldo Orico; visto que ambos trataram de temas amazônicos e foram publicados no recorte temporal definido neste trabalho.

O capítulo também é dedicado a iluminar a presença de personagens amazônicos representados na revista, por mais que seja preciso descortinar a natureza delineada regularmente em primeiro plano no periódico. Recusa-se enxergar a natureza sem ver o homem, ainda que tenhamos que analisar a presença de personagens humanos em textos

<sup>169</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1808. Ano: 1940.

<sup>170</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1998. p. 17.

<sup>171</sup> O mundo natural seria o composto: animais, plantas, paisagens e ambientes naturais. Keith Thomas, ao estudar o tema na Inglaterra entre os séculos XVI e XVIII, procura demonstrar que nesse período ocorreu uma profunda mudança de mentalidade acerca da natureza; visto que a relação do homem com mundo natural adquiriu novos parâmetros, principalmente, no que diz respeito à violência contra os animais e a exploração desenfreada dos recursos naturais, o que mais tarde culminou na criação de leis de proteção ambiental. THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 ó 1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1983].

e imagens, veiculados entre as páginas do periódico, que não possuíam a preocupação de destacá-los. Entretanto, os personagens amazônicos foram de fato representados, isto é, eles estavam presentes nas narrativas; mesmo que o objetivo não fosse o de torná-los notoriamente visíveis e/ou apresentá-los como protagonistas das histórias d'*O Tico Tico*.

Desse modo, representações da Amazônia contidas em fontes diversas: relatos de viajantes; literatura infantil; iconografia e; discurso oficial; serão acionados e comparados com as narrativas apresentadas pela revista. Nosso foco consiste em identificar similaridades e dissemelhanças na conformação do espaço e dos indivíduos. Por ora, entendemos as representações da Amazônia na revista *O Tico Tico* como um discurso sobre a realidade e não como um reflexo. Porém, tal discurso permanece condensado no imaginário brasileiro, visto que identificamos sua reverberação e ressignificação no tempo presente<sup>172</sup>.

## 2.1 ó Rede de Discursos

“La Amazonía es una construcción discursiva”<sup>173</sup>, conforme aponta Ana Pizarro. E, assim, torna-se relevante recuar à história dos discursos construídos acerca do tema em diferentes momentos históricos para compreensão das informações selecionadas pelos articulistas da revista para elaboração de textos e imagens divulgados. Assim, refletiremos sobre o que permaneceu e o que se modificou com o passar dos anos, o que se revelou na revista como história ou como informação e verdade sobre o espaço.

A representação do espaço amazônico ocorreu desde o século XVI junto aos primeiros contatos de europeus com a região. Dessa forma, inúmeros registros foram construídos por viajantes, padres, naturalistas, intelectuais. Segundo Geraldo Coelho:

A cadeia de signos pela força dos quais a Amazônia ocupou as mentalidades européias nos primeiros séculos da sua história, construiu um complexo de representações em torno do patrimônio ecológico do norte do Brasil. [...]. O fato é que os primeiros contatos da consciência européia com o mundo tropical brasileiro aprofundariam as formas de explicação da sua realidade.<sup>174</sup>

<sup>172</sup> BARBOSA, Eline Araújo dos Santos. *Como a internet mostra a exótica Amazônia: Mitos e idealismos coloniais na cibercultura*. In: Rev. Igarapé, Porto Velho (RO), v.1, n.6, p. 18 – 29, 2015.

<sup>173</sup> PIZARRO, Ana. *Imaginário y discurso ó La Amazonía*. In: Sentidos dos lugares /organizadores José Luís Jobim... [et al.]. – Rio de Janeiro: abralic, 2005. p. 134.

<sup>174</sup> COELHO, Geraldo Mártires. *O espelho da natureza: o poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil*. – Belém: Paka-Tatu, 2009. pp 81.

Diante disso, na seção “Gavetinha do saber”, suplemento do “Meu Jornal”, foi publicada a máxima: “O primeiro homem que desceu o Amazonas, até a sua foz no oceano atlântico, foi o navegante hespanhol Francisco Orellana”<sup>175</sup>. Mais que isso, encontramos textos que dialogam com a narrativa do frei Gaspar de Carvajal, considerado o primeiro cronista a registrar sobre a travessia da expedição comandada por Francisco de Orellana no século XVI. Nesse sentido, no texto “Descobrimento do rio Orellana” os relatos são ditos como oriundos de testemunha ocular. Carvajal descrevia em se tratando da nomeação do Rio Negro:

Prosseguindo a nossa viagem, vimos uma boca de outro grande rio, à mão esquerda, que entrava no que navegávamos, e de água negra como tinta, e por isso lhe pusemos o nome de rio negro. Corria ele tanto e com tal ferocidade que em mais de vinte léguas fazia uma faixa na outra água, sem misturar-se com a mesma.<sup>176</sup>

Igualmente, na revista *O Tico Tico* n’uma edição de 1933 o texto intitulado “As águas dos rios” descreveu:

Nem sempre as águas dos rios são claras. Os nomes dos rios são tirados, às vezes, da cor de suas águas. Assim, por exemplo, O Rio Negro, grande afluyente do Amazonas, tem este nome porque as suas águas são escuras e se separam nitidamente das águas mais claras do Amazonas.<sup>177</sup>

Segundo Auricléa Neves “a nomeação dos lugares conquistados é comum na literatura de viagem, antes do século XVIII”<sup>178</sup>. Alguns dos nomes escolhidos visavam homenagear alguém, outros tinham relação com calendário religioso ou, por vezes, buscava-se elementos identificadores, como no caso da nomeação do Rio Negro que referendava a cor da sua água, cunhado por Carvajal. Nessa perspectiva, alguns nomes permaneceram como Rio Negro e outros se modificaram com o passar dos séculos<sup>179</sup>;

<sup>175</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1608. Ano: 1936.

<sup>176</sup> CARVAJAL, Gaspar. *Descobrimento do Rio Orellana*. In: CARVAJAL, Gaspar, ROJAS, Alonso e ACUÑA, Cristobal de. “Descobrimientos do rio das Amazonas”. Traduzidos e anotados por C. de Melo Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/descobrimientos-do-rio-das-amazonas/> p. 50.

<sup>177</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1469. Ano: 1933.

<sup>178</sup> DAS NEVES, Auricléa. *A Nomeação Do Espaço Na Descoberta Do Rio Das Amazonas*. *Contra Corrente* – “Revista de Estudos Literários e da Cultura”, [S.l.], n. 1, p. 21-38, maio 2017. ISSN 2525-4529. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/439>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

<sup>179</sup> Comissões como a “Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso”, comandada por Rondon, tinham também a função de atribuir nomes a acidentes geográficos. Muitos dos rios e serras explorados foram apresentados como descobertas, tais “descobertas” muitas vezes não passavam de uma troca de nomes. Segundo Laura Maciel, os relatórios da Comissão Rondon são permeados desse tipo de alteração. Rondon substituiu as denominações tradicionais por dados de seringueiros, fazendeiros, quando não homenageava datas e personagens históricos ou amigos e parentes. Ver mais em: MACIEL, Laura Antunes. *A Comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: espaço, telégrafo e civilização*. In: “Projeto História”, n.18, São Paulo, Maio/1999, pp. 167-189.



por exemplo, o Rio Grande, também cunhado pelo cronista em seu relato, hoje é denominado Rio Madeira. Refletir sobre permanências e mudanças no que diz respeito as representações consiste num de nossos objetivos.

Além disso, ao olhar para região geralmente via-se os produtos nativos e/ou cultivados sob um prisma econômico. Nos escritos do Padre João Daniel “Tesouro descoberto no Rio Amazonas” (1722-1776) descrevia-se, por exemplo, a respeito do cultivo de cacau e café que “no Amazonas basta só meter a pevide na terra, ou o pé da planta sem mais cavar, nem suar.”<sup>180</sup> E, ainda, segundo o registro de Pe. João Daniel:

Seja testemunha desta boa economia, e prudência um morador do mesmo Amazonas, que não nomeio, por não fazer injúria à sua humildade, o qual sem ter escravo algum, nem querer, como podia, arriscar a sua fortuna com canoas ao sertão, que se um ano vem bem sucedidas, vem empenhadas em muitos outros, escolho antes a providência de cultivar, e fazer hortenses algumas espécies, e fez plantamentos de cacau, e café, com tal fortuna, que confessavam outros moradores; que em poucos anos seria um dos homens mais ricos do Amazonas.<sup>181</sup>

Ou seja, relata-se sobre o potencial da terra e que através dela surge a possibilidade de um enriquecimento advindo de pouco trabalho. No mesmo seguimento, a história do cultivo do cacau chegou a ser tema d’*O Tico Tico*. Na década de 1940 a revista apresentou, na edição de número 1880, o texto intitulado “O Cacáu”. A narrativa foi constituída por informações que iam desde a origem do nome da árvore até as utilidades do fruto. Descreveu-se que a árvore do cacau era denominada *Teobroma cacao* por remeter à lenda Asteca da origem divina do cacau, uma vez que a palavra *Teobroma* significa “manjar ou alimento dos deuses”. A narrativa propôs que o produto era provavelmente nativo da Amazônia “tal a espontaneidade e exuberância com que aí se apresenta”. E, prosseguiu informando que “o cultivo do cacáu, no Brasil, teve início no último quartel do século XVII, no Pará.”<sup>182</sup>

Com base nas pesquisas de Rafael Chamboleyron<sup>183</sup>, no final do século XVII, realmente havia um grande interesse no plantio e cultivo do cacau no Pará e no Maranhão. O autor chegou a essa conclusão a partir da análise de petições e através das confirmações e concessões de sesmarias para este fim. Além disso, a narrativa d’*O Tico Tico* indicou que do Estado do Pará foram transportadas as sementes para Bahia, região

<sup>180</sup> DANIEL, João. *Tesouro descoberto no Rio Amazonas*. “Relatório da diretora da Biblioteca nacional”, 2 v, 1975. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1976. p. 174. Disponível em: [file:///C:/Users/NEAD/Downloads/anais\\_095\\_1975-1976\\_02.pdf](file:///C:/Users/NEAD/Downloads/anais_095_1975-1976_02.pdf) Acesso: 25/07/2018.

<sup>181</sup> Ibid. p. 175.

<sup>182</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1880. Ano: 1942.

<sup>183</sup> CHAMBOULEYRON, Rafael. O plantio do cacau na Amazônia colonial (séculos XVII e XVIII). Disponível em: [http://aphes32.cehc.iscte-iul.pt/docs/s8\\_4\\_pap.pdf](http://aphes32.cehc.iscte-iul.pt/docs/s8_4_pap.pdf). Acesso em: 25/07/2018.



que criaria posteriormente profícua indústria em torno desse fruto do qual se produz chocolate, manteiga, sabão, vinho, dentre outros produtos da indústria comercial. Portanto, segundo o impresso infantil “na Amazônia e na Bahia encontram-se cacaueros centenários”; tornando assim possível o fato do Brasil ter ocupado o 2º lugar em produção e exportação mundial de cacau na época.

Na verdade, a partir de meados da década de 1920 brotavam referências ao cacau na revista, uma vez que nesse período há muitas propagandas de produtos que tem como elemento de origem a fruta, especialmente o chocolate<sup>184</sup> e remédios<sup>185</sup>.



**Figura 21:**  
Revista *O Tico Tico*. Edição 1165. Ano: 1928.

A propaganda do Licor de Cacau Xavier, remédio indicado para verminoses, apresentava a imagem de uma criança debilitada enquanto chamava atenção das mães; o que, mais uma vez, indicava que não só de crianças era formado o público d’*O Tico Tico*. Além disso, sugeria que matérias acerca de determinados assuntos ganhavam destaque quando iam ao encontro de intenções econômicas específicas de cada época.

<sup>184</sup> No Almanaque de 1939, o texto “O cacão na América” informa que a “Baía”, o Pará, o Amazonas e o Espírito Santo são os Estados que mais produzem o cacau descrito como “o primoroso produto de que se fazem o chocolate e os magníficos bombons de que tanto gostam os nossos leitores”. Almanaque *O tico Tico*, 1939. p. 12.

<sup>185</sup> Na seção “clínica médica” d’*O Tico Tico* indica-se a utilização de manteiga de cacau no combate ao “prurido”. Revista *O Tico Tico*. Edição de 1083. Ano: 1926.

Nesse momento, por exemplo, trazer mais informações sobre o cacau aproximava as crianças deste produto que desejava-se vender. Tanto nos escritos de pe. João Daniel quanto nas narrativas da revista há uma espécie de exaltação do cacau e, por conseguinte, da Amazônia como espaço de potencialidade econômica diante das riquezas naturais que ali se apresentavam.

De outro lado, ainda eram reproduzidas muitas histórias permeadas de visões fantasiosas que vieram na “bagagem” dos viajantes que passaram pela Amazônia. Segundo Neide Gondim<sup>186</sup>, as mitologias indianas e greco-romanas foram utilizadas como referência para se ler o universo amazônico ao mesmo tempo em que se escrevia sobre ele. Nos relatos de viajantes “O mito das Amazonas”<sup>187</sup>, por exemplo, conectou a região com a mitologia clássica.

Nesse sentido, a conexão entre narrativas advindas do imaginário do mundo clássico e a região amazônica também se fizeram presentes no *Jornal das crianças* (subtítulo da revista *O Tico Tico*), por meio do texto de título “O Escravo Grego” – construído para esclarecer como se construíam as fábulas<sup>188</sup>. De fato, apresentou-se um questionamento em torno das fábulas da “Gemma d’Alba” veiculadas na revista. Na história deu-se a suspeita que a escritora de fábulas “Gemma d’Alba” não existia, que era “uma invenção *d’O Tico Tico*”<sup>189</sup> – “jornal de mentiras”<sup>190</sup> –; sendo o impresso acusado de copiar histórias de uma gramática francesa, conforme indicou a própria revista.

Assim, o texto intitulado “O Escravo Grego”<sup>191</sup> narra a conversa entre um pai e um filho sobre as acusações supracitadas à revista, provavelmente o objetivo do texto era o de suplantar tal ideia por meio de uma explicação sobre a origem das fábulas. Segundo a narrativa, antes mesmo de Colombo ou Cabral, os navegantes gregos já

<sup>186</sup> GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo, SP: Marco Zero, 1994.

<sup>187</sup> Gaspar de Carvajal relatou que a expedição de Orellana foi atacada por um exército de mulheres guerreiras durante a viagem pelo rio Amazonas. Descritas como “altas, alvas e fortes” as guerreiras “Amazonas” encontradas no novo continente viviam em uma terra comandada somente por mulheres. Em verdade, a mentalidade dos homens que se aventuraram por novos espaços, conhecendo novos povos, por vezes, era marcada por narrativas que advinham do imaginário greco-romano. O mito grego das Amazonas se refere a mulheres guerreiras que viviam sob uma estrutura social própria.

<sup>188</sup> Segundo Ismael Santos, “Elaborar fábulas, adaptando, criticando ou rejeitando os cânones clássicos de sua formação e consolidação na cultura européia, parece ter sido o grande desafio dos fabulistas brasileiros ao buscarem uma nova linguagem para essa espécie literária”. Ver mais em: SANTOS, Ismael. *A fábula na literatura brasileira (de Anastácio a Millôr, incluindo Coelho Neto e Monteiro Lobato)*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001. p. 26.

<sup>189</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1179. Ano: 1928.

<sup>190</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1179. Ano: 1928.

<sup>191</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1179. Ano: 1928.

vinham até o continente sul-americano no interesse de conquistar a “terra de ouro”, isto é, a Amazônia. Descrita como uma região: “já descoberta pelo rei Salomão, e ainda hoje tão cobiçada por todos os povos do mundo”.

Diante disso, por se tratar de um povo que participava de guerras e expedições comerciais recorrentes, os gregos costumavam tornar uma parte dos rivais vencidos seus escravos. Assim, segundo *O Tico Tico*, um desses homens transformados em escravo foi “Esopo”. Esse escravo tinha como habilidade escrever versos poéticos. Os escritos de Esopo se constituíam como lições sobre defeitos e falhas de seus contemporâneos e “dahi nasceram as fábulas”.

As fábulas construídas por Esopo, segundo *O Tico Tico*, revelavam sabedoria e educação moral e cívica e, por conseguinte, acabaram sendo adotadas na instrução pública. Os contos do “Escravo Grego” foram tidos como base para os mestres do mundo inteiro, inclusive Gemma d’Alba e Lafontaine; este último era o autor francês de quem a revista supostamente copiava duas fábulas. Após o devido esclarecimento da polêmica, o menino, personagem da narrativa que questionava o pai sobre a autoria das fábulas, refletiu por um momento sobre a identidade do Escravo Esopo e na finalização do texto deu-se o seguinte diálogo:

- Papai, estou agora pensando uma coisa...
- Vamos a vêr.
- Eu acho que o tal escravo que inventou as fábulas devia ser brasileiro... quem sabe se os argonautas não o levaram preso, quando vieram buscar o ouro da Amazônia?...
- Bem pensado! E’ nada impossível... para compor aquelas inimitáveis alegorias, era preciso ter participado da vida na floresta<sup>192</sup>.

O texto foi assinado por “João Ninguém” e nos revela que algumas reclamações eram dirigidas à revista, nesse caso em específico, sobre a utilização de fábulas copiadas/transcritas na revista. Além disso, tocou-se na antiga ideia de que haveria ouro em abundância na Amazônia (tema muito presente nos relatos dos viajantes), conformando a região como “alvo” dos gregos em tempo remotos; e, ao mesmo tempo, aludida no texto como uma região cobiçada ainda hoje por vários povos.

Isso nos permite pensar que a mentalidade acerca da Amazônia e as representações produzidas nos primeiros séculos repercutiam em meados do século XX, pois desta forma ainda era difundida entre textos e imagens às crianças de todo Brasil. Tal colocação tem como base a análise do discurso textual e imagético apresentado pela revista *O Tico Tico*, pois na escolha dos temas selecionados sobre a Amazônia

---

<sup>192</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1179. Ano: 1928.

predominava uma imagem exótica e, especialmente, descritiva das riquezas naturais da região.

Modelar nesse sentido é a narrativa veiculada na seção “Lições do Vovô”<sup>193</sup> sobre a “verdadeira odisséia” que o Padre José e o Frei Pelegrino, encarregados de efetuar o recenseamento nas “inhospitas” regiões da Amazônia, enfrentaram.<sup>194</sup> Segundo a narrativa da revista *O Tico Tico*, quando os religiosos voltaram da viagem pelas regiões Antimarí e Andirá, e do Abunã, presentes no Estado do Acre, relataram os perigos enfrentados que “revelam não só a coragem e o patriotismo”, mas o quanto “é hostil a penetração do homem civilizado na natureza daquelas regiões”.

“Padre José” relatou ter viajado sobre afluentes nunca navegados, além de enfrentar animais perigosos como a serpente denominada “pico-de-jaca” que media mais de 15 palmos, e que mesmo após ter sido mortalmente baleada continuou atacando o sacerdote “lançando-lhe peçonha na batina”. Além da serpente, “teve ainda Padre José de lutar contra vários jacarés, matando dez, dos quais dois a espada”.

De acordo com a revista, a excursão do “Frei Pelegrino” não foi muito diferente em dificuldades, uma vez que a região do Abunã era uma das mais palustres da Amazônia. Assim, conforme a narrativa d’*O Tico Tico*, o Frei seguia em direção a Porto Velho quando foi atacado por índios necrófagos habitantes da região. O Frei relatou: “são Pacoáras, que assassinam seus prisioneiros, enterram-nos e, depois de um ou dois dias, retiram os cadáveres das igaçabas e se banqueteam entre danças lubricas e rituais trágicos”. O texto expôs que os sacerdotes voltaram da região bastante debilitados, contudo, tinham cumprido seu dever e traziam “documentação fotográfica das lutas que tiveram de travar na floresta bárbara”<sup>195</sup>; no afã de legitimar a história apresentada.

José Ricardo Fernandes em sua tese “O Brasil Contado às Crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o Ensino de História (1934-1961)”, pautada nos escritos de Viriato Corrêa, afirma que este autor, conhecido por escrever as lições de história do vovô a partir dos anos 1930, por exemplo, no livro *História do Brasil para Crianças* (1934), perpassava tal qual a revista *O Tico Tico* narrativas repletas de

<sup>193</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1843. Ano: 1941.

<sup>194</sup> Cristina Scheibe Wolff em “Mulheres da Floresta. Uma história. Alto Juruá, Acre” discute a região do Alto Juruá no Acre, analisando os relatos do Padre Constantin Tastevin que passou pela região em 1913, avalia que o mesmo nos seus escritos “parecia ter o intuito de mostrar a dura vida de um missionário na Amazônia”. Destacando aspectos como “as dificuldades das viagens de canoa ou a pé”, “as caminhadas pela mata” o Padre Constantin Tastevin sugere os perigos e os problemas de se viver nesse espaço amazônico, o sacerdote, mesmo que “passando rapidamente” pelo Alto Juruá, acaba por corroborar com uma visão pejorativa da região e de seus moradores. Cf. WOLLF, Cristina Sheibe. *Op.cit.* p. 93-94.

<sup>195</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1843. Ano: 1941.

“valores morais e de conduta, com exemplos que devem ser seguidos pelas crianças”. As “lições do vovô” de Viriato possuíam, assim, “um duplo aspecto de aprendizagem: o conteúdo propriamente dito e o conteúdo moral”<sup>196</sup>. O autor foi também colaborador do *Tico Tico* na famosa seção “Lições do vovô”.

Em se tratando de excursão pela Amazônia foi narrada a trajetória do general Rondon ou “O bandeirante do século XX”<sup>197</sup> como foi anunciado o personagem pelo periódico infantil. Segundo *O Tico Tico*, Candido Mariano da Silva Rondon, galgou todas as posições da carreira militar. Desde soldado do 3º regimento da Artilharia de cavalo até o posto de General de divisão. Foi professor normalista e tornou-se soldado em Cuiabá, sua terra natal, entrando na Escola Militar em 1881.

A carreira “sertanista” de Rondon teve início quando este ficou encarregado de construir linhas telegráficas pelo sertão brasileiro. Em 1907, tinha como meta construir a linha telegráfica do Mato Grosso ao Amazonas. Desse modo, uma Comissão foi criada com esse objetivo, ligada ao Ministério de Guerra, Ministério da Indústria e Viação de Obras Públicas a fim de “transformar os limites extremos do país em postos de estacionamento de forças militares”<sup>198</sup>. No tocante ao espaço amazônico foi indicado que:

Rondon penetrou nas selvas amazônicas, arriscando-se, a si e aos seus comandados e auxiliares, como um verdadeiro missionário. Levou ao selvícola, que nem sempre recebeu os brancos com amabilidade, antes os atacou e hostilizou, a palavra civilizadora, o exemplo de respeito e de tolerância. Fez-se amigo de várias tribos, conquistou os chefes de inúmeras delas, e com isso realizou uma grande obra de brasilidade.<sup>199</sup>

De fato, construiu-se uma narrativa das ações de Rondon, evocando seus grandes feitos. Um desses feitos foi justamente a conservação dos milhares de quilômetros de linha telegráfica instaladas no sertão, a incorporação de regiões antes inexploradas ao Brasil, a elaboração de um mapa nacional, gestando um projeto de colonização e civilização destes espaços que julgava “vazios”<sup>200</sup>. De acordo com *O Tico Tico* isso teria

<sup>196</sup> FERNANDES, José Ricardo Oriá. *O Brasil Contado às Crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o Ensino de História (1934-1961)*. Tese de Doutorado. USP: 2009. p. 252.

<sup>197</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1887. Ano 1943.

<sup>198</sup> SÁ, Dominichi Mirande de. SÁ, Magali Romero. LIMA, Nísia Trindade. *Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915)*. In: “História, Ciências, Saúde – Manguinhos”, Rio de Janeiro v.15, n.3, jul-set. 2008. p. 786.

<sup>199</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1887. Ano 1943.

<sup>200</sup> MACIEL, Laura Antunes. *A Comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: espaço, telégrafo e civilização*. In: *o Projeto História*, n.18, São Paulo, Maio/1999. p. 181. Ver também: SÁ, Dominichi Mirande de. SÁ, Magali Romero. LIMA, Nísia Trindade. *Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915)*. In: “História, Ciências, Saúde – Manguinhos”, Rio de Janeiro v.15, n.3, jul-set. 2008

sido possível “graças a capacidade do ilustre militar e civilizador” que se encarregou disto até 1930, contribuindo para unidade e integração do território nacional<sup>201</sup>. Maria Helena Capelato no artigo “Ensino primário franquista: os livros escolares como instrumento de doutrinação infantil”, concluiu que nessa época (1930 a 1950) os livros infantis foram suportes utilizados para criar ou reforçar mitos, tais quais:

a Pátria é grande e perene; a autoridade e a hierarquia social garantem a ordem; o Chefe conduz o país no caminho certo; o herói e o mártir são veneráveis; ao prescindir da fé, a República gerou o caos; o sangue derramado na guerra purificou a terra e os homens, tornando possível recuperar o “paraíso perdido”. Num ciclo mitológico, o culto das glórias passadas funcionava como miragem do presente em relação ao horizonte futuro.<sup>202</sup>

Vale ressaltar que durante o Estado Novo além das questões pensadas para região amazônica, conforme Zenaide Schmitz, Getúlio Vargas também tinha projetos direcionados especificamente ao público infantil, assim, a partir das cartilhas para infância que foram construídas nesse período o governo tinha como objetivo criar: “uma ponte entre o governo, crianças e a juventude, no intuito de educar os corações a partir dos valores considerados legítimos pelo regime”<sup>203</sup>.

Assim, evocar personagens como o General Rondon na construção de narrativas tem o sentido de apresentá-los como exemplos para mocidade. Uma vez que a literatura voltada para crianças tem a missão de transmitir ensinamentos, ainda que velados em textos cujo objetivo inicialmente parece ter apenas a intenção de entreter. No que se refere aos conteúdos sobre a Amazônia entendemos que as representações construídas por viajantes eram consideradas em sua historicidade como reflexos do real; mas, quando retomadas na revista pelos articulistas d’*O Tico Tico* estas adquiriam novos significados, mas precisamente, agindo de acordo com as necessidades do presente. Até porque a partir da década de 1930 o governo tinha como parte dos planos voltados para região a exploração desta área.

<sup>201</sup> Laura Maciel aponta que o interior do país era compreendido como um espaço vazio, habitado por populações não civilizadas. Nesse sentido, a comunicação telegráfica teria o papel de “levar a palavra e a ordem para todo o território nacional”, e esta era uma forma de “civilizar” os “locais mais ermos e distantes”. Assim como levar o progresso e, ao mesmo tempo, ampliar as fronteiras da pátria. Atribuía-se valor as terras do sertão com a construção de vias férreas, rodoviárias e linhas telegráficas; e essas tarefas só poderiam ser executadas “pelo pulso firme, mas também pacífico, do soldado”. Ver mais em: MACIEL, Laura Antunes. *A comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: espaço telégrafo e civilização*. Proj. História, São Paulo, (18), mai. 1999.

<sup>202</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Ensino primário franquista: os livros escolares como instrumento de doutrinação infantil*. “Revista Brasileira de História”, vol. 29, nº 57, p. 117-143 – 2009. p. 139-1940.

<sup>203</sup> SCHMITZ, Zenaide Inês. *É Preciso Plasmar Na Cera Virgem, Que é a Alma da Criança, a Alma da Própria Pátria: Cartilhas Escolares E Doutrinação Infantil No Contexto Da Era Vargas (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária de Chapecó. Chapecó, 2015. p. 165.

Contudo, trataremos nesse momento da construção da Amazônia como espaço do maravilhoso, isto é, o encantamento e/ou estranhamento despertado pela região e impresso nas páginas da revista, a partir do que foi produzido entre 1914-1945, analisando diversas narrativas com esse enfoque direcionadas à juventude, público da revista e da literatura infantil, em geral, da época.

## 2.2 - A Amazônia ãMisteriosaö

Em *O Tico Tico* um mundo fantástico se construiu nos discursos sobre a região amazônica. Tanto para adultos quanto para crianças. Segundo Jaqueline Held, alguns romances “desbloqueiam” o imaginário e “criam personagens com alguns aspectos muito cotidianos e com outros míticos”<sup>204</sup>. Assim, uma Amazônia rica em cenários, credences e seres encantados podia ser lida nas representações da região presentes na revista *O Tico Tico*. A fauna e a flora inspiravam a criação de lendas e histórias fantásticas sobre o espaço. A menção regular da grandiosidade, das matas virgens e, provavelmente, o desconhecimento dos habitantes da floresta auxiliou na conformação da região ora como exuberante e bela; ora, como repleta de perigos e elementos misteriosos.

O livro “A Amazônia misteriosa”<sup>205</sup> do escritor Gastão Cruls colabora com a análise, uma vez que, como muito do que foi produzido acerca da Amazônia, o autor desta obra publicada pela primeira vez em 1924, utilizou informações advindas dos relatos de viajantes e da literatura produzida sobre o espaço. Assim, o livro foi construído de acordo com representações pré-existentes acerca da região assim como da imaginação do autor; pois, segundo Susane Lima e Waldemir Costa Júnior,

Em *A Amazônia Misteriosa* tem-se como cenário a Amazônia imbricada de imagens construídas pelo autor, que se faz presente na obra como um narrador-personagem, que por vezes, trás a tona a expressão de seus próprios pensamentos, ao mesmo tempo produto e produtor das representações deste espaço geográfico.<sup>206</sup>

Na obra, impressões de Agassiz e Bates foram mencionadas logo nas primeiras páginas, por exemplo. Mas quem ganhou destaque, mais uma vez, foram as guerreiras

<sup>204</sup> HELD, Jaqueline. *O imaginário no poder - as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus Editorial, 1980. p. 18.

<sup>205</sup> CRULS, Gastão. *A Amazônia Misteriosa*. Coleção Saraiva 115. São Paulo: Saraiva, 1957.

<sup>206</sup> COSTA JUNIOR, Waldemir Rodrigues; LIMA, Susane Patrícia Melo de. *Geografia e representação na amazônia misteriosa de gastão cruls: da monocromia à monotonia, do fantástico ao misterioso*. A'E Ga 23 (2011), p. 221-237 Disponível em: [www.geografia.ufpr.br/raega/Curitiba](http://www.geografia.ufpr.br/raega/Curitiba) Departamento de Geografia – UFPR ISSN: 2177-2738. Acesso em 30/10/2018. p. 11.

“Amazonas” de Carvajal e outros cronistas. Cruls descreveu que estas índias guerreiras costumavam presentear os visitantes da Amazônia com muiraquitãs. O almanaque do *Tico Tico* do ano de 1942, como calendário elucidário e informativo, também esclareceu sobre o assunto: “as célebres pedras-verdes da Amazônia, às quais se atribuem virtudes benéficas (dão sorte e curam males do espírito) chamam-se muiraquitãs.” *O Tico Tico* reunia e divulgava para os jovens leitores do Brasil as mais diversas informações construindo imagens preñes de conteúdos entre o real e o imaginário. Instruindo e divertindo.

Na literatura infantil sobre a Amazônia muitos textos tratam das supostas superstições indígenas e demais dos habitantes da floresta. Na seção “pássaros e aves do Brasil”, de Joaquim Silveira Thomas com ilustração de Dalcides S. Thomas em 1941 temos um elogio ao canto d’O Uirapurú, de nome científico segundo *O Tico Tico*: *Leucolépia Musica*. Era ensinado aos leitores d’*O Tico Tico* que o corpo desta ave, oriunda da Amazônia, tinha o tamanho de um “dedinho”, mas seu canto era grande e atraente tanto para pássaros quanto para o caboclo amazônida.

Segundo o redator, o caboclo passava “momentos, esquecido, ‘ouvindo a sereia alada da Amazônia’”. Além da beleza do seu canto o pássaro é descrito com características místicas. Depois de morto é chamando de mandingueiro, segundo *O Tico Tico*. Desse modo, afirmava-se que era um privilegiado possuí-lo, pois dava sorte e servia como amuleto: “não há tapuio que não tenha o seu, não há cunhatã que não o invoque nos momentos difíceis e não há curumim que não o conheça”<sup>207</sup>. Ainda segundo *O Tico Tico*, na mitologia indígena o Uirapurú é considerado o protetor dos animais plumados.

Em “A Amazônia Misteriosa”, Gastão Cruls destinou um capítulo específico para tratar do Uirapuru. Ao ouvir um lindo canto na floresta... no texto um personagem questiona-se: “Mas quem seria o cantor mágico ou instrumentista incomparável? Talvez qualquer sasi treloso ou algum gênio alado da floresta...”. No entanto, a dúvida fora esclarecida por uma personagem indígena da seguinte forma: – “Quando ele canta, todos os pássaros ficam fascinados. Repare que não se ouve nem um pio”. E afirma: “É o uirapuru, passarinho pequeno e feio, mas que tem uma garganta de ouro”<sup>208</sup>. E, assim como em *O Tico Tico*, em “A Amazônia Misteriosa” também são apontados os poderes místicos do pássaro, e o motivo pelo qual costuma ser caçado, na passagem:

<sup>207</sup>Revista *O Tico Tico*. Edição 1873. Ano: 1941.

<sup>208</sup> CRULS, Gastão. *A Amazônia Misteriosa*. Coleção Saraiva 115. São Paulo: Saraiva, 1957. 143.



Dizem que o uirapuru dá sorte a quem o possui e daí a perseguição que lhe movem. O que vale é que êle se defende muito bem e não é nada fácil mata-lo. Desde que estou aqui só via abaterem dois. As índias preparam-nos de maneira especial, para que possam ser conversados e servir de talismã.<sup>209</sup>

No entanto, contrariando Gastão Cruls e Joaquim Thomas – colaborador d’*O Tico Tico* –, o livro “Vocabulário de credices amazônicas” (1937) de Osvaldo Orico, escritor oriundo da região amazônica, também tratou do Uirapuru. E aproveitou para esclarecer um erro generalizado cometido por Cruls, Humberto de Campos e Cassiano Ricardo acerca do mito popular. Segundo Orico, era um equívoco imaginar o uirapuru na forma de um pássaro específico já que “uiras” como o *Cyanerpes Cyanea*, *Leucolepia Musica* e *Pachysylvia Rubrifforms*<sup>210</sup>, todos possuem o dom de amuleto; mesmo porque “não são unicamente os pássaros que desfrutam daquele maravilhoso atributo. O admirável dom em virtude do qual podem eles ser transformados em verdadeiros talismãs existe também entre os mamíferos e os vegetais.”<sup>211</sup>

Lendas e mitos combinam fatos reais e fictícios e são criados para explicar acontecimentos misteriosos e sobrenaturais. Narrativas bastante utilizadas quando se tratou da Amazônia no *jornal das crianças*. Geralmente transmitidas pela oralidade, as lendas que adquirem notória popularidade tendem a ser registradas em contos; e têm como propósitos: transmitir uma mensagem, um ensinamento; podendo causar encanto ou amedrontar o receptor acerca de um assunto pré-determinado.

A lenda indígena “Ophires de Salomão”, enviada pelo leitor Joffre Felix de Souza (Alunno do 2º ano do gynnasio), descreveu a Amazônia provavelmente tendo como influência a lenda do “Eldorado”. Referiu-se no texto por meio de uma personagem indígena que há muitos séculos os homens brancos tendem a procurar ouro por entre as margens do Amazonas. Além disso, a personagem narrou que o metal era somente estimado por eles (os brancos), pois para a tribo a qual pertencia não valia nada. Segundo a lenda, o ouro foi de fato encontrado na região e “Parecia que o Amazonas em vez de agua continha ouro líquido, que cahia nas vasilhas que estrangeiros empunhavam”.

Por conta disso, a região teria sido denominada de “Ophires” e o rio chamado de Solimões – em homenagem ao rei Salomão. Até porque este Rei, segundo a lenda d’*O*

<sup>209</sup> CRULS, Gastão. *A Amazônia Misteriosa*. Coleção Saraiva 115. São Paulo: Saraiva, 1957. p. 144.

<sup>210</sup> A referência sobre as espécies e o conhecimento sobre o assunto foi adquirido por Orico através dos estudos do Diretor do Museu Goeldi Carlos Estevam. Além do próprio contato que este autor já teve com o amuleto.

<sup>211</sup> ORICO, Osvaldo. *Vocabulário de credices amazônicas*. São Paulo: companhia Editora Nacional, 1937. p. 258.

*Tico Tico*, teria sido o indivíduo que “primeiro possuiu o cubiçado metal de nossa terra”<sup>212</sup>. A cidade dourada, conhecida também como Manoa (figura humana), esteve presente em “Amazonia Misteriosa”, entretanto não foi jamais encontrada e “permanece ignorada e inalcançável entre as espessidão das selvas amazônicas”, conforme escreveu Cruls<sup>213</sup>; diferente do que ocorreu na lenda constante no texto “Ophires de Salomão”.

No livro “Vocabulário de credices amazônicas” de Osvaldo Orico, publicado em 1937, diz-se que o Amazonas é um grande livro de imagens que se abre para hóspedes de todo mundo e que:

A Amazônia é a raiz do mistério. [...] O fascínio da mata virgem, os mistérios que dormem inviolados no fundo das águas verdes, coloridas pelos plantons fluviais, reminiscências líquidas de muirakitans lendários, as curiosidades distribuídas por uma flora suntuária e por uma avifauna portentosa.<sup>214</sup>

De fato, os “mistérios” da Amazônia são muito presentes nas histórias contadas por esse escritor. No texto “A Iara”<sup>215</sup> também de Osvaldo Orico, mas agora veiculado em *O Tico Tico*, narrou-se que nas praias amazônicas quando “as ondas rebentarem nas praias, os rios pulularem do leito, crisar-se as água dos lagos, todos já sabem o que isso quer dizer”. Ou seja, é a Iara que ao sair do seu palácio do fundo do mar para atrair ou atormentar o viajante. Nesse caso, “os pescadores guardam as rêdes, escondem o anzol, recolhem as canôas” e aguardam até que ela volte ao seu reino.

Dessa forma, analisando os escritos desses autores ao lado de matérias da revista *O Tico Tico* pode-se perceber que foram múltiplas as leituras e possibilidades de interpretações provenientes das representações que aludiam aos aspectos misteriosos e exóticos da Amazônia nos textos. O mistério estava diretamente ligado à natureza daquele espaço conforme o seguinte trecho da revista:

A vasta floresta amazonica, cortada pelo maior rio do mundo em volume d’água, o Amazonas, floresta esta de árvores seculares, se estendendo pelo Amazonas e Pará, é o modelo da floresta tropical; com as suas seringueiras, com os seus castanheiros, ella se estende magestosa, pela bacia amazônica sempre misteriosa.<sup>216</sup>

Mesmo porque quando se fez questão de informar e transmitir conhecimento do espaço, compreendemos que o mítico alinhado a um discurso hiperbólico foi uma estratégia utilizada pela literatura infantil para chamar atenção dos leitores e, nesse caso

<sup>212</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1344. Ano: 1931.

<sup>213</sup> CRULS, Gastão. *A Amazônia Misteriosa*. Coleção Saraiva 115. São Paulo: Saraiva, 1957. p. 48.

<sup>214</sup> ORICO, Osvaldo. *Vocabulário de credices amazônicas*. São Paulo: companhia Editora Nacional, 1937. p. 7.

<sup>215</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1880. Ano: 1942.

<sup>216</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1557. Ano: 1935.

em específico, descrever de forma atrativa a região. Adjetivos como os imbricados nos textos selecionados revelando a Amazônia “majestosa”, “suntuosa”, “portentosa”, etc. regularmente surgiam na construção das narrativas sobre a região. Tal como inserir elementos fantasiosos parece ter sido uma estratégia utilizada para instruir acerca de determinados temas; por exemplo, informações reais e imaginárias sobre plantas e animais nativos ganharam por sua vez o formato de lendas ou fábulas.

O texto intitulado “O rei do Rio”<sup>217</sup> veiculado no Almanach d’*O Tico Tico* de 1931, contou a história de uma tapuiazinha supersticiosa que “com medo das perversidades e traições da Yara” consagrou seu filho ao Peixe-Boi (considerado o Rei do Rio); assim como para ele destinava outras oferendas em troca da proteção “de todas as luas”. Na narrativa, o menino, por conta da proteção Peixe-Boi, ao crescer tornou-se: “o mais forte e audaz da tribo”. Assim, “quando chegou o guerreiro branco, invasor da terra dos seus avós elle foi um dos mais temidos”; ainda que tenha precisado de ajuda sobrenatural algumas vezes quando “a Yara de cabellos verdes e olhos da côr de águas profundas o havia attrahido com sua voz maviosa de sereia” para o fundo do rio.

Tais histórias vão ao encontro daquelas transmitidas às crianças nativas da região, visto que o livro *Serões da mãe preta*<sup>218</sup>, de Juvenal Tavares, desde 1896 havia sido aprovado pelo governo para ser utilizado nas escolas primárias em Belém e, em grande medida, apresentava narrativas fantásticas tendo os animais da mata como protagonistas. Assim, através da personagem lendária “Mãe Preta”, criada durante o regime escravocrata, várias histórias divertidas eram repassadas para as crianças.

Portanto, os “mistérios” da Amazônia estiveram presentes em textos e imagens d’*O Tico Tico*, tal qual também ocorria na própria região amazônica, revelando lendários seres encantados da água e da terra: a Yara<sup>219</sup> “com sua formosa cabeleira verde”<sup>220</sup>, o Curupira “que vagabundeia nas mattas”<sup>221</sup>; junto aos animais da floresta que assumiam características humanas ou poderes sobrenaturais entre as páginas desse

<sup>217</sup> Almanach d’*O Tico Tico* de 1931.

<sup>218</sup> TAVARES, Luiz Demetrio Juvenal. *Serões da mãe preta: contos populares para crianças*. Pará: Typhographia de Alfredo Silva, 1896. Disponível em: <http://fcp.pa.gov.br/acervodigital/seroesdamaepreta/seroesdamaepreta/assets/basic-html/page-1.html>.

<sup>219</sup> Na obra “Martim cererê” (1928) do modernista Cassiano Ricardo a sereia da Amazônia é descrita poeticamente como “uma estranha mulher, muito linda, muito clara, como ainda não houve no mundo outra igual: cabelos verdes, olhos amarelos. Chamava-se Uiara.” Ver mais em: RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê (o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis)*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

<sup>220</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1221. Ano: 1929.

<sup>221</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0774. Ano: 1920.

impresso infantil e, portanto, compunham a miscelânea de informações acerca do espaço e da natureza e dos modos de viver amazônicos.

### 2.3 - O ãPotencial Adormecidoö

A Amazônia é a terra das maravilhas. A opulencia de sua natureza tem um vigor inextinguível e, por isso, ninguém ficou admirado quando se falou pela primeira vez na árvore do querosene.

Esta descoberta, como foi relatado, foi feita por um italiano, verificando que a árvore produz óleo finíssimo.

Segundo experiências feitas, verificou-se que poderá fornecer luz idêntica ao querosene, a toda a região do Tapajós, em abundância.

Existe, ainda, no alto Tarauacá, no Acre, produzindo 23 litros de álcool.

A planta, com a extração nada sofre pois que, decorrido certo tempo, o golpe dado na árvore torna a fechar, produzindo assim uma nova extração desse precioso produto.

Já se cogita do aproveitamento industrial da nova riqueza amazônica.<sup>222</sup>

O texto acima intitulado “A Amazonia grandiosa” foi publicado em 1934 na revista infantil *O Tico Tico* e nos aproxima de uma das formas como esta região costumava ser apresentada para crianças brasileiras por meio deste impresso infantil. Assim, na revista *O Tico Tico*, encontrava-se igualmente esta visão pragmática acerca da natureza e dos recursos originários da Amazônia; na medida em que se descreveram as riquezas da terra provavelmente para incentivar e conscientizar acerca das possibilidades de exploração dos produtos econômicos e do potencial no que diz respeito ao desenvolvimento da região. Antes mesmo que se “teorizasse” sobre a modernização da Amazônia, o casal Agassiz em excursão no século XIX, prenunciava acerca do tema:

Florescerá uma população mais ativa e vigorosa do que aquela que até agora aí tem vivido, -- em que todas as nações do globo terão sua parte nessas riquezas — em que os dois continentes irmãos colaborarão um com outro, o americano do norte ajudando o do sul a desenvolver os seus recursos, — em que a navegação se estenderá de norte a sul, tanto quanto de leste a oeste, conduzindo pequenos vapores até às nascentes de todos os tributários.<sup>223</sup>

Inúmeras representações das riquezas da Amazônia foram construídas pela revista e assim transmitidas as crianças de todo Brasil. Para além da descrição dos recursos, encontram-se frases de incentivo em relação ao trabalho com a terra, tal qual:

<sup>222</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1477. Ano: 1934.

<sup>223</sup> AGASSIZ, Jean Louis Rodolph. AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Tradução e notas de Edgar Süsskind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. p. 322.

“cultivar a terra é um meio de servir bem a pátria.”<sup>224</sup> De acordo com o tema, Barbara Weinstein<sup>225</sup> analisou o filme/documentário do Estúdio Disney *The Amazon Awakens* “A Amazônia Acorda”, de 1944. A produção cinematográfica retratou uma Amazônia pronta para o progresso, aguardando somente a entrada de recursos financeiros e tecnológicos estrangeiros para desenvolver-se. Uma vez que tais fatores possibilitariam que a região acordasse para modernidade.

Novamente Agassiz já havia elaborado uma visão semelhante na passagem:

Quando penso na facilidade com que tudo dá aqui, numa terra que nada custa, pergunto-me por que estranha fatalidade uma metade do mundo regurgita, por tal forma, de habitantes que o pão não chega para todos, enquanto que na outra metade a população é tão escassa que os braços não dão para a colheita! Não devia a emigração afluir em ondas para essa região tão favorecida pela natureza e tão vazia de homens!... Infelizmente, as coisas caminham muito lentamente nestas latitudes.<sup>226</sup>

Num dos textos veiculados na década de 1940 na seção “Lições do vovô”, que tinha a função de aconselhar a mocidade sobre temas diversos, foi descrito: “o avião é o meio de transporte mais rápido”, mas que, no entanto, era interessante perceber que no extremo norte do país “se viaja mais sobre água do que terra firme”, pois nas regiões do Amazonas e do Acre comumente viaja-se por estradas fluviais. Não obstante, segundo o “vovô” d’*O Tico Tico*:

Não tardará, entretanto, que a civilização vá invadindo esses longínquos rincões do Brasil e que, pela sua topografia se prestem ao mais rápido meio de transporte que é o Hidroavião.

Nesse tempo, as inesploradas riquezas que alí jazem, esperando a mão de obra do homem que as vá buscar, serão, com relativa facilidade integradas na comunhão brasileira, tornando-se, assim, um dos mais elevados índices de nosso progresso.<sup>227</sup>

Assim, percebe-se que esse impresso infantil não deixou de informar as crianças sobre as pretensões do Brasil enquanto progresso e acerca de temas que se revelavam preocupações no mundo dos adultos. A aquarela de Georges Wambach, de 1939, intitulada: “O hidroavião na rampa da Panair em Belém do Pará”, por exemplo, nos permitiu refletir sobre a utilização de hidroaviões na Amazônia como um argumento que pairava sobre a região na mesma época desta matéria da revista e dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial.

<sup>224</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1885. Ano: 1942.

<sup>225</sup> WEINSTEIN, Barbara. Modernidade Tropical: *visões norte-americanas da Amazônia nas vésperas da Guerra Fria*. Revista do ieb, n. 45, p. 153-176. set, 2007.

<sup>226</sup> AGASSIZ, Jean Louis Rodolph. AGASSIZ, Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil 1865-1866. Tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. p. 423.

<sup>227</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1807. Ano: 1940.



**Figura 22:**  
**Acervo: Museu de Arte de Belém**

George Wambach foi um pintor Belga que trazia em suas obras colorido e luminosidade.<sup>228</sup> Quando visitou Belém do Pará pintou uma série de aquarelas paisagísticas, estas pertencentes ao acervo do Museu de Arte de Belém. A imagem pintada retratou um hidroavião “estacionado” no espaço turístico conhecido hoje como “ver-o-rio”. Segundo Tunai Rehm, “esse transporte faz referência ao tipo Catalina, ao modelo PBY-3, produzido nos Estados Unidos”<sup>229</sup> e utilizado durante a Segunda Guerra Mundial pela Força Aérea Brasileira.

Voltando ao documentário “The Amazon awakens”, uma inovação no que diz respeito a representação da região embutida na película analisada por Barbara Weinstein consistiu no retrato da população amazônica como aspirante ao modo de vida estadunidense – em detrimento das maciças representações em torno do exótico, do diferente, de um “povo da floresta”<sup>230</sup>. Além de grande parte do filme retratar os centros-urbanos, o que também era e é raro na construção imagética da Amazônia. Logo, em se tratando da revista *O Tico Tico* dificilmente encontram-se representados os espaços urbanos. Mas sobre Belém em 1940 foram apontadas suas relações comerciais

<sup>228</sup> FIGUEIREDO, Aldrin.. *Georges Wambach e o Brasil*. Ver mais em: [http://www.brasil-belgica.com/arquivos/Brasil\\_Belgica\\_Parte\\_9\\_Artes\\_Plasticas.pdf](http://www.brasil-belgica.com/arquivos/Brasil_Belgica_Parte_9_Artes_Plasticas.pdf) Acesso: 03/08/2018. p. 278.

<sup>229</sup> REHM, Tunai. *Um outro flâneur: anacronismo e modernidade em Belém pelos pincéis de Georges Wambach*. *FACES DA HISTÓRIA*, Assis-SP, v.5, n°2, p. 148-167, jul.-dez., 2018.p. 164.

<sup>230</sup>O silêncio do documentário com relação aos povos indígenas, segundo Weisntein, servia para reforçar o discurso de modernização articulado em torno da região.

internacionais e as lindas praças e avenidas<sup>231</sup>. Já sobre Manaus n’*O Tico Tico* veiculou-se um elogio à igualmente elegante cidade no texto “Cidade sorriso” de Aristeu Leite:

“(…) Ao viajante Manáos é sorriso, um sorriso que faz desaparecer toda a monotonia dos aspectos que o Amazonas tem. Chegando em Manáos a primeira coisa que vemos é o Broadway, o caes que flutua sobre aquelle rio negro famoso e valoroso. (...) E a gente sorri ao ver as morenas amazonenses tratar tão bem a seus visitantes. As suas pequenas e bellas praças, os seus elegantísimos “bungalows” e seus apreciados jardins fazem Manáos a cidade sorriso”.<sup>232</sup>

Paralelamente ao filme *The Amazon Awakens*, Barbara Weinstein refletiu acerca de uma obra de autoria do geógrafo Earl Parker Hanson: *The Amazon: a new frontier?* “A Amazônia: uma nova fronteira?” – lançada no mesmo ano (1944). Evidentemente há muitos pontos em comum entre os dois projetos, sobretudo o fato de ambos considerarem a região Amazônica como uma “fronteira” e como um espaço “transnacional”, pronto para avançar em direção à modernidade.

Entretanto, o filme tinha por finalidade induzir empresários norte-americanos a investirem na Amazônia. Até o mito do “Eldorado” foi utilizado no início de *The Amazon awakens* para seduzir os possíveis investidores. Por outro lado, o livro de Hanson execrava a noção de “Eldorado”, pelo fato de que passava a ideia de que o homem poderia extrair as riquezas da floresta ao invés de incentivar que eles desenvolvessem as terras da região; sendo, portanto, um empecilho para o desenvolvimento controlado da terra e das riquezas naturais.

---

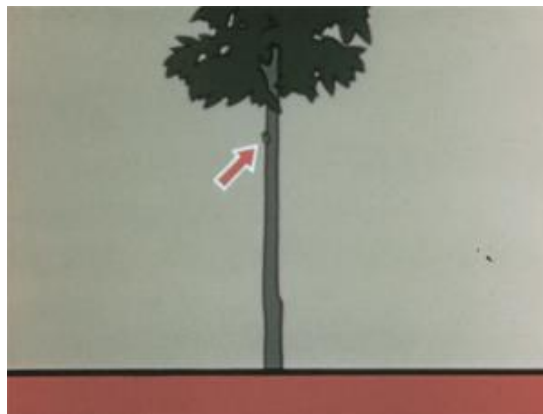
<sup>231</sup> “Belém mantém relações comerciais intensas com os grandes mercados da Europa e dos Estados Unidos e com o Peru e a Bolívia, através do Rio Amazonas e alguns de seus afluentes. E' uma bela cidade, possuindo magnificas avenidas, lindas praças e jardins e importantes edificios”. Ver em: Revista *O Tico Tico*. Edição 1789. Ano:1940.

<sup>232</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1634. Ano: 1937.





**Figura 23:**  
**The Amazon Awakens, 1944.**



**Figura 24:**  
**The Amazon Awakens, 1944.**



**Figura 25:**  
**The Amazon Awakens, 1944.**



**Figura 26:**  
**The Amazon Awakens, 1944.**

As imagens extraídas de *The Amazon Awakens* revelaram uma região de riquezas desde a evocação do “Eldorado” presente no início do filme até a economia em volta da borracha e, aliado a isso, tornou-se ainda mais atraente por abrigar centros urbanos como Belém e Manaus. Em grande medida essas representações tinham por intenção “apresentar uma visão otimista do futuro da Amazônia e do papel dos Estados Unidos nesse futuro.”<sup>233</sup>

Do mesmo modo, a revista *O Tico Tico*, n’uma edição de 1944, mostrou um mapa do Estado do Pará, discriminando as cidades presentes em seu interior. Além disso, incluiu um texto sobre detalhes de fronteiras e mais especificações da região. Vale ressaltar o último parágrafo desse texto, posto que dialoga com a discussão apresentada sobre representações da Amazônia construídas pela ótica norte-americana:

<sup>233</sup> O filme de animação “Você já foi a Bahia?” no qual o pato Donalds viveu aventuras no Brasil e no México, lançado em 1945, também foi marcante no que diz respeito ao estabelecimento de uma relação entre o Brasil e os Estados Unidos nesse momento.



“Belém, como porto, tem grande movimento. Belém está ligada por linhas aéreas a muitos pontos do país, assim como aos Estados Unidos”<sup>234</sup>. E, mais do que isso, n’uma edição veiculada em 1940 informou os pequenos leitores que Belém<sup>235</sup> mantém relações intensas com grandes mercados da Europa e com os Estados Unidos.

Tais informações circulando por entre as páginas da revista dialogam com o documentário da Disney, com a obra de Earl Parker, e em algumas proposições de Seth Garfield, quando trabalhou a Amazônia no imaginário norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial. Seth Garfield, por exemplo, apontou que o presidente Nicholas Roosevelt “mencionava a Amazônia como um exemplo perfeito de uma região onde o futuro transporte aéreo prometia reduzir os altos custos para se fazer negócio”<sup>236</sup>; e da mesma forma corroborava com a ideia da Amazônia a nova fronteira dos Estados Unidos.

#### **2.4 - Amazônia: um Espaço Vazio?**

Dentre os aspectos apresentados acerca do espaço amazônico observamos que a natureza surge como tema privilegiado entre as páginas deste impresso infantil. Destacou-se o ambiente (rios, árvores, plantas) e os animais (jacarés, pássaros e peixes) nas representações da Amazônia transmitidas às crianças de todo o Brasil; conformando a região, por vezes, como exótica; ora, como farta de riquezas naturais fundamentais para o desenvolvimento econômico do país.

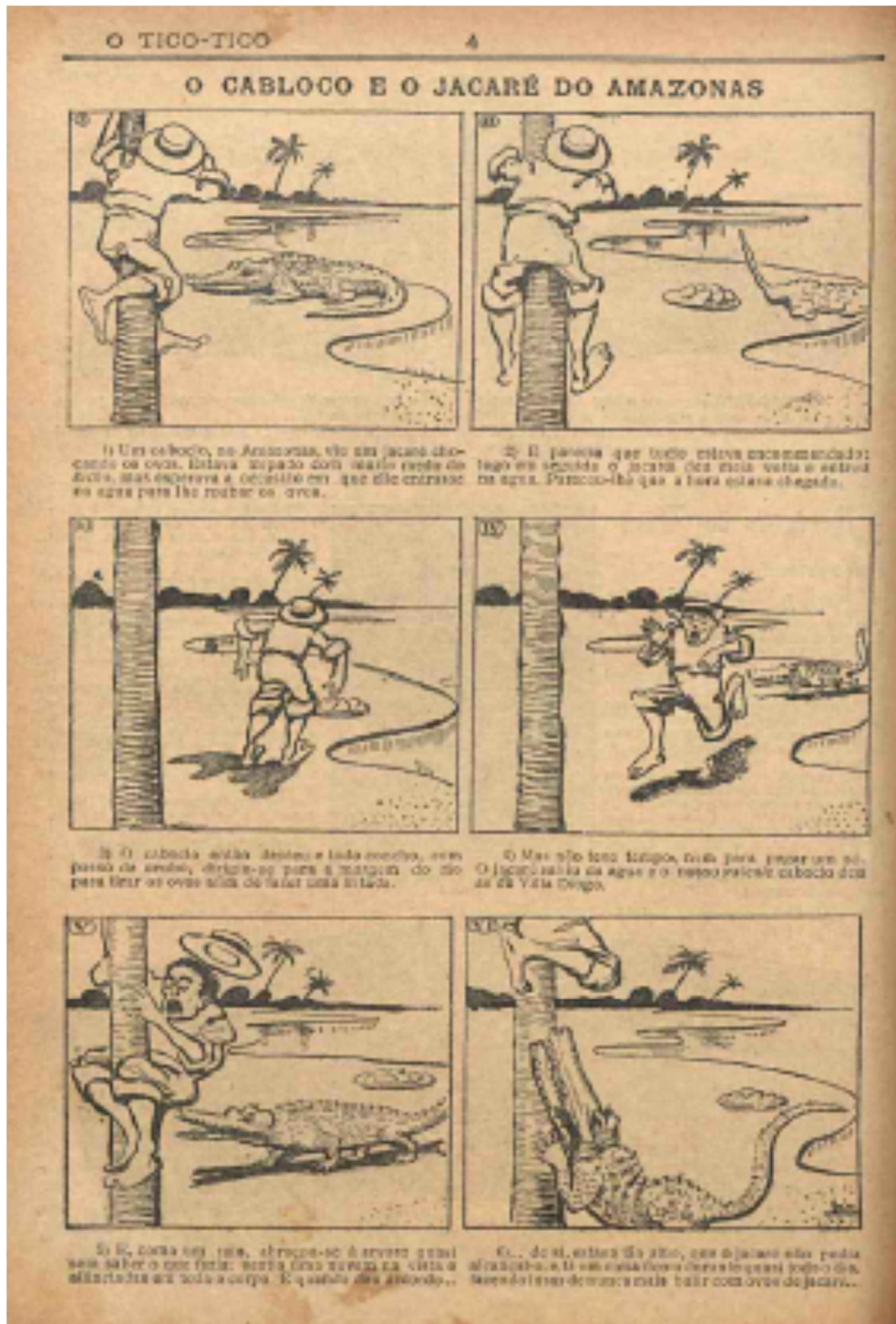
Entretanto, ainda que os sujeitos amazônicos tenham tido pouco espaço em *O Tico Tico*, quando comparados à natureza, eles não deixaram de se fazer presentes nas histórias e ilustrações. Dessa forma, tentaremos iluminar a presença impressa dos personagens amazônicos por entre as narrativas desse periódico que tem nome de *passarinho*.

---

<sup>234</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1909. Ano: 1944.

<sup>235</sup> Nessa edição Belém é uma das capitais mais importantes do Brasil, “possuindo magníficas avenidas, lindas praças e jardins e importantes edifícios”. Ou seja, Belém foi revelada como uma cidade que possuía características da modernidade. Revista *O Tico Tico*. Edição 1789. Ano 1940.

<sup>236</sup>GARFIELD, Seth. *A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra*. “Revista Brasileira de História”. São Paulo, v. 29, n°57, p. 19-65 – 2009.



**Figura 27:**  
Revista *O Tico Tico*. Edição 0481. Ano: 1914.

A história quadrinizada de título “O Caboco e o Jacaré do Amazonas”<sup>237</sup> foi publicada em 1914. A narrativa apresentava a aventura d’um personagem caracterizado

<sup>237</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0481. Ano: 1914.

com chapéu de palha, blusa de manga, calça de pescador, sem sapatos, que tentava roubar ovos de um jacaré com o objetivo “fazer uma fritada”<sup>238</sup>.

Na história foi revelado o fracasso do personagem que não teve tempo de pegar um único ovo sequer, pois logo o jacaré saiu da água, fazendo com que o “valenteö caboclo subisse n’uma árvore e ficasse lá o dia inteiro. A história foi finalizada com a afirmação de que o “caboclo” havia jurado nunca mais tentar o mesmo feito. Na narrativa o termo “valente” foi utilizado de forma irônica. De fato, muitas narrativas d’*O Tico Tico* contendo personagens amazônicos apostaram em tons ou termos depreciativos para se referir aos habitantes na região amazônica<sup>239</sup>.

Em 1920, por exemplo, o texto pertencente à novela “Scenas da vida amazônica”<sup>240</sup> de José Veríssimo, literato descrito como “um dos nomes mais acatados de nossa literatura”, tratava da luta entre um índio e a cobra “colossal” do norte denominada “Sucurijú”. Segundo a narrativa veiculada n’*O Tico Tico*: “José”, habilidoso tapuyo, seguia em sua piroga fazendo zig-zag por entre troncos sem tocar em nenhum, quando se desenrolou sobre um tronco apodrecido uma enorme sucurijú.

A história descreveu que José só percebeu a sucurijú no ato do bote e, nesse momento, “apenas teve tempo de fincar a mão no tronco mais perto e empurrar a cânoa para traz”<sup>241</sup>. Quando o índio lançou os olhos novamente para a cobra “viu-a assanhada, o pescoço engurgitado, a língua bífida fôra dos fauces, fital-o ameaçadora [...] pronta para um novo ataque”. A narrativa prosseguiu revelando os embates entre o índio e a cobra amazônica, até que José decepasse parte no animal com sua “faca de pescador”; e, assim, chegando em terra, ainda com a cabeça da sucurijú na canoa, “jogou-a por sobre a matta, o mais longe que pôde”. Este último ato do tapuyo, segundo a narrativa, era uma precaução: “para que o tronco da cobra se não viesse juntar á cabeça e se refizesse, como ele o acreditava ingenuamente”; e, feito isso, o personagem: “embrenhou-se na densa floresta”<sup>242</sup>.

<sup>238</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0481. Ano: 1914.

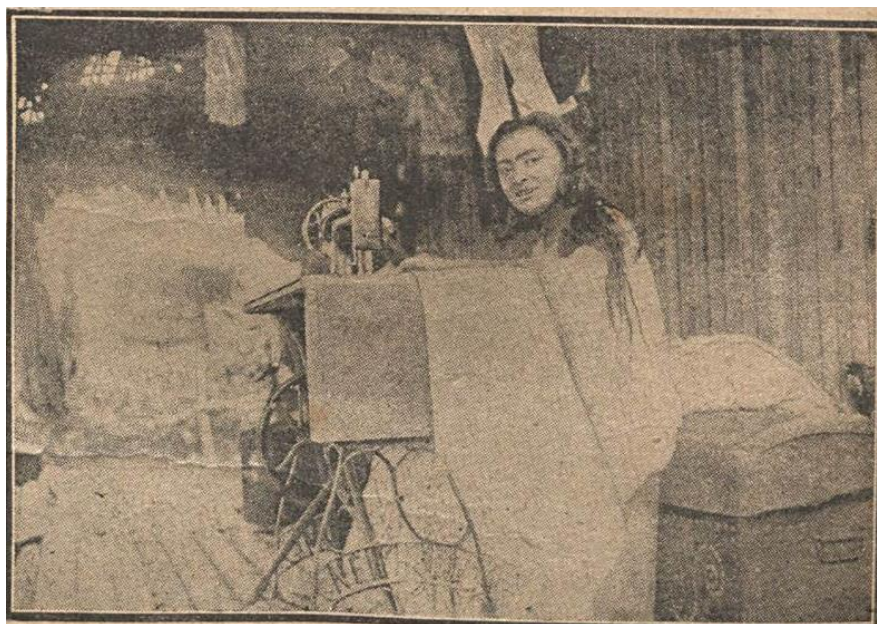
<sup>239</sup> Franciane Larcerda em sua tese “Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 – 1916)” aponta que os nordestinos que vinham para região eram conformados pela imprensa paraense também de forma depreciativa no uso das expressões “paspalho”, “babaquara”, “caipira”, “matuto”, dentre outras, quando se referia aos trabalhadores da cidade nos jornais. Ver mais em: LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 ó 1916)*. 1. Ed. Belém: Açai – Centro de memória da Amazônia / PPHIST – UFPA, 2010.

<sup>240</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0782. Ano: 1920.

<sup>241</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0782. Ano: 1920.

<sup>242</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0782. Ano: 1920.

Na leitura da história fictícia escrita por Veríssimo, ainda que José (o tapuyu) tenha saído vitorioso do embate com a cobra, percebe-se que não só o animal, mas o próprio ambiente ganhou mais destaque na narrativa que a própria valentia do índio – pois este foi descrito no final como “ingênuo” pelo autor. Dessa forma, a Amazônia quando não caracterizada como espaço “vazio”, tinha a qualificação de seus indivíduos como “incivilizados”, “ingênuos”, “imaginosos”. Ou, quando diferente disso, tinham sua imagem e crenças envolvidas na publicidade de produtos divulgados no impresso, como veremos adiante.



**Figura 28:**  
Recorte da revista *O Tico Tico*. Edição 0548. Ano: 1916.

Na fotografia veiculada na seção “Viagens e Aventuras” temos representada uma índia sobre a seguinte legenda: “UMA MACHINA DE COSTURA, EM UMA CABANA DE UMA ÍNDIA” e, mais especificamente, foi descrito acerca do retrato: “com grande surpresa, achou o Sr. Lange, em casa de um seringueiro, que vivia no fim extremo da plantação da floresta, numa palhoça, a cerca de 20 palmos acima do chão, um índia cosendo em uma machina americana de costura.”<sup>243</sup> A matéria tinha como objetivo apresentar o livro “Nas mattas do Amazonas”, publicado nos Estados Unidos, de autoria do “Sr. Lange”. O livro trata das experiências do escritor na região e de uma “tribo de índios brasileiros ainda não civilizados”<sup>244</sup>. Além disso, a obra era destinada

<sup>243</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0548. Ano: 1916.

<sup>244</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0548. Ano: 1916.

principalmente à “leitores que se interessavam mais por viagens e aventuras reais do que por ficções”<sup>245</sup>.

A narrativa d’*O Tico Tico* revelou que parte do livro tratava dos índios brasileiros denominados “Magaromas” que “não se entregam à prática do canibalismo, parece, cousa extraordinária, quase inexplicável” visto que essa era a experiência vivida por muitos exploradores europeus ao entrarem em contato com populações indígenas, conforme exposto na revista. Assim, o impresso infantil citando o livro do Sr. Lange descreveu que a pequena “metrópole” das matas:

“E’ uma aldeiazinha construída com casas de bambús; o último traço de civilização ficou no alto do rio Amazonas. Quando as chuvas invernosas da estação expulsam das florestas todos os seres vivos, que não se podem refugiar nas arvores, os trabalhadores da borracha abandonam em seus períodos crús a manufatura, que estavam prosseguindo e se acolhem a essa pequena villa para tirarem todo o proveito possível do que a vida tem a lhes offerecer nesta região”.<sup>246</sup>

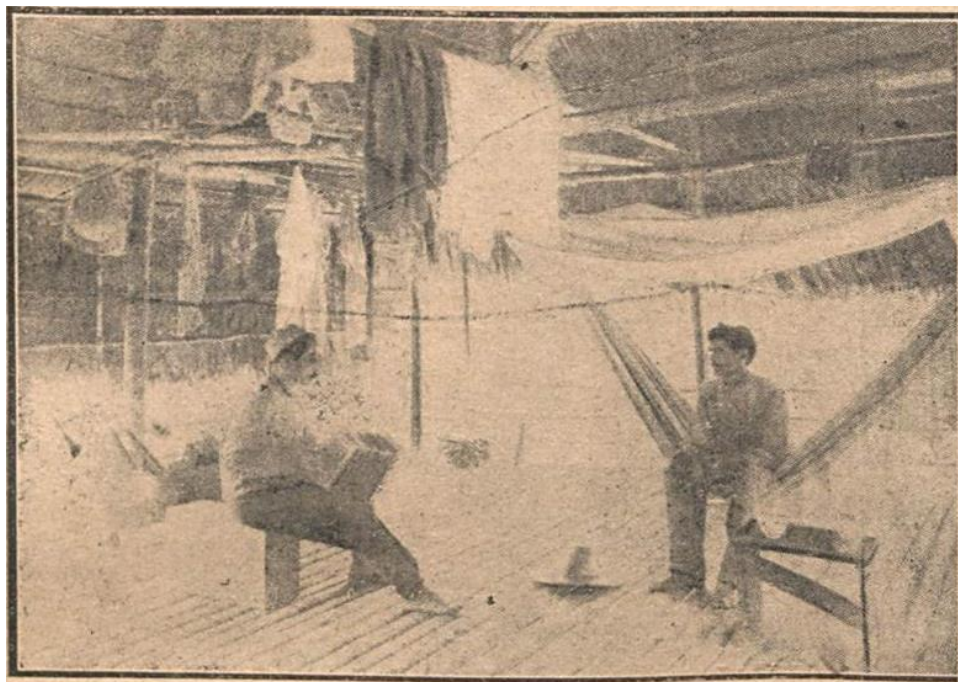
De modo que se fez presente na matéria uma fotografia representando a vida na floresta, tal qual exposto na narrativa. A captura demonstrava conforme a legenda: “o interior da casa de seringueiro, no Alto Amazonas”. A imagem de aspecto desbotado apresentou dois seringueiros, o primeiro sentado em uma espécie de tronco de árvore enquanto o outro está sentado n’uma rede; vê-se perto do último o seu chapéu no chão – acessório muito comum nas representações de trabalhadores da floresta amazônica. A casa figura a rusticidade com que é conformada a vida no campo, feita de madeira e aparente pouca organização na cena registrada.

---

<sup>245</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0548. Ano: 1916.

<sup>246</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0548. Ano: 1916.





**Figura 29:**  
Recorte da revista *O Tico Tico*. Edição 0548. Ano: 1916.

No desenvolvimento da narrativa a história antes verossímil passou a ter ares de ficção. Uma vez que Sr. Lange narrou ter achado muito ouro com o qual encheu cinco caixas, mas “poderia ter enchido uma barrica” e, além disso, transformou no texto os índios “mageromas” em canibais. Pois, percebeu com o passar do tempo que seus “bondosos hospedeiros haviam matado alguns peruanos, que tinham invadindo seu domínio”; descrevendo esta como uma “tribu barbara” que preparava o veneno “wourahli” e que utilizavam deste veneno nos “dardos e flechas das suas balestras e suas engenhosas emboscadas, armadilhas e estratagemas para que possam matar seus inimigos, são todas cousas interessantes”<sup>247</sup>.

Nesta primeira narrativa temos contato com três visões de um personagem estrangeiro que penetrou amazônica acerca dos sujeitos amazônicos: primeiramente, o espanto com a presença de um artefato industrial, no caso uma máquina de costura sendo utilizada por uma índia; segundo, um ponto de vista bastante comum sobre moradia e modos de vida dos trabalhadores da floresta, especialmente seringueiros e; por último, acerca dos indígenas – retratados como canibais e com características guerreiras. Ambas eram interpretações frequentes na conformação de sujeitos amazônicos, isto é, como sendo distantes da lida com objetos “modernos”, conformados

<sup>247</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0548. Ano: 1916.

por modos de vida simplórios e, sobretudo, quando se tratou de povos indígenas verifica-se a identificação deles com costumes e hábitos exóticos.

Ainda sobre a representação de indígenas, no *almanach d'O Tico Tico* de 1936 transmitiu-se uma narrativa intitulada “Lenda do Guaraná”, que tinha como personagens os índios Mundurucús que “desde tempos immemoráveis” cultivavam a “preciosa planta”. Segue parte da lenda tal como foi apresentada no periódico:

O tuchaúa, o grande chefe, tinha um filho, formosa creança que era o encanto e a esperança da tribu. Uma doença rapida, porém, veio destruir a felicidade da familia. A mãe da creança chorava inconsolavel.

Tupan, o Deus Supremo, appareceu em sonhos á desolada mãe, dizendo que da sepultura do menino brotaria uma planta que daria frutos, cujas sementes negras cercadas de arillo alvissimo, seriam como os olhos negros da encantadora creança, multiplicados aos milhões a velar pela paz e pelos grandiosos destinos da tribu. Dahi a ser o guaraná considerado pelos índios como uma planta sagrada. E a sciencia veiu comproval-o.<sup>248</sup>

A narrativa prosseguiu discriminando as características do produto, tais como: “4 a 6% de cafeina eram presentes nas folhas frescas, mas que quando secas e pulverizadas apresentavam “38 decimos % de cafeína e 1,20 % de theobromina”. E com a combinação dessas era possível “um novo typo de alimento synthetico”. Dos benefícios foram listados: “dissipa a fadiga, reanima o organismo, sustenta as energias, actua como alimento de poupança”; e pelo fato de ser tônico assumia o papel de “policia dos intestinos” rejuvenescendo o organismo.

---

<sup>248</sup> Almanach d'O Tico Tico de 1936.

ALMANACH D'O TICO-TICO — 1936



Na Amazonia destaca-se uma região onde predomina a grande e valorosa tribo dos Mundurucús, a preciosa planta que a tribo considera sagrada e salvadora, desde tempos imemoriais vem cultivando uma deusa dos destinos da tribo. A lenda diz que:

O tuchaú, o grande chefe, tinha um filho, formosa criança que era o encanto e a esperança da tribo. Uma doença rápida, porém, veio destruir a felicidade da família. A mãe da criança chorava inconsolável.

Tupan, o Deus Supremo, apareceu em sonhos á desolada mãe, dizendo que da sepultura do menino brotaria uma planta que daria frutos, cujas sementes negras cercadas de arillo alvissimo, seriam como os olhos negros da encantadora criança, multiplicados nos milhões a velar pela paz e pelos grandiosos destinos da tribo. Dahi a ser o Guaraná considerado pelos indios como uma planta sagrada. E a sciencia veio comproval-o.

As sementes do Guaraná contém de 4 a 6% de cafeína, quando frescas. As folhas secas e pulverizadas encerram 38 decimos % de cafeína e 1,20% de theobromina. A associação da cafeína á theobromina constitue uma feliz combinação tendo em vista a sua utilização como um novo tipo de alimento synthetico.

O Guaraná dissipa a fadiga, reanima o organismo, sustenta as energias, actua como alimento de poupança. E' tonico; é por assim dizer, a policia dos intestinos; previne a velhice rejuvenescendo o organismo.

Por isso os indios consid-ram o Guaraná uma planta divina — Nirvanica.

O Guaraná Champagne da Antarctica contém todos os principios soluveis e inalteraveis do Guaraná, por isso que é feito com a maravilhosa planta importada directamente de Maués, a decantada metropole.

O Guaraná Antarctica é a bebida predilecta das crianças.

**Figura 30:**  
Página do Almanach *O Tico Tico* de 1936.

Todo detalhamento e atratividade do desenho e do texto tinham como intenção propagandear o “Guaraná Champagne da Antarctica” que, segundo *O Tico Tico*, possuía “todos princípios solúveis e inalteráveis do Guaraná”; pois era feito com a “maravilhosa” planta importada de Maués na Amazônia. Apesar do destaque imagético dado aos ditos “Mundurucús”, a narrativa tem como enfoque a venda do *Guaraná Antarctica* indicado pelo impresso como “a bebida predilecta das crianças”. Nos próximos anos o Almanach permaneceu com a publicidade em torno da bebida<sup>249</sup>.

<sup>249</sup> O guaraná fazia parte da alimentação paraense, como bebida tinha semelhanças ao açaí (fruto de técnicas e saberes indígenas), mas também foi fabricado e consumido na forma de bastão, refrigerante ou



Nessa perspectiva, seguem dois exemplos de narrativas-propagandas do guaraná. O primeiro utiliza na imagem e o segundo na narrativa textual os índios da região de Maués (baixo Amazonas) como importantes para fabricação do produto; além disso, torna-se mais taxativa a presença da indústria, uma vez que ganhou destaque na visualidade da propaganda.



**Figura 31:**  
Almanach do Tico Tico 1937.



**Figura 32:**  
Almanach do Tico Tico 1938.

Outro exemplo da utilização dos indígenas na publicidade divulgada n’O Tico Tico ocorreu com na narrativa escrita e visual “A recompensa do Pagé”<sup>250</sup> de 1945. A história contou que “na misteriosa Amazônia, há muitos anos” habitavam duas tribos inimigas: a primeira, de índios valentes, guerreiros e indomáveis; e a segunda marcada por índios que viviam em regime de trabalho livre, ou seja, “plantando, pescando, caçando”. Assim, em um embate dos muitos ocorridos entre esses povos foi feito prisioneiro um “velho pagé”. No entanto, uma das “filhas” da tribo que tornou

xarope em Belém. MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. *A Cozinha Mestiça: Uma história da Alimentação em Belém (fins do século XIX e início do século XX)*. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, 2016. p. 228. Ver também sobre o produto: GODINHO, Victor; LINDENBERG, Adolpho. *Norte do Brasil: através do Amazonas, do Pará e do Maranhão*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

<sup>250</sup> Almanaque d’O Tico Tico de 1945. p. 113.

prisioneiro o “velho pagé” sentindo piedade do índio libertou-o, para que vivesse sossegado seus últimos dias.

Segundo *O Tico Tico*, o pajé grato pelo ato perguntou a filha de Morubixava qual era o seu maior desejo, e ela respondeu que gostaria de ser bela. A jovem índia sentia-se feia, pois ninguém a queria. O pajé prometeu ensinar-lhe o segredo das flores e assim o fez: enviou-lhe uma “piroga” cheia de flores. A índia extraiu o suco das flores como foi ensinado pelo velho índio e após passar no corpo e no rosto o milagre se realizou. Na narrativa foi revelado que aquelas eram “flores da colônia”, ou seja, flores que davam origem ao “Leite de Colônia” e assim descreveu-se o produto: “o afamado aformoseador da cútis, que remove manchas, renova o frescor natural e estimula a vida da pele, usado hoje por todas as pessoas que desejam ter aspecto agradável e atraente”.

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

# A RECOMPENSA DO PAGÉ

**N**A misteriosa Amazônia, há muitos anos, uma grande tribo de índios era senhora de vastas terras, onde estrangeiro nenhum, branco ou índio, ousava pôr os pés.

Eram um povo valente, guerreiro e indomável, e suas malocas estavam cheias de troféus.

Em plagas vizinhas, também habitando vastas extensões outra tribo vivia do seu trabalho livre em plena selva, plantando, pescando, caçando.

Eram inimigas irreconciliáveis. E de tempos a tempos seus guerreiros se enfrentavam, em combates violentos, sem que tais batalhas decidissem sobre qual deveria ser senhora absoluta da terra banhada pelo Rio Mar.

Certa vez, após uma dessas rídegas, foi feito prisioneiro um velho pagé.

Aplodiu-se dele, entretanto, a filha do Morubiraba. Seu coração jovem se encheu de dó pela sua velhice. E a moça índia não sossegou enquanto não veio, alta noite, a prisão, para libertá-lo, afirmando que voltasse à sua tribo e ali vivesse em sossego seus últimos dias.

O pagé, uma vez livre, quis saber qual o maior desejo daquela que lhe trazia a liberdade.

— Sou feia... — queixou-se a índia. Gostaria de ser bela, de encantar com a minha presença. Dó que me serve ser a filha do Morubiraba, de que me serve ser boa e ter bons sentimentos, se ninguém me quer, por não ser bonita?

— Não fales assim... — disse o pagé. Os bons sentimentos valem por si sós toda a beleza da terra. Mas, sendo moça, é justo que desejes ser bela... Hei de te mandar, rio abaixo, algumas flores. Elas te darão a beleza por que anseias.

Encomendou, então, o segredo daquelas flores. E, curvado para o chão, pelo peso dos anos, partiu.

**D**IAS depois, vogando rio abaixo, uma piraga veio encalhar na ribanceira onde as jovens índias se costumavam banhar. Não trazia passageiros: estava cheia de flores.

A filha do Morubiraba reconheceu naquilo o cumprimento da promessa do velho. Apanhou as flores e extraiu delas, como lhe fora ensinado, o suco, que era como um leite. Usou-o no rosto, nos braços, no colo. E o milagre se realizou! Aquelas flores eram as Flores de Colônia, que dão origem ao "Leite de Colônia", o famoso adormecedor da culis, que remove manchas, renova o frescor natural e estimula a vida da pele, usado hoje por todas as pessoas que desejam ter aspecto agradável e atraente.

1945

115

**Figura 33:**  
Almanaque do Tico Tico de 1945.

A veiculação de propaganda de produtos de beleza permite-nos inferir que se pensou no público adulto que acompanhava a revista junto aos filhos: as mães, principalmente. E, além disso, utilizava-se representações de povos indígenas e da mística que envolve suas relações com o ambiente e suas crenças para o lucro de grandes empresas. A visualidade do *Leite de Colônia* presente na narrativa ainda permitiu a publicidade do laboratório que o produzia denominado: “Studart & Cia”; e a localidade: Manaus – Rio. A verdade é que com o passar dos anos, especialmente entre 1914 e 1945, a conformação dos indivíduos amazônicos permaneceu cercada de estereótipos; sendo estes personagens, por vezes, utilizados a serviço de grandes





“uma moça e um velho”. No entanto, a fim de salvá-los, um dos pilotos do avião entrou em “um ídolo de terra”, isto é, um artefato de divindade, dos indígenas da região, para que estes se assustassem com a própria divindade que adorada através dos sons emitidos pelo piloto; que fingindo dava “vida” ao ídolo. Assim, além de canibais os índios da região novamente foram conformados como “inocentes”. Mas, ainda que fossem apresentados com características indesejáveis é importante enfatizar que não deixaram de compor as histórias em períodos nos quais se caracterizava este espaço como lugar vazio de gente.

Os considerados “espaços vazios”, por vezes, eram os locais tidos como uma espécie de “sertão”. No entanto, “sertão” não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares e uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica<sup>252</sup>. Segundo Janaína Amado, o sertão, em Portugal, com a decomposição do Império Português tem seus múltiplos significados reduzidos a definição de “interior”. Em contrapartida, no Brasil, a partir da Independência, o sertão adquire novos significados e adquire um papel fundamental para o entendimento de nação<sup>253</sup>. Assim como “a definição do Brasil como espaço da natureza é o que diferenciou a literatura brasileira da portuguesa”<sup>254</sup>, conforme propõe Lucia Lippi Oliveira.

---

<sup>252</sup> MORAES, Antonio Carlos Robert. *O Sertão Um ðoutroö geográfico*. “Terra Brasilis” (Nova Série), 4 - 5 2012.

<sup>253</sup> AMADO, Janaina. *Região, Sertão, Nação*. In: “Estudos Históricos”, Rio de Janeiro, Vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

<sup>254</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Natureza e identidade: o caso brasileiro*. Desigualdade & Diversidade – “Revista de Ciências Sociais” da PUC-Rio, nº 9 ago/dez, 2011. p 128.



Figura 35:

Revista *O Tico Tico*. Edição 1871. Ano: 1941.

Assim, em uma edição publicada em 1941 transmitiu-se às crianças do Brasil um texto sobre os “Bandeirantes”<sup>255</sup> de Cícero Valladares, o mesmo texto foi veiculado anteriormente no almanaque de 1932 e nos aproxima novamente da discussão sobre espaços vazios, pois a utilização dos bandeirantes nesse período tem o sentido de mostrar a importância de integrar o Brasil e povoar áreas como o centro-oeste e posteriormente a Amazônia que também entra como espaço a ser ocupado e desenvolvido. A narrativa sobre esses personagens revelava que eles foram “até os confins do Amazonas”<sup>256</sup>.

Conforme aponta Angela de Castro Gomes, o uso simbólico dos Bandeirantes foi iniciado pelos paulistas após a inserção do regime Vargasista na década de 1930. No entanto, a imagem destes como “heróis brasileiros” também seria recorrente no programa “Marcha para o Oeste”, dado os planos do governo em implementar políticas governamentais voltadas para a integração do território brasileiro<sup>257</sup>. Ou seja, representações de Bandeirantes, principalmente os Paulistas, eram construídas em tons de heroísmo/patriotismo e tinham como intenção fomentar as políticas de ocupação dos

<sup>255</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1871. Ano: 1941.

<sup>256</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1871. Ano: 1941.

<sup>257</sup> GOMES, Angela de Castro. *Através do Brasil: O território e seu povo. In: A República no Brasil*. Angela de Castro Gomes, Dulce Chaves Pandolfi, Verena Alberti (coord). Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.

sertões brasileiros. Portanto, na matéria apresentada na revista *O Tico Tico* não foi diferente.

A memória acerca do passado brasileiro surge selecionada para atender a essa demanda. Pois, na narrativa que tratou dos Bandeirantes a contruibuição da mão de obra indígena não surge como tema a ser discutido e apresentado as crianças brasileiras. Pelo contrário, estes foram ameaçados no conteúdo da história, pelo fato de não contarem onde se encontravam as “jazidas de ouro” a um dos mais “notáveis” Bandeirantes do Brasil, segundo *O Tico Tico*: “Bartholomeu Bueno da Silva, chamado o Anhanguera”. A história tem fim com o seguinte trecho: “Bueno ameaçou-os de secar todos os rios se eles não lhe revelassem as jazidas e os selvagens logo lhe mostraram tudo. Aos bandeirantes é que devemos ter hoje o nosso Brasil conhecido e explorado”<sup>258</sup>.

Grosso modo, nesse período o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, fomentava uma política de colonização da Amazônia, região considerada como um “espaço vazio”, precisando ser ocupada, e em grande medida, explorada; pois, segundo Hosenildo Alves, a imprensa estadonovista, veiculada na imprensa local amazonense, tratava de “saudar Vargas pela sua preocupação em buscar a inserção da economia do Amazonas na nacional”<sup>259</sup>.

Em “O Discurso do Rio Amazonas” o presidente Getúlio Vargas pronunciou o seguinte:

É tempo de cuidarmos, com sentido permanente, do povoamento amazônico. Nos aspectos atuais o seu quadro ainda é o da dispersão.

[...]

Nada nos deterá nesta arrancada que é, no século XX, a mais alta tarefa do homem civilizado: conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua força cega e a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada. O Amazonas, sob o impulso fecundo da nossa vontade e do nosso trabalho, deixará de ser, afinal, um simples capítulo da história da terra e, equiparado aos outros grandes rios, tornar-se-á um capítulo da história da civilização.<sup>260</sup>

Assim, entendemos que a pouca representação dos sujeitos amazônicos em comparação à natureza, fauna e flora desse espaço, se deu pelo fato de que a própria sociedade brasileira, especialmente os representantes políticos e o próprio editorial e articulistas da revista, entendiam a Amazônia como um espaço vazio. Quando não,

<sup>258</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1871. Ano: 1941.

<sup>259</sup> ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder: a propaganda varguista na imprensa amazonense (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado. UFAM: 2009. p. 152.

<sup>260</sup> *O Discurso do Rio Amazonas*. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1942\\_v4\\_n2.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1942_v4_n2.pdf). Acesso: 09/08/2018.



conformavam os habitantes da região de forma depreciativa aos jovens leitores deste periódico infantil.

Um espaço sem gente considerada “civilizada” aos moldes da época seria, portanto, um espaço vazio, como são representados os indígenas presentes na narrativa sobre os bandeirantes, que são ameaçados por estes “heróis nacionais” para que lhe revelassem o ouro presente nas terras que pertenciam. Desse modo, segundo *O Tico Tico*, são os bandeirantes os responsáveis por fazer o Brasil conhecido ao ponto de ganharem a alcunha de heróis. Entretanto, ao destacarmos os personagens amazônicos presentes nas narrativas vislumbramos que os diferentes sujeitos que compõem a Amazônia não deixaram de estar presentes entre as histórias veiculadas n’*O Tico Tico*.



### Capítulo 3 ó ESPAÇO, NATUREZA E ECONOMIA NA REVISTA *O TICO TICO*

Em grande medida, a representação da Amazônia é ordenada em torno da natureza. Segundo Michel de Certeau “o espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram”<sup>261</sup>; portanto, entendemos o espaço amazônico enquanto lugar de práticas, de movimento, e de diferentes operações advindas de sujeitos históricos encarnados como natureza. Uma vez que os habitantes da floresta, ocupam continuamente o mesmo lugar das árvores, dos rios, e dos animais na conformação imagética da região.

A revista *O Tico Tico* atuando como veículo produtor de representações da Amazônia não foi diferente. A ênfase de seus textos e imagens recaía sobre o mundo natural, trazendo novas interpretações ou reproduzindo as pertencentes ao repertório cognitivo<sup>262</sup> real e imaginário acerca do território. No entanto, vale lembrar que, segundo Roger Chartier, “a leitura não está inscrita no texto, sem uma distância pensável entre o sentido atribuído a este último (por seu autor, seu editor, pela crítica, pela tradição, etc. ...) e o uso ou a interpretação que dele pode ser feita por seus leitores”<sup>263</sup>. Ou seja, o que o editorial e articulistas d’*O Tico Tico* propõe com suas narrativas, não são necessariamente as formas pelas quais as informações serão apreendidas pelos pequenos leitores brasileiros.

Em “Narrativas escoteiras”, publicada no ano de 1929, assinada pela alcunha “aspirantes”, descreveu-se a excursão de duas patrulhas inimigas “Ojato” e “Raposa” no Bosque Rodrigues Alves<sup>264</sup>. Na história a patrulha “Raposa” utilizou duas cotias como isca no afã de encontrar a tropa “Ojato”, que havia se escondido atrás no bosque n’uma vala “coberta de capim verdejante”. Tal artifício surtiu efeito e, desse modo, foi necessário que se ensinasse também a patrulha “Ojato” formas de aproximação dos

<sup>261</sup> DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: as artes de fazer* (1980). Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 202.

<sup>262</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *De Pinceis e Letras: Os Manifestos Literários e Visuais no Modernismo Amazônico na Década de 1920*. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 9, n. 2, jul.-dez., 2016. p. 132.

<sup>263</sup> CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs). *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 1998. p. 5

<sup>264</sup> O Bosque Rodrigues Alves consiste em um conjunto de elementos paisagísticos complexos representando valores artístico-culturais e ecossistemêmicos em Belém do Pará. O espaço é tombado como patrimônio Municipal da cidade de Belém, devido suas qualidades estéticas e ecológicas. Agrega elementos da biodiversidade amazônica, na forma de um jardim de importância histórica decorrente da Belle Époque paraense, preservando ainda hoje parte da vegetação original. Ver mais em: SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. *Paisagens do Bosque Rodrigues Alves, Belém (PA): considerações sobre a conservação do patrimônio urbano no contexto amazônico*. Antíteses, v. 7, n. 14, p. 230-257, jul. - dez. 2014.

animais sem que fossem percebidos, como “guarnecer o rosto e a cabeça com ervas a mattos, etc.”

Na mesma matéria a narrativa comentou que além de excursões pedestres e de bicicleta, os meninos escoteiros em Belém igualmente faziam passeios marítimos, a seguir o relato do dia em que desceram o igarapé Murutucú:

Tornando-se estreito em vários pontos, fomos forçados a carregar o barco, fazendo-o passar por cima de troncos de árvores que barravam a passagem da nossa embarcação e para tirar de logares onde a água faltava. Remámos até a bocca do Guamá, que se une ao Guajará. Sendo o curso d’água maior e havendo vento, fizemos a vela, e assim conseguimos depois da pesca da baleia, passar pelo Ver-o-peso, Mira-Mar, Val de Cães e Pinheiro.<sup>265</sup>

O percurso foi narrado por “leitores-escoteiros” que moravam em Belém. Segundo Carlos Junior, no artigo “Corpo e Educação no Escotismo a partir da revista *O Tico Tico* (1921-1933)”, o olhar do escotismo voltado para a natureza tornava a prática “uma medida patriótica”<sup>266</sup>, pois disseminava valores morais e conhecimento dos recursos do Brasil no sentido de “reconquistá-lo”; enquanto impunha às crianças cuidados com o corpo.

Assim, o intento deste capítulo consiste em verificar como o espaço amazônico foi exibido e descrito para crianças brasileiras. *O Tico Tico* localizou a Amazônia por meio de mapas, descreveu plantas, árvores e rios que fazem parte da composição ambiental da região; assim como, disseminou uma variedade de animais locais aludindo às suas particularidades.

---

<sup>265</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1253. Ano: 1929.

<sup>266</sup> JUNIOR, Carlos Herold. *Corpo e Educação no Escotismo a partir da revista O Tico Tico (1921-1933)*. “Movimento”, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 303-316, abr./jun. de 2015. p. 308.



**Figura 36:**  
**Revista *O Tico Tico*. Edição 1103. Ano 1926.**

Desse modo, verificamos que alguns dos principais personagens da revista também foram inseridos na Amazônia ou entraram em contato com a fauna e a flora desse espaço. Mas como peculiaridades da região contribuíram para as narrativas que foram construídas? Em “As aventuras de Chiquinho – A vingança do jaboty” foi revelado que era prática comum dos pescadores do rio Amazonas virar tartarugas de pernas para o ar e que assim elas permaneciam. Então, quando Benjamin e Chiquinho inventaram de virar o enorme Jaboty do Tio do Chiquinho, nesse ínterim Benjamin acabou sendo mordido, conforme apresentado pelas imagens.

Esta História em Quadrinhos carregava o objetivo da revista, isto é, instruir divertindo. Moral da História? “muitas varadas e chinelladas em todos os tres”. Diante disso, entendemos que as informações sobre práticas de indivíduos da Amazônia ou sobre o espaço eram apresentadas de acordo com os propósitos da revista.

Nesse capítulo investigaremos as prováveis intenções imbricadas nas escolhas dos articulistas e da própria editora nas interpretações da fauna e da flora da floresta tropical brasileira. Pois, se o “Eldorado” enquanto mito não pôde ser encontrado conforme o desejo dos viajantes em tempos coloniais. No século XX, os olhares do

Brasil se voltaram para as plantas e animais da Amazônia enquanto recursos econômicos, bem como para compor histórias divertidas que apresentavam curiosidades acerca da região e dos indivíduos.

Por outro lado, atentaremos também para os reflexos dos projetos pensados para região – em escala internacional e nacional – surgindo em consonância com as matérias apresentadas pelo periódico. O vislumbre acerca do potencial econômico da Amazônia. Uma vez que refletir sobre os interesses em torno da região nos permite verificar se o que foi propagado em uma revista infantil esteve ligada as tensões políticas do país, como comumente ocorre quando se trata da produção de periódicos para o público adulto<sup>267</sup>, isto é, o eterno jogo de influência entre mídia e política sob o véu da falsa neutralidade midiática.

Grosso modo, compreendemos que, por vezes, as necessidades do mercado ditavam o que deveria ser objeto de matéria no *Jornal da Crianças*. Tanto para vender a revista como um material atrativo quanto para instruir o público infantil brasileiro acerca das riquezas do território e das possibilidades de extrair dele, por exemplo, “preciosas madeiras, embarcadas, em grande escala, principalmente do Estado do Pará”<sup>268</sup>.

---

<sup>267</sup> LUCA, Tania Regina de. *A REVISTA DO BRASIL (1916-1925) NA HISTÓRIA DA IMPRENSA*. Travessia - Revista de literatura – n. 32. UFSC – Iha de Santa Catarina, jan.-juL, 1996; p. 94—123.

<sup>268</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1052. Ano: 1925.



### 3.1 ó Representação Espacial: mapas na *O Tico Tico*

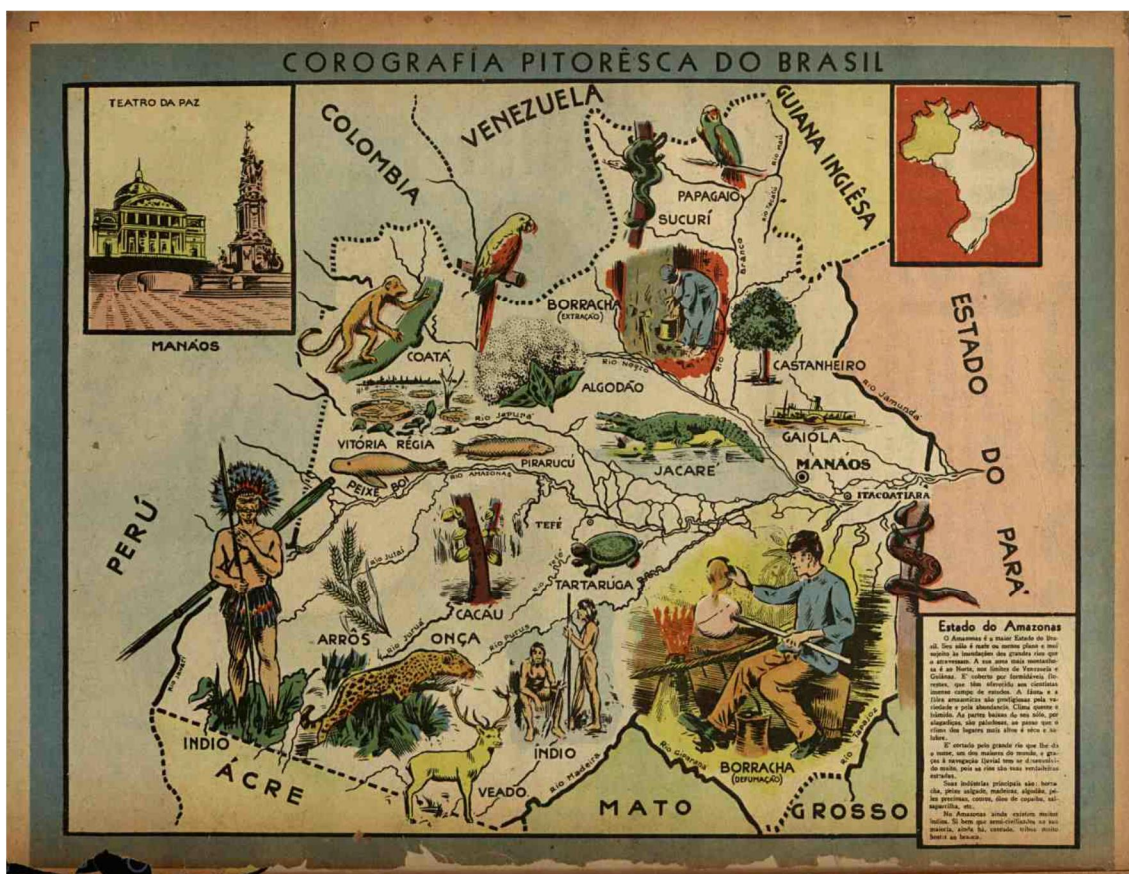


Figura 37:  
Revista *O Tico Tico*. Edição: 1869. Ano: 1941.

No ano de 1941 entre as edições da revista *O Tico Tico* foi publicada a seção “COROGRAFIA PITORÊSCA DO BRASIL”, e nesta foram divulgadas representações espaciais de todos os Estados brasileiros; apresentavam-se as especificidades no que diz respeito especialmente aos recursos naturais, fauna e flora de cada Estado.

Nesta representação espacial do Amazonas foram grafados dois índios que podemos inferir advindos de etnias indígenas distintas e o seringueiro em dois momentos diferentes do processo que envolve o trabalho com a borracha: a coleta da seiva e a transformação do látex em bola, forma como era transportada/exportada. Além disso, a comunicação cartográfica apresentou alguns animais da região como a onça, tartaruga, jacaré e outros produtos cultivados além da borracha, por exemplo, o “arrô”.

Mas, se a Amazônia era considerada era um “espaço vazio” o que dizer da presença dos personagens indígenas e dos trabalhadores da floresta na representação

espacial do Amazonas? Talvez estes sujeitos da Amazônia não fossem levados em consideração já que esta foi uma afirmação muito propagada nesse momento. Logo, perceber que entre as narrativas se fazem presentes esses sujeitos permite que se afirme a região como um espaço “não vazio”. A Amazônia é ocupada desde tempos coloniais, por mais que algumas representações aludem ao contrário dessa afirmação, uma vez que é possível iluminar a presença dos personagens no campo e na cidade em um periódico infantil de produção externa.

Voltando para imagem, a figura ao lado do Mapa representou a área urbana e nela o Teatro do Amazonas em Manaus, que ganhou o título de “Teatro da Paz”, pelas mãos dos articulistas desse impresso, ainda que este seja o nome de fato do Teatro da cidade de Belém e não de Manaus; vale citar que a sessão não é assinada. Segundo Ivanilton Oliveira,

Embora a construção de um mapa base (com as delimitações e localizações precisas de rios, estradas, limites político-administrativos etc.), a partir do levantamento em campo ou da interpretação de imagens (fotografias aéreas ou imagens orbitais), seja tarefa para especialistas, já que depende de conhecimentos técnicos sobre os instrumentos necessários, a concepção de mapas temáticos, utilizando esses mapas básicos como referência, não é necessariamente uma atividade restrita a geógrafos ou cartógrafos.<sup>269</sup>

Assim, alguns mapas publicados na revista *O Tico Tico*, pelo fato de serem temáticos, talvez não fossem construídos por especialistas.

---

<sup>269</sup> OLIVEIRA, Ivanilton José de. *Linguagem Dos Mapas: Utilizando A Cartografia Para Comunicar. ãRevista Unicienciaö*. Goiás. 2004. p. 1.



Figura 38:

Revista *O Tico Tico*. Edição 1870. Ano: 1941.

No mapa do Pará dentre alguns dos elementos expostos temos a borracha (árvore e espaço de produção) e os seringueiros; castanha, cacau, algodão; cobras, onça, macaco; a demarcação da capital Belém, representada também em uma figura no canto da página; além do seguinte resumo sobre as características do Estado:

O solo do Pará é idêntico ao do Amazonas, plano com alguma elevação do Leste para o Oeste. [...] é cheio de grandes planícies e, como o Amazonas, possui um sólo fertilíssimo, coberto de densas florestas. [...] A fauna e a flora do Pará são também riquíssimas. A caça e a pesca abundantíssima. Os produtos do seu sólo são afamados como a borracha, a castanha – grande fonte de riqueza do Estado.

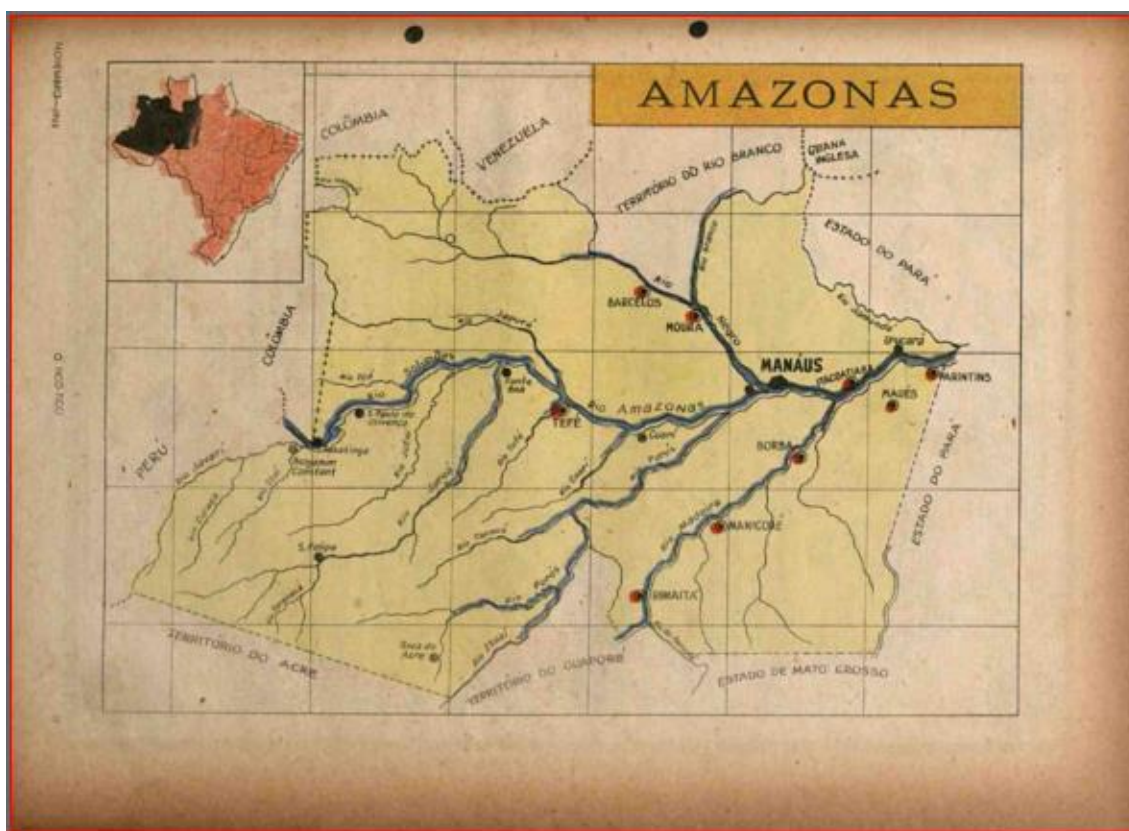
O mapa grafado carregava um pouco da dicotomia: rural e urbano. Assim como propõe Raymond Williams “a idéia de Natureza foi captada e transformada”<sup>270</sup>. Ainda para o autor, a cidade estabelece novas conexões e projeta novas formas de viver em sociedade, fruto da progressiva urbanização e da organização de uma cidade em torno

<sup>270</sup> WILLIAMS, Raymond. *A linguagem verde*. In: “O campo e a cidade: na história e na literatura”. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 177.



do comércio<sup>271</sup>. Nesse sentido, podemos destacar que foram as riquezas naturais expostas nesse mapa que impulsionaram a economia e o desenvolvimento de Belém. A imagem do navio e dos aviões carregava a ideia de que esses produtos seriam importados e/ou exportados.

Segundo Rafael Chamboleyron, “se os mapas revelam uma compreensão do mundo, em primeiro lugar, é fundamental contextualizá-los”<sup>272</sup>. Dessa forma, não podemos deixar de sinalizar que este mapa enquanto comunicação e narrativa veiculou durante o Estado Novo. Logo, a representação da região construiu um imaginário amazônico aos moldes do Estado; revelando que o caráter instrutivo da revista carregava os anseios políticos do Brasil dado a forma como a região amazônica foi revelada visualmente para as crianças de todo o Brasil.



**Figura 39:**  
**Revista *O Tico Tico*. Edição 1908. Ano: 1944.**

<sup>271</sup> WILLIAMS, Raymond. *Transformações na cidade*. In: “O campo e a cidade: na história e na literatura”. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 207.

<sup>272</sup> CHAMBOULEYRON, Rafael. “O historiador e os mapas. Perspectivas de Pesquisa e de Ensino”. In: HENRIQUE, Márcio Couto (org.). *Diálogos entre história e educação*. Belém-PA: Editora Açaí, 2014. pp 39.



Pouco tempo depois, em 1944, a revista *O Tico Tico* também veiculou a seção “COLEÇÃO COROGRÁFICA BRASILEIRA”, que vinha acompanhada de uma narrativa textual que, mais uma vez, explanava as especificidades de cada Estado brasileiro. No caso do Amazonas foram citadas as seguintes informações:

O Estado do Amazonas, que é o maior em superfície, e o mais setentrional do território nacional, fica na região fronteira do Brasil com as Guianas, a Venezuela e o Perú.

O clima, no Estado, é tropical. Chove ali abundantemente. São notáveis as variedades de madeiras dessa região. Há grande produção de borracha.

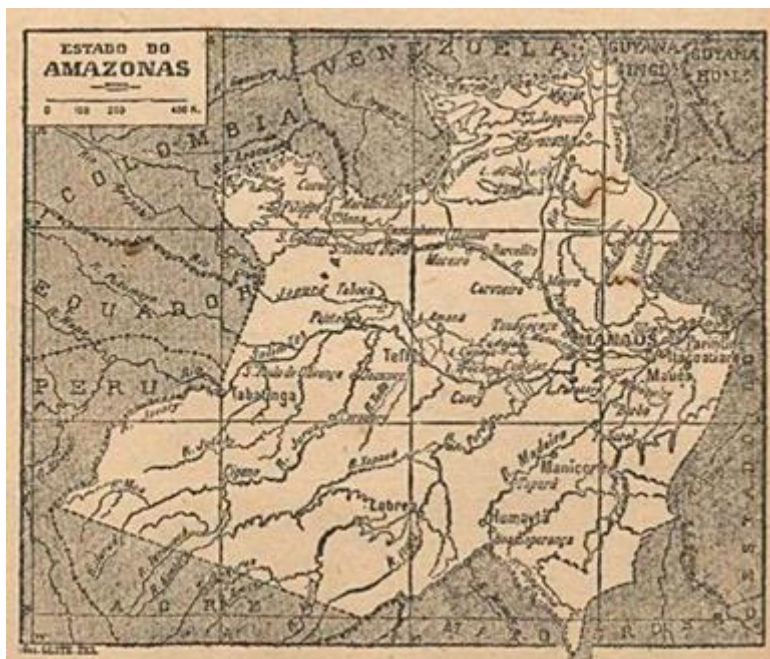
As comunicações são feitas, principalmente, por via fluvial, em "gaiolas" — como são chamados os navios que penetram nos inúmeros braços de rio que são verdadeiras estradas líquidas.<sup>273</sup>

As “estradas líquidas” são visíveis e ganham destaque no Mapa apresentado tanto pelo desenho quanto pela indicação do nome dos rios. Segundo Magali Bueno, “dados sobre a fauna e a flora e os rios da região são muito importantes do ponto de vista do conhecimento do mundo”.<sup>274</sup> No mapa localiza-se aos leitores do impresso os rios: Amazonas, Solimões, Purús, Madeira, Negro, Juruá, Içá, Coarí, Tefé, dentre outros.

---

<sup>273</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1908. Ano 1944.

<sup>274</sup> BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002. p. 42.



**Figura 40:**  
**Revista *O Tico Tico*. Edição 0739. Ano: 1919.**

Assim como na legenda de mais um mapa do Amazonas foi descrito que este “é atravessado em toda a sua extensão pelo rio-mar”, revelando a importância do rio para conformação do espaço. A título de exemplo, o nome “Pará”, segundo *O Tico Tico*, origina da palavra “mará” (mar), por ser o lugar “onde as águas do Rio Amazonas e seus afluentes vão ter para se arrojar ao mar”<sup>275</sup>. Tal fato também permite que entendamos como intensa a influência das águas na conformação da região.

Outro mapa veiculado na revista apresentou o continente Sul Americano. O continente em relação ao Brasil e o Brasil em relação a Amazônia, que ganhou destaque a partir da delimitação territorial que se criou na narrativa imagética, ensinando a localização espacial da região para as crianças brasileiras – mesmo que este mapa tenha sido veiculado na seção “Pássaros e Aves do Brasil” e o destaque da matéria tenha sido o Uirapuru e o Japim. Na pintura do continente foi utilizado as cores do Brasil, o azul para Amazônia, o Amarelo para o Brasil e o verde que coloriu os demais países restantes da América Latina.

<sup>275</sup> Almanaque d’*O Tico Tico*. Ano: 1944.



**Figura 41:**

**Revista *O Tico Tico*. Edição 1873. Ano: 1941.**

Dessa forma, os mapas presentes na revista *O Tico Tico* não são representações de um espaço inerte onde se constroem as relações sociais<sup>276</sup>, muito menos um simples reflexo da região amazônica – que é múltipla e polimórfica. Mas, como aponta Chambouleyron, os mapas atuam como fontes que iluminam a compreensão e ordenação de um espaço em determinado momento, pois se apresentam tanto como narrativas visuais quanto como textos culturalmente e socialmente construídos.

### **3.2 ó O cenário: rios, árvores e plantas**

*õNo norte do Brasil ha cidades em que chove diariamente, a horas certasõ.*<sup>277</sup>

Enquanto no século XIX o Brasil e a América Latina causava curiosidade em naturalistas europeus e norte americanos, no século XX a Amazônia tornou-se locus de

<sup>276</sup> CHAMBOULEYRON, Rafael. “O historiador e os mapas. Perspectivas de Pesquisa e de Ensino”. In: HENRIQUE, Márcio Couto (org.). *Diálogos entre história e educação*. Belém-PA: Editora Açáí, 2014. pp 37.

<sup>277</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1728. Ano: 1938.

observação e curiosidade dos próprios brasileiros. Não à toa, autores brasileiros passam a escrever sobre a região nesse período, entre eles, Euclídes da Cunha, Alberto Rangel, Mário de Andrade. E nesse ínterim, representações são construídas de acordo com as representações já existentes.

O “inferno verde” de Alberto Rangel” (1908) e “À margem da história” de Euclídes da Cunha (1909) - publicado postumamente - , tornaram-se referências obrigatórias para narrativas sobre a Amazônia construídas a partir de 1920. Mais que isso, segundo José Queiroz,

A imagem da Amazônia brasileira divulgada hoje pelos vários canais midiáticos, retratada pelas ficções cinematográficas ou imaginada por aqueles que nunca estiveram nos vários estados que compõem essa região apoia-se ainda nos conceitos e nas noções que esses dois escritores produziram há mais de cem anos.<sup>278</sup>

Assim, narrativas acerca das árvores, das plantas, da vegetação e, principalmente sobre o rio, foram utilizadas para construir imagens da Amazônia na revista *O Tico Tico*. O texto poético de título “HISTÓRIA DE UM RIO” revela-nos, ainda que o foco seja o Rio Amazonas, uma das categorias de representação do ambiente amazônico em *O Tico Tico*, isto é, o ambiente amazônico enquanto belo e dado a contemplação:

Chamo-me Amazonas.

[...] Atravesso os Estados de Amazonas e Pará. Nas minhas águas refletem-se umas flores lindíssimas e interessantes pelo seu feitio original, chamadas victorias-régias.

[...] Atravesso florestas espessas com suas árvores frondosas cheias de orchideas de diversas qualidades e entrelaçadas de cipós floridos que formam sobre minhas águas límpidas e azuladas um magnífico docél, passo por vales verdejantes, campinas, floridas, por entre tufos de verduras luxuriante e salpicados de diversas florinhas subtis, enfim, por muitos outros logares belíssimos que nem os mais ilustres pintores conseguiram até então, reproduzir.<sup>279</sup>

Partindo do mesmo viés foi publicado o texto descritivo “Um passeio ao rio Amazonas” de Maria de Nazareth. Na narrativa a autora revelou-se maravilhada durante o percurso de bote pelas margens do rio de “águas azuladas e transparentes”, avistando florestas floridas, além do fenômeno da pororoca “que muitos estragos póde causar”. No entanto, contrariando a ideia de uma localidade agradável e atrativa a revista *O Tico*

<sup>278</sup> QUEIROZ, José Francisco da Silva. *Amazônia: Inferno Verde ou Paraíso Perdido? Cenário e território na literatura escrita por Alberto Rangel e Euclides da Cunha*. Disponível em: <http://www.brasa.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/Jos%C3%A9-Francisco-da-Silva-Queiroz.pdf> Acesso: 08/10/2018. p. 17.

<sup>279</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1333. Ano 1931.

*Tico* fez também referência ao clima equatorial “super-úmido”<sup>280</sup>, que contribuía, em função do calor, para a difícil permanência na região.

Da mesma forma, o texto<sup>281</sup> assinado por Humberto Barreiro descreveu a experiência de alguém há dias no Amazonas onde há “várias palmeiras que se elevam aos montes”, “grandes árvores” das quais constituem-se a “beleza selvática” do lugar. No entanto ao mesmo tempo reúne uma natureza entulhada de cipós dentre outros empecilhos, dificultando o trânsito e a própria incursão pela floresta. Revela-se na narrativa os aspectos contemplativos, como plantinhas aquáticas boiando pelo rio, mas o que chamou atenção foi a descrição do fenômeno da pororoca definida como uma “onda titã” ou “misteriosa onda espumante e bravía”, pelo autor. O acontecimento foi o destaque do texto e da imagem que apresentou o nome do fenômeno em letras expressivas tal qual seu efeito.

---

<sup>280</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1901. Ano: 1944.

<sup>281</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1347. Ano 1931.





**Figura 42:**  
Revista *O Tico Tico*. Edição 1667. Ano: 1937.

Nesse sentido, a história quadrinizada por Oswaldo Storni “Uma prisão original” revelava o retrato grafado da floresta amazônica em *O Tico Tico*. O emaranhado de árvores e o ambiente hostil enfrentado pelo personagem, um piloto norte americano que sobreviveu a queda do avião que guiava sobre as águas do rio Amazonas. A imagem nos dá a impressão de que o piloto encontra-se num igapó. A própria revista n’uma edição de 1928 definiu o significado de igapó “é o nome que se dá no Amazonas às

florestas á beira do rio, quando alagadas pelas enchentes”<sup>282</sup>. Após passar três dias e três noites cercados por crocodilos o piloto norte americano foi salvo da morte quando percebido por outro avião que sobrevoava região.

Mauro Coelho, ao analisar “A Amazônia e seus intérpretes”, teve como ponto de partida os ensaios de Euclides da Cunha. O ensaísta descreveu ao se deparar com o “Grande Rio” que ele possuía “excesso de águas”<sup>283</sup>; comparando-o com “uma página contemporânea do Gênesis”. Contudo, segundo Mauro Coelho, quando Euclides da Cunha inseriu a região em seus debates sobre a problemática brasileira não deixou de sinalizar os problemas da Amazônia ao se ver, por exemplo, os desarranjos de margens e a desordem da sociedade construída no entorno.<sup>284</sup>

Em verdade, pensar as problemáticas ambientais da Amazônia ou apresentar a região como exageradamente atraente já faz parte de um cabedal de representações. Segundo André Botelho, quando analisa a impressão de Mário de Andrade de que as lembranças das leituras sobre o espaço viajado motivam mais que a verdade, uma vez que propõe que ao visitar um local pela primeira vez “sempre levamos conosco representações desse lugar e mesmo lembranças próprias ou alheias colhidas em leituras e conversas”<sup>285</sup>. E estas podem ser mais fortes do que constata-se no contato com o destino.

Dessa forma, ora ou outra nessa pesquisa percebemos conexões entre o que foi produzido na revista com construções textuais e imagéticas pretéritas acerca Amazônia. As imagens da Amazônia seguem quase como sendo reproduzidas e/ou ressignificadas, pois o que era exótico outrora ou motivo de afastamento pode vir a ser atrativo, dependendo do mercado de consumo ou dos anseios da política estatal planejada para a região. O desejo de estar em contato com natureza “intocada”, “fechada”, acaba tornando a floresta também sedutora.

---

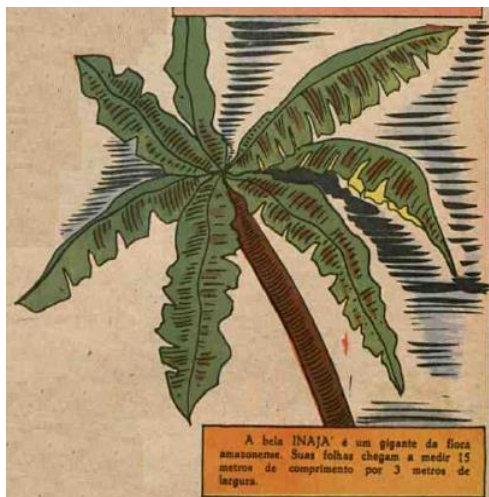
<sup>282</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1167. Ano 1928.

<sup>283</sup> Mais apontamentos acerca dos ditos excessos da natureza amazônica, ver em: LACERDA, Franciane Gama; VIEIRA, Elis Regina Corrêa. “O celeiro da Amazônia”: agricultura e natureza no Pará na virada do século XIX para o XX. *Topoi*. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. jun. 2015.

<sup>284</sup> Ver mais em: QUEIROZ, Jonas Marçal de; COELHO, Mauro Cezar. *Fronteiras da História, limites do saber, a Amazônia e seus intérpretes*. In: Amazônia. Modernização e conflito (séculos XVIII e XIX). Belém: UFPA/NAE; Macapá: UNIFAP, 2001. pp. 159-180.

<sup>285</sup> “reminiscências de leituras me impulsionaram mais que a verdade”. Ver em: BOTELHO, André. “A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas.” In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, n. 57, p. 15-50, dez. 2013. p. 37.



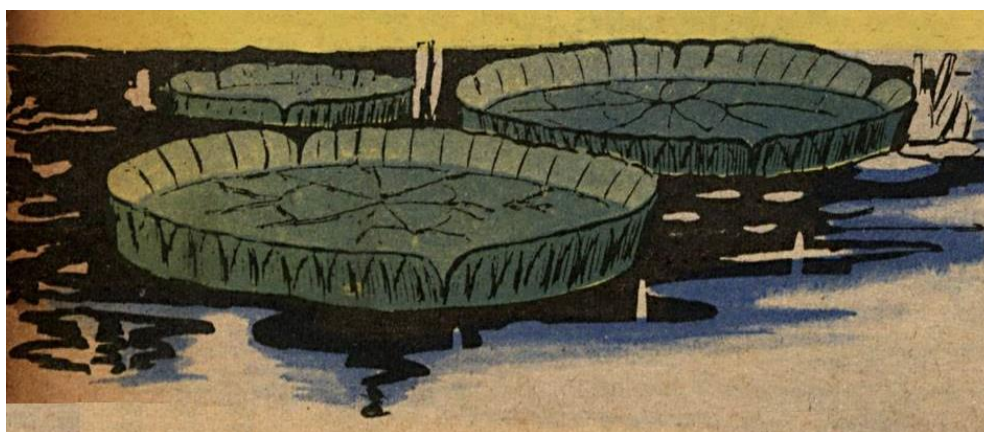


**Figura 43:** Revista *O Tico Tico*. Ed. 1875. Ano: 1942.



**Figura 44:**

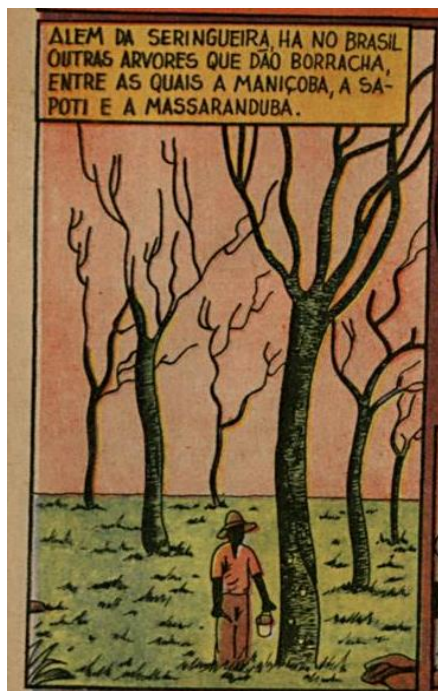
Revista *O Tico Tico*. Ed. 1703. Ano: 1938.



**Figura 45:**  
Revista *O Tico Tico*. Edição 1872. Ano: 1941.

O mosaico de informações sobre a região traz como conteúdo, entre imagens e textos, o inajá,— assim como outras palmeiras do norte —; a victoria régia; a seringueira; a castanheira; o cacauieiro; o açazeiro; a piassava ou a massaranduba descrita como “uma das mais lindas árvores” do país, árvore natural do Estado do Pará que, além de beleza, produz um líquido muito utilizado como se fosse leite de origem animal. O discurso utilitário da flora amazônica é constante. Nas imagens a seguir temos retratado o homem diante da árvore e, através das ilustrações percebemos a figura humana em diminuta presença. São os trabalhadores da floresta: o seringueiro e o castanheiro com sua presença pormenorizada quando comparados as árvores que dão significado ao seu trabalho.





**Figura 46:**  
Recorte da revista *O Tico Tico*. Edição 1875. Ano: 1942.



**Figura 47:**

Entendemos que a palavra “sertão” comporta muitos significados. Um deles diz respeito à áreas despovoadas do “interior” do Brasil. Mas o “despovoado” não se refere a ausência de qualquer habitante em determinada terra, mas a falta de homens “civilizados”<sup>286</sup>. Sendo assim, a natureza é sem-fim, “as árvores são enormes”, esta última foi a impressão do naturalista Gustavo Wallis, segundo *O Tico Tico*. Uma vez que Wallis “descobriu uma árvore cuja sombra tinha 158 metros de circunferência, podendo abrigar 25 mil pessoas”<sup>287</sup>, localizada em afluente do Rio Negro.

A grandeza das árvores é uma constante entre as representações da região. No livro “A Amazônia em 1893”, de Luiz Rodolpho Cavalcante de Albuquerque, as árvores da Amazônia são comparadas com as da Espanha, com a ressalva de que são maiores, conforme trecho a seguir:

Bem ponderado acho eu quanto disseram Agassiz, Humboldt, José Verissimo e demais eruditos escriptores sobre as vantagens de explorar os rios da Amazônia e povoa-los de farta emigração, é loucura tentar estender trilhos através de suas matas seculares, onde se encontram arvore maiores que as *cathedraes de hespanha* ...<sup>288</sup>

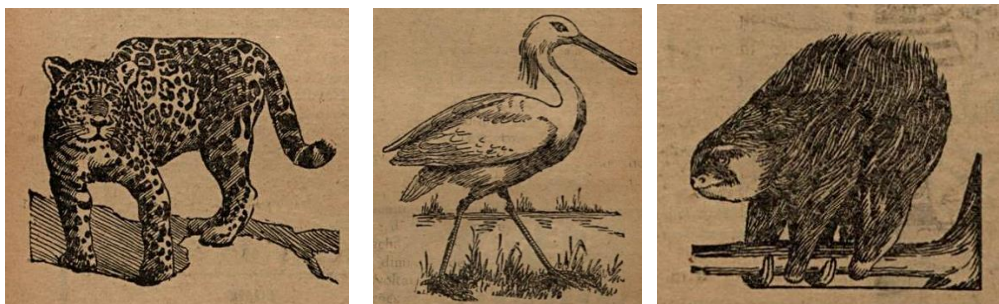
<sup>286</sup> AMADO, Janáina. *Região, Sertão, Nação*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

<sup>287</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1891. Ano 1943.

<sup>288</sup> ALBUQUERQUE, Luiz Rodolpho Cavalcante de. *A Amazônia em 1893*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221734>. Acesso 08/01/2019.

Segundo Magali Franco Bueno, o Brasil no século XIX foi visitado por vários naturalistas e a Amazônia era um dos roteiros preferidos. No curso dessas viagens “além do interesse científico, a busca por riquezas era um catalizador importante dessas viagens”<sup>289</sup>. A revista *O Tico Tico* - enquanto fonte de informação - publicou de tempo em tempo, dados apreendidos sobre o mundo natural coletados por naturalistas que passaram pela Amazônia; ainda que de experiências advindas do passado. Isto, por vezes, conformou a região como espaço inerte, que não sofre mudanças, no campo das representações.

### 3.3 - Histórias de Bichos



**Figura 48:**

**Revista *O Tico Tico*. Edição 1541. Ano: 1935.**

Os animais representados nas imagens fazem parte do ecossistema da Ilha do Marajó. “Jaguar de Marajó”; “Preguiça Marajoara” e; o “Pássaro de mais branca plumagem da ilha do Marajó”<sup>290</sup>. Segundo *O Tico Tico*, os sertões marajoaras tem uma das faunas mais ricas do Brasil. Além disso, nesta matéria de 1935 descreveu-se que a ilha possui solos “fertilíssimos”, animais “belíssimos” e, além disso, mencionou-se a criação de gado como motor da economia do Marajó.

<sup>289</sup> BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002. p. 47.

<sup>290</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1541. Ano 1935.



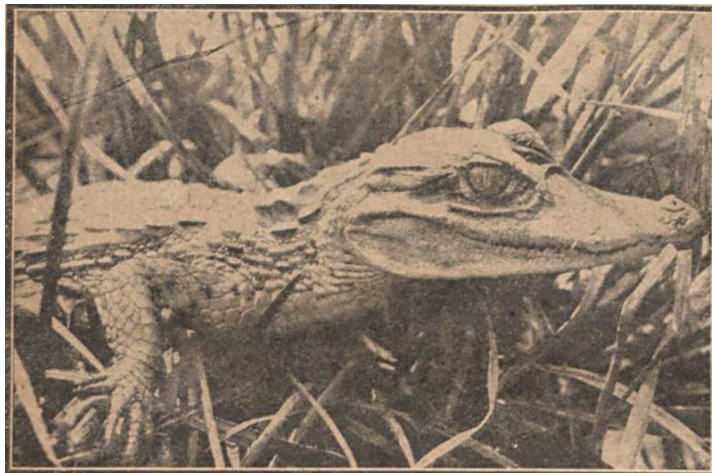
**Figura 49:**  
**Revista *O Tico Tico*. Edição: 1876. Ano: 1942.**

Lucas de Araújo no trabalho “Representações Marajoaras em Relatos de Viajantes: Natureza, Etnicidade e Modos de Vida no Século XIX” sinaliza que a presença animal nas narrativas dos viajantes e o estudo destes acerca das utilidades dos animais tinha como objetivo à manutenção de um sistema de exploração na região marajoara<sup>291</sup>. De fato, entre as páginas do *Jornal das crianças* serão apresentadas de forma frequente informações sobre os animais da Amazônia; e estes receberam os mais diversos significados e adjetivações.

Em *As lições do vovô* informa-se sobre a indústria da pecuária, e aponta-se a Amazônia como um dos locais onde encontra-se o melhor gado do país. Entretanto, alguns animais selvagens eram considerados como um empecilho para criação de gado, entre eles o Jacaré. Sem dúvida, o jacaré foi “figurinha” repetida quando se tratou dos animais da Amazônia na revista. Até porque conforme um dos artigos da revista “se alguém lhes perguntar onde estão localizados os jacarés do Brasil, repondam com segurança que respondem acertadamente: - no Amazonas”<sup>292</sup>.

<sup>291</sup> ARAÚJO, Lucas Monteiro de. *Representações Marajoaras Em Relatos De Viajantes: Natureza, Etnicidade e Modos de Vida no Século XIX*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em antropologia, Universidade Federal do Pará. Belém, 2017. p. 92.

<sup>292</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0797. Ano 1921.



**Figura 50:**  
**Revista *O Tico Tico*. Edição: 0548. Ano: 1916.**

Os jacarés normalmente eram adjetivados como “perigosíssimos”; “ferozes”; “brutais”. Desse modo, as matérias apresentavam como banal a matança desses anfíbios. Após ser fotografado, este jacaré presente na imagem, segundo a narrativa d’*O Tico Tico*, levou um tiro na boca. Os animais domésticos mereciam proteção por terem mais utilidade que os selvagens. Segundo David Vieira, “esse era o caso do gado bovino, defendido pelo poder público contra o ataque de jacarés, onças e morcegos”.<sup>293</sup>

Nessa perspectiva, a série “Em busca de um thezouro – um drama nas selvas amazônicas” criada por A. Plesse, com desenhos de Cícero Valladares, veiculada em meados da década de 1930, n’uma das sequências teve como personagem o jacaré-assú. Este levou também um tiro em um dos olhos após ter atacado um dos caçadores. A narrativa descreveu que “Joaquim”, o caçador que foi machucado, chegou a atirar no bicho, “mas a balça resvalou no dorso negro da fera”<sup>294</sup>.

<sup>293</sup> VIEIRA, David Durval Jesus. *A cidade e os õbichosõ: poder público, sociedade e animais em Belém (1892-1917)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará. Belém, 2015. p. 65.

<sup>294</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1595. Ano 1936.



## Em busca de um thezouro

UM DRAMA NAS SELVAS AMAZONICÁS

Por A. PLESSEN - Desenhos de CICERO VALLADARES



Quando chegámos ao lugar onde estava o nosso caçador, vimos um quadro doloroso: Joaquim estava deitado junto à água do rio, torcendo-se de dores e com manchas de sangue nas pernas. Perto d'elle, ferido, se via um enorme jacaré-assu, negro, medonho, arrastando-se com esforço, procurando entrar na água.



Fui o primeiro a atirar na fera, antes mesmo de falar ao Joaquim. Fiz pontaria num dos olhos do bicho com o meu rifle: acertei e vi-o estrebuchar no tijuco, para morrer imediatamente.

Depois, então, voltei-me para o pobre rapaz que gemia estirado no chão.



Rodeámos o Joaquim que nos contou o que se passara, entre gemidos. Estava ali na beira do rio. Viu um mutum num galho e procurava posição para atirar na ave, de costas para o rio, quando sentiu um barulho e um rugido atrás d'elle.

Voltou-se logo e deu com o jacaré que ia atacá-lo, furioso.



Recuou um pouco e atirou. Mas a bala resvalou no dorso negro da fera. Atirou outra vez acertando numa das mãos do animal, que louco de dor, avançou. Joaquim tropeçou nesse momento e o jacaré pôde alcançá-lo uma perna com a dentuca pavorosa. Com a dor soltou o grito desesperado e pôde ainda dar com o rifle uma pancada no bicho.



O jacaré ficou atordoado algum tempo, mas já se preparava para investir de novo, quando elle viu que vínhamos chegando. Mesmo deitado, sem poder mover-se, conseguiu apanhar o rifle e esperava o ataque da fera com o dedo no gatilho, porém sem esperança de salvação.



Fizemos uma padiola com paus e cipós e levamos o Joaquim para o nosso acampamento. A ferida feita pelas presas do jacaré era profunda, mas felizmente os ossos não estavam partidos. Meu pae fez o curativo como pôde e agasalhou o caboclo sob a tolda da ioarité.

(Continua)

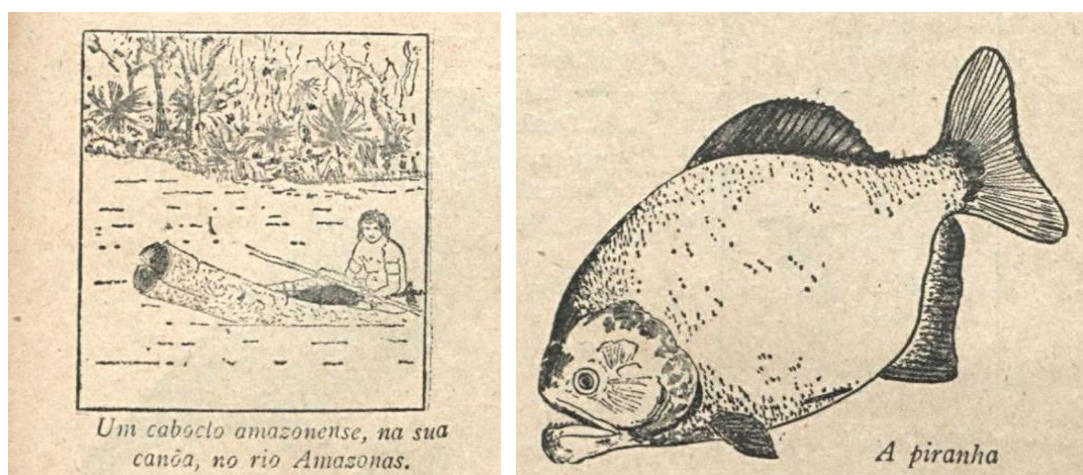
Maravilhoso regalo para a infancia — ALMANACH D'O TICO-TICO para 1936

Figura 51:  
Revista *O Tico Tico*. Edição: 1595. Ano: 1936.

A utilidade dos animais não paira somente na força econômica, enquanto domésticos eles podem adquirir outros atributos. O Uirapuro é uma espécie de amuleto de caboclos e índios da Amazônia, por exemplo. Outro animal ao qual foi atribuído um caráter mítico em *O Tico Tico* é o Puraquê que: “apanhado vivo, facilmente se domestica, em um tanque ou aquário”. Segundo a narrativa do famoso “vovô” d'*O Tico Tico*, o puraquê (ou peixe-elétrico) não só tem a carne saborosa, mas existe a “superstição” entre caboclos da Amazônia de que ele dá força elétrica a quem o come “tornando a pessoa viva, esperta e feliz ou “maruapiára”, que quer dizer cheio de sorte

em qualquer aventura”<sup>295</sup>. No entanto, a narrativa anuncia que só pode tocar nele quem o cria, pois outros nadadores do rio quando tocados por este peixe dificilmente voltam a superfície.

Nessa perspectiva, as piranhas entram no rol de animais perigosos, pelo fato de serem capazes de devorar humanos em poucos minutos. *O Tico Tico* informou que as piranhas habitam nos grandes rios do Brasil, indicando o Amazonas e o São Francisco como exemplos no texto. A narrativa acompanha uma imagem d’um caboclo amazonense na sua canoa, dando a entender que estes são vítimas comuns desses “peixes vorazes”<sup>296</sup>.



**Figura 52:**  
Revista *O Tico Tico*. Edição: 1281 Ano: 1930.

Percebemos a preponderância do animal sobre o homem dado o destaque que recebe não só no texto, mas no tamanho do desenho grafado na revista. Assim como a piranha surge como um bicho perigoso, *O Tico Tico* quando publica uma matéria sobre cobras, descreve que as venenosas não são tão grandes, “a maior delas é a surucucú, do norte do Brasil”<sup>297</sup>. Por outro lado, n’uma edição de 1923 *O Tico Tico* revelou-se uma das utilidades das cobras do norte do Brasil, esta consiste na eliminação de outros animais como “ratos, baratas, etc.”<sup>298</sup>; substituindo assim os gatos. Eram tidas como “serpentes domésticas”: a “giboia” e “mussurana”<sup>299</sup>, mencionadas por cumprirem esse papel na região.

<sup>295</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1801. Ano 1940.

<sup>296</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1281. Ano 1930.

<sup>297</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1194. Ano 1928.

<sup>298</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0921. Ano 1923.

<sup>299</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1812. Ano: 1940.



A revista que analisamos tem nome de *passarinho*. Assim, neste periódico infantil diversos pássaros amazônicos serão contemplados: o jacamim<sup>300</sup>, o Martimpescador (na Amazônia chamado de ariramba)<sup>301</sup>, o gaturamo<sup>302</sup>, o matirão<sup>303</sup>, o bacurau<sup>304</sup>, o urubu<sup>305</sup>, dentre muitos outros. Na seção “Pássaros e aves do Brasil”, assinada por Joaquim Silveira Thomaz, apontou-se que a “cigana”, também chamada de aturiá ou catingueira, “é a ave mais cursiosa que existe na Amazônia”<sup>306</sup>. Diz-se que a ave possui garras em dedos individualizados, o que permite que subam em árvores com facilidade. Além disso, revelou-se que a carne desse pássaro não presta para alimentação por ter cheiro de “môfo”, apesar de que os ovos que produzem são saborosos.

Na edição 1630 veiculada na década de 30 foi descrito que no norte do Brasil contrasta-se a beleza da “fauna alada” com a aparência dos répteis e dos quelônios, como a tartaruga, por apresentarem aspectos horríveis. A tartaruga “mata-matá seria, segundo a revista, “um dos mais feios animaes da região amazonia e talvez do mundo inteiro”<sup>307</sup>. Dessa forma, percebemos que, por vezes, os articulistas recorriam ao tom exagerado quando informavam características e/ou curiosidades acerca dos animais amazônicos através dos textos e imagens que produziam.

Portanto, a “Jeruva” foi apresentada na revista como um “lindíssimo pássaro da fauna amazônica”<sup>308</sup>. O exótico com que a Amazônia é costumeiramente representada passa muito pelo retrato dos animais. Além de conformá-los como esdrúxulos, pois em relação à eles eram emitidos juízo de valor acerca da aparência; pois, enquanto alguns eram tachados de “belos” outros eram ditos “feios”.

---

<sup>300</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1886. Ano: 1943.

<sup>301</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1880. Ano: 1942.

<sup>302</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1878. Ano: 1942.

<sup>303</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1905. Ano: 1944.

<sup>304</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1201. Ano: 1928.

<sup>305</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1880. Ano: 1943.

<sup>306</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1888. Ano 1943.

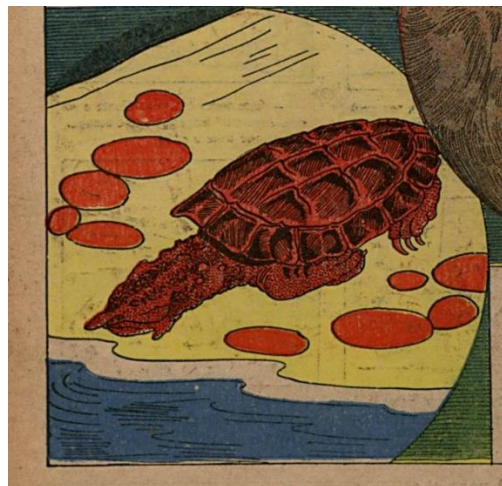
<sup>307</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1630. Ano 1936.

<sup>308</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1880. Ano 1942.



**Figura 53:**

Revista *O Tico Tico*. Edição: 1880. Ano: 1942.



**Figura 54:**

Revista *O Tico Tico*. Edição: 1630. Ano: 1936.

A revista também indicou que “inumeros simios pisttorecos” habitavam na Amazônia. Dentre eles, o macaco imperador “com seus longos bigodes brancos”<sup>309</sup> ou “O velhote da floresta amazônica”<sup>310</sup>; este último, foi descrito como um macaco presente em todo o norte do Brasil que curiosamente passava a impressão de ser um velho, por ter cabelos e barbas cumpridos. Verifica-se nessas narrativas destacadas que na revista alguns animais da região foram revelados também por seus aspectos curiosos, como nos casos dos macacos que apresentamos.

O mesmo vale para “tartaruga-caixa” que puxa perna e cabeça pra dentro, ou para formiga “tocândira” que depois de morta fica forte e resistente tornando-se uma espécie de cipó, pelo menos, era o que diziam os caboclos, segundo *O Tico Tico*. Vale refletir que o retrato dos animais da Amazônia no universo midiático como úteis ou como exóticos tinha como propósito aguçar o interesse das pessoas sobre a região<sup>311</sup>. Mas, dentro desses perfis de “exotismo” e/ou “utilidade” alguns elementos da fauna e da flora terão mais destaque nos discursos da mídia sobre a região dependendo do período; uma vez que entendemos que a forma como esta mídia mostrava a Amazônia dependia muito dos interesses do governo atuante, e do momento econômico e político no qual o Brasil estava inserido.

<sup>309</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1620. Ano 1936.

<sup>310</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1391. Ano 1932.

<sup>311</sup> FREITAS, Ricardo Martins de; REGO, Nelson. *Amazônia, Representação e Mídia*. “Revista FSA”, Teresina, v. 12, n. 1, art. 7, p. 107-120, jan./fev. 2015. p. 116.

### 3.4 ó Produtos econômicos

Os animais também representaram o comércio existente na região amazônica. Nesse sentido, em uma edição de 1944 transmitiu-se ao público infantil a pesca do pirarucu e de tartarugas como uma atividade econômica muito importante pra região<sup>312</sup>. Tal é o caso do Peixe-boi que: “dá carne para alimento e seu couro para cortume”<sup>313</sup>. Mesmo porque nesse período, conforme *O Tico Tico*, a indústria da pesca e dos seus derivados era uma das mais florescentes no Brasil<sup>314</sup>.

Desde os primeiros anos da revista o Pirarucu ou “bacalhau brasileiro”<sup>315</sup> foi representado enquanto mercadoria. Mais que isso, conforme revela Sidiana Macêdo, em sua Tese de Doutorado “A Cozinha Mestiça: Uma história da Alimentação em Belém (fins do século XIX e início do século XX)”<sup>316</sup>, o consumo de pirarucu fazia parte dos hábitos alimentares da população pobre em fins do século XIX, no entanto, o produto foi encarecendo ao longo do século XX. Concluindo que as mudanças de hábitos alimentares regionais também ocorriam por questões econômicas.

---

<sup>312</sup>Revista *O Tico Tico*. Edição 1909. Ano: 1944.

<sup>313</sup>Revista *O Tico Tico*. Edição 1875. Ano: 1942.

<sup>314</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1891. Ano: 1943.

<sup>315</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1891. Ano: 1943.

<sup>316</sup> MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. *A Cozinha Mestiça: Uma história da Alimentação em Belém (fins do século XIX e início do século XX)*. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, 2016. p. 202.



**Figura 55:**  
**Revista *O Tico Tico*. Edição: 0586. Ano: 1916.**

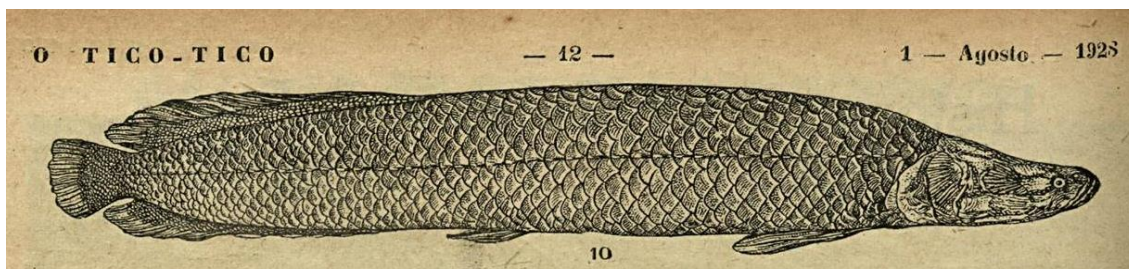
Em 1914 a seção “As maravilhas de nossa terra” por exemplo, apresentou imagem da pesca do pirarucu. Na imagem também constava o algoz do animal, o pescador, o que nos mostra novamente que os indivíduos e, mais especificamente, os trabalhadores da região não deixaram de compor a revista. Na legenda da fotografia descreveu-se esta prática como uma das mais importantes para região do ponto de vista comercial. Além de apresentar uma paisagem ribeirinha – retratando, dessa vez, com certa coerência a visualidade espacial amazônica para crianças brasileiras.



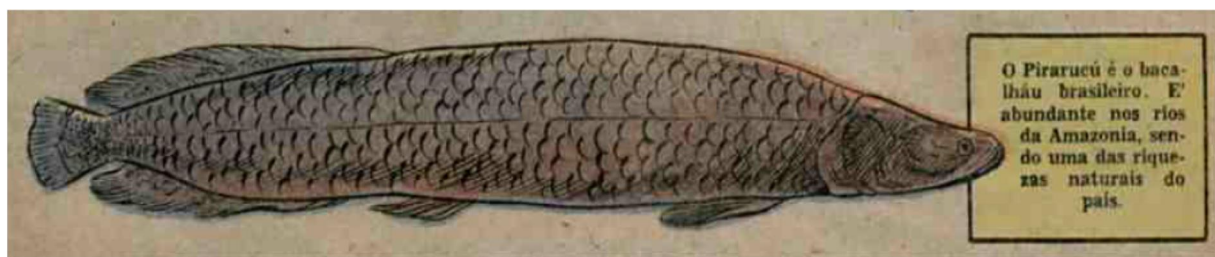
**Figura 56:**  
**Revista *O Tico Tico*. Edição: 1886. Ano: 1943.**



Em 1943 sob denominação de “arapaima” o peixe surgiu enquanto ilustração, desta vez de autoria de Paulo Affonso, destacando a captura do bacalhau, assim como este foi descrito no quadro de informações como um peixe de carne muito apreciada. De fato, n’uma edição de 1934 veiculou-se a rima: “No Pará, bella comida, Melhor, mesmo, que o peru’, E’ o peixe mais saboroso: Pirarucu”<sup>317</sup>.



**Figura 57:**  
Revista *O Tico Tico*. Edição: 1191. Ano: 1928.



**Figura 58:**  
Revista *O Tico Tico*. Edição: 1891. Ano: 1943.

Se em muitas edições o que nota-se é um “convite” a exploração dos recursos da Amazônia, quando se tratou da caça de tartarugas temos uma matéria que vai de encontro a esta prática. É relevante enfatizar que poucas narrativas se desenrolam tendo como objetivo fomentar a preservação ou formar uma consciência ambiental infantil.

Assim, n’uma edição de 1921<sup>318</sup>, relatou-se que “os filhos da Amazônia” fazem uma “tremenda” caçada desses animais (tartarugas) que “já vão escasseando”. Mas, esta narrativa teve como intenção descrever a criação de tartarugas em viveiros enquanto uma prática de japonezes que, ao contrário dos caçadores da Amazônica, são conformados nesta edição da revista como um povo “prático” e inteligente. O texto delineia-se mais no sentido de usufruir dessa prática de cultivo em grande escala para ordenar a reprodução do que propriamente para que estes animais não sejam extintos.

<sup>317</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1484. Ano 1934.

<sup>318</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0808. Ano: 1921.

Contudo, certamente, o maior foco de riquezas amazônicas apresentados pela revista *O Tico Tico* consistia na possibilidade de cultivar e explorar a terra, nas árvores, nos insumos e frutos que poderiam ser produzidos e extraídos, conforme o exemplo a seguir:

Vocês aqui do Sul, não sabem o que há pelo norte do Brasil.  
 Quantas riquezas temos por lá!  
 A borracha e as madeiras do Amazonas e do Pará.  
 [...]  
 Lá só uma coisa nos falta, como diz meu pae: falta-nos gente! As terras são  
 immensas! De gente é que precisamos.<sup>319</sup>

O trecho acima do texto de título “Cada um pela sua terra”, nos apresenta uma narrativa enviada por um leitor que se afirmou paraense, constatando, tal qual seu pai, que nesta terra faltava gente que trabalhasse “para maior prosperidade”. De fato, muitas edições vão informar sobre a necessidade de exploração dos recursos naturais presentes em todo território brasileiro. Dessa forma, tratamos nesse momento da fauna e da flora amazônica enquanto potencial econômico, não somente como elementos exóticos como apresentados anteriormente.

Alguns produtos da região tiveram grande destaque, dentre eles, principalmente: o cacau, o guaraná, a castanha do Pará e a borracha. O *Tico Tico* refletiu historicamente acerca da economia da região apresentado às crianças dados financeiros e mudança de foco no que se refere aos produtos cultivados. Em 1941 na seção “Riquezas do Brasil”, assinada por Chiquinha Rodrigues, foi informado que o primeiro chocolate fabricado no Brasil data de 1687 e que foi produzido em Belém por um francês<sup>320</sup>.

E ainda que a lavoura cacauera fosse a principal da região, antes que a borracha surgisse como fator econômico de extrema importância. No cultivo desse produto “abundava o braço servil, que foi, na realidade a alavanca da prosperidade das fazendas de cacau na Amazônia”. Entretanto, prosseguia a narrativa: “a liberação dos escravos e a valorização industrial da borracha aniquilaram o cacau”. A articulista apresentou em números o declínio quanto a exportação do produto, conforme afirmação a seguir: “a exportação chegou a alcançar 7.539 toneladas em 1888, ao passo que em 1936 o Pará apenas exportou cerca de 2 mil toneladas e o Amazonas muito menos ainda”<sup>321</sup>.

O guaraná da Amazônia tem expressivo destaque (conforme já apresentamos em outro momento desta dissertação), muito pelo fato de propagandear na revista o

<sup>319</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1642. Ano 1937.

<sup>320</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1848. Ano 1941.

<sup>321</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1848. Ano: 1941.



Guaraná Antarctica. A palavra Guaraná foi definida em *O Tico Tico* como “dádiva do céu”<sup>322</sup> e um produto da Amazônia do qual faz-se uma ótima bebida no Almanaque de 1943. Por outro lado, o açaí surge enquanto alimento do dia a dia dos amazônidas, talvez por isso não tenha sido muito explorado pela revista. Das poucas vezes em que foi mencionado marcou presença no alfabeto ilustrado n’*O Tico Tico*:

Assaí: palmeira de porte elegante da Amazônia. Produz quase todo ano cachos de frutos azulados como ameixas pequenas. Prepare-se com o mesmo vinho muito apreciado e de consumo constante, e obrigatório nas casas brasileiras do Norte.”<sup>323</sup>

Leila Mourão no estudo que realizou sobre o produto afirmou que o uso do açaí como alimento é ancestral, pois os “Tupynambas” eram identificados como “consumidores de açaí”. A autora ainda ressalta importância do açaí no que diz respeito à sobrevivência de populações ribeirinhas que se alimentam de uma porção, comercializando a outra para complementar sua subsistência.<sup>324</sup> No almanaque de 1944 d’*O Tico Tico* surgiu mais uma vez o açaí como alimento característico do norte. Destacou-se que com o advento do avião dava tempo, por exemplo, de tomar café no Aeroporto Santos Dumont, almoçar vatapá na Baía, jantar feijão de coco em Pernambuco e ao anoitecer “Já se está no Pará ou no Amazonas comendo pirarucu com farinha’água, ou bebendo assaí”<sup>325</sup>.

A Castanha do Pará virou tema de matérias dentro de um contexto específico. Portanto, a representação de produtos naturais da região amazônica nos permitiu pensar alguns discursos veiculados na revista como espelho direto das estratégias políticas e econômicas do Brasil.

---

<sup>322</sup> Almanaque do *Tico Tico* de 1943.

<sup>323</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1788. Ano: 1940.

<sup>324</sup> MOURÃO, Leila. *História e Natureza: Do Açaí ao Palmito*. “Revista Territórios e Fronteiras”, V.3 N.2 – Jul/Dez 2010.

<sup>325</sup> Almanaque do *Tico Tico* de 1944.



**Figura 59:**

**Revista *O Tico Tico*. Edição: 1908. Ano: 1944.**

No mesmo ano (1940) que veiculou a imagem do fruto, desenho produzido por Paulo Affonso, informou-se também acerca de sua exportação para os Estados Unidos. A seção “Era uma vez...”, escrita pelo intelectual pernambucano Eustogio Wanderley, apresentou as informações sobre a castanha do Pará através do personagem “Tio André”. O “tio” contava histórias “divertidas” para as crianças, mas que apesar do aspecto lúdico as histórias também tinham o objetivo de “instruir”. Percebemos o narrador em constante diálogo com o leitor, mais que isso, o narrador seduz o leitor, sendo que o “estabelecimento da cumplicidade corre por diferentes caminhos, desvelando, algumas vezes, sua natureza instrumental”<sup>326</sup>.

A narrativa em questão logo descreveu que apesar desse fruto receber o nome “castanha do Pará”, o fruto era abundante, não somente nesse Estado, mas “em toda região Amazônica, incluindo o Acre”. O fruto da castanheira, conforme “Tio André” ensinava, tem a forma de ouriço e não pode ser retirado da árvore - que pode alcançar uma altura de até 50 metros -; sendo coletado somente após seu amadurecimento e queda no solo, conforme descreveu a revista.

O texto se construía por meio de comentários do “Tio André” sobre os perigos e dificuldades da extração, como também pelo elogio das vitaminas nutritivas presentes na castanha. Dessa forma, explicava-se que a época da safra “nos imensos castanhais amazônicos” ocorria durante o inverno, mais precisamente no tempo das “chuvas

<sup>326</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1998. p. 23.

copiosas” – quando os caminhos no meio da mata ficavam quase intransitáveis. Apesar de certa valorização da “castanha do Pará”, a região continuamente era descrita pelo “Tio André”, a partir de seus perigos:

Outros perigos que ameaçam o homem que colhe a castanha são as cobras que se enrodilham na mata de castanheiros e podem ser confundidas com um “ouriço”, picando a mão do infeliz que a tocar; ao abrir os duros ouriços pódê, também, com um golpe desastrado do facão cortar um dedo ou a própria mão.<sup>327</sup>

A revista incentivava o consumo de castanhas do Pará, pois o velho “Tio André” transmitia esse discurso aos leitores: “o ministério da Agricultura, com intuito de espalhar o consumo da castanha entre nós, mandou buscar grandes quantidades dela no norte e vai mandar vendê-la em caminhões, a preços muito baixos”<sup>328</sup>. A história contada pelo “Tio André” incitou-nos a dúvida: por que ao mesmo tempo em que descrevia os perigos e dificuldades enfrentadas no processo de extração da castanha, afirmava que a venda desse produto tinha preços muito baixos para outras regiões do Brasil?

José Almeida, ao refletir sobre a economia da castanha na Amazônia nesse período, apontou que:

Menos de 1% da produção de castanha-do-pará era destinada ao consumo interno. Apesar de ser apreciada no exterior, a castanha não desfrutava do mesmo prestígio dentro do país, onde era pouco conhecida, pelo menos até o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando uma intensa campanha foi realizada para divulgar o produto.<sup>329</sup>

Portanto, a confrontação da matéria apresentada na revista infantil *O Tico Tico* com o estudo realizado pelo historiador José Almeida nos permite pensar que as publicações da revista eram marcadas pelas intenções políticas e econômicas da época. Dessa forma, as crianças entram em contato, através de matérias de cunho educativo que visam instruir, com assuntos de ordem para o Estado brasileiro.

José Almeida propõe que durante a Segunda Guerra Mundial, o Ministério da Agricultura possibilitou a venda de castanha do Pará a preços baixíssimos. O público infantil foi um dos alvos primordiais da campanha, por ser a “castanha do Pará” um

<sup>327</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1809. Ano: 1940.

<sup>328</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1809. Ano: 1940.

<sup>329</sup> ALMEIDA, José Jonas. *Do extrativismo ao cemitério das castanheiras: as possibilidades da castanha do Pará*. “Anais eletrônicos do século XXII. Encontro Estadual de História da ANPUH-SP”. Santos, 2014. Disponível em: [http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406662950\\_ARQUIVO\\_DoExtrativismoaoCemiteriodasCastanheirasAsPossibilidadesdaCastanha-do-Para.pdf](http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406662950_ARQUIVO_DoExtrativismoaoCemiteriodasCastanheirasAsPossibilidadesdaCastanha-do-Para.pdf) acesso em: 15/05/2017; Ver mais em: ALMEIDA, José Jonas. *Do extrativismo à domesticação: as possibilidades da castanha-do-pará*. São Paulo, 2015 (Tese de doutorado).

produto com nutrientes<sup>330</sup> recomendados para as crianças na época. Logo, é possível que tal incentivo ao consumo da “castanha do Pará”, por meio d’*O Tico Tico*, possa ter ocorrido em virtude desta insuficiente exportação no período da Segunda Guerra Mundial. Erico Muniz, em sua tese de doutorado “Comida, Trabalho e Assistência Social: A Alimentação na Agenda Política Brasileira (1939-1947)”, revela, inclusive, que organizou-se na época campanhas publicitárias educativas contra as superstições alimentares e a favor de produtos como a Castanha do Pará e os benefícios desta para fins alimentares<sup>331</sup>.



Figura 60:

Revista *O Tico Tico*. Edição: 1896. Ano: 1943.

<sup>330</sup> Na seção “Gavetinha do Saber” há menção sobre os nutrientes provenientes da Castanha do Pará. Revista *O Tico Tico*. Edição 1736. Ano: 1939.

<sup>331</sup> MUNIZ, Érico Silva Alves. *Comida, trabalho e assistência social: a alimentação na agenda política brasileira (1939-1947)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014. 222 f. p. 87.

A matéria sobre a castanha veiculada em 1943 apresentou desde o território de onde é extraída através de um mapa até a forma de exportação. Um dos quadros informativos indicou que “as castanhas são levadas em barricas para os postos de beneficiamento, onde são descacadas e enlatadas”<sup>332</sup>. Ainda nesta edição um texto esclareceu um pouco mais sobre o produto. Afirmou-se que o Ministério da Agricultura denominou a castanha, antes dita do Pará, como “noz do Brasil”, e assim esta iria ficando conhecida em todo mundo.

Sendo a “Castanha-noz”, conforme descreveu o texto, uma das riquezas vegetais da Amazônia. Foi elencado o que podia ser produzido a partir delas: “bombons, balas, sabão, óleos para indústria de medicamentos e muitos outros usos”. Ou seja, outras utilizações ainda seriam encontrados para o fruto da castanheira, conforme se adquirisse mais conhecimento acerca desta riqueza. Mas, trataremos nesse momento de outra “riqueza” importante da Amazônia e que teve destaque expressivo n’*O Tico Tico*: a borracha.

---

<sup>332</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1896. Ano: 1943.



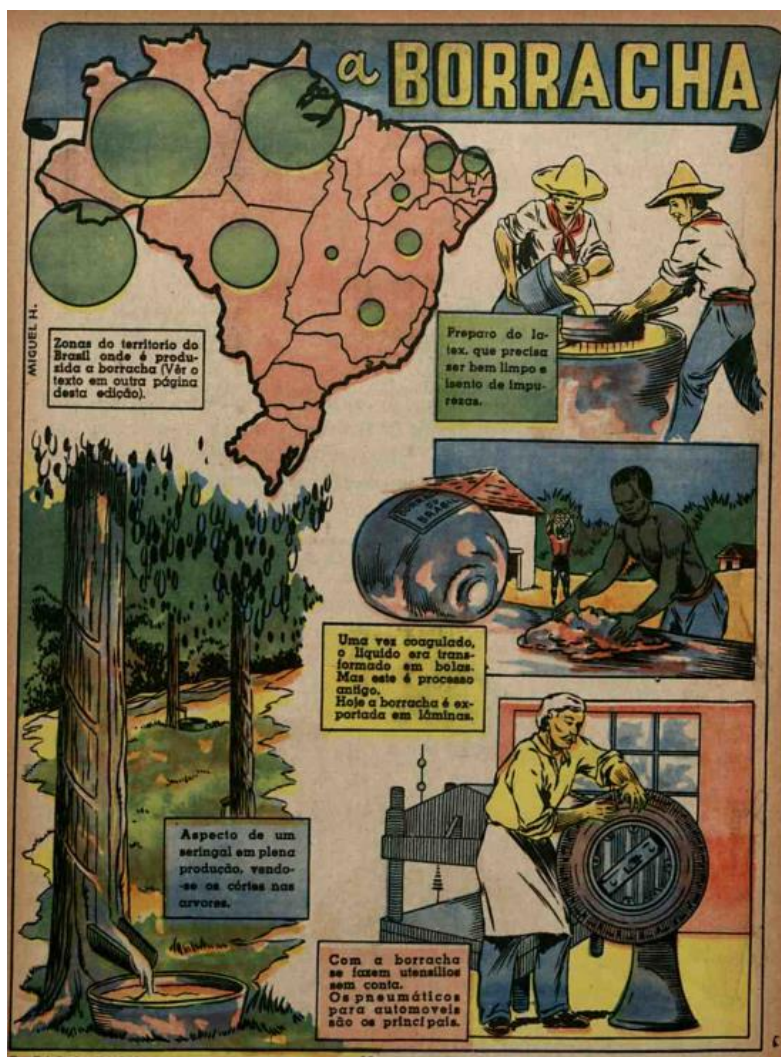


Figura 61:

Revista *O Tico Tico*. Edição: 1884. Ano: 1942.

O texto que acompanhava uma matéria ilustrada sobre a borracha elucidou que “este já foi um dos produtos mais exportados pelo Brasil e rendeu ao país somas fabulosas”<sup>333</sup>. E ainda que a partir da borracha eram inúmeros os objetos que se fabricavam além de que “na guerra esse produto tem grande utilidade”, destacando-se, por exemplo, o “uso nos pneumáticos das viaturas”. A imagem mostra o preparo da borracha e como mão de obra não só o pastiche do seringueiro, mas também personagens negros (envolvidos no processo de produção em bolas ou lâminas) e um personagem provavelmente “extrangeiro” já dando forma de objeto de consumo à matéria-prima, conforme destacou o texto.

<sup>333</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1884. Ano: 1942.



De fato, difícil pensar a economia da região da amazônica e não falar da “época” da borracha, tema bastante discutido pela historiografia que trata da região<sup>334</sup>. Já que no período entresséculos (final do XIX e início do XX), a Amazônia viveu diversas transformações como consequência da exportação da borracha. Segundo Barbara Weisntein, a exportação do referido produto “gerou um crescimento comercial e demográfico sem precedentes na região e fez de uma área esquecida e muito atrasada um dos mais promissores centros de comércio do Brasil”<sup>335</sup>; uma vez que o látex tornou-se uma matéria prima de grande importância para o mercado internacional.

Entretanto, refletir sobre a importância desse produto para Amazônia requer ir e voltar no tempo. Visto que foi foco de políticas em escala local, regional, nacional e internacional em mais de um período<sup>336</sup>. Assim também ocorreu por entre as páginas d’*O Tico Tico* quando se representou a região amazônica. Identificamos, portanto, uma variedade de informações acerca da borracha amazônica enquanto produto comercial.

A origem do produto foi revelada por meio de uma lenda<sup>337</sup> em *O Tico Tico*. A história retratava o pelejo de Ara, “o guerreiro invencível” que, após ter roubado o fogo do céu e ensinado seu uso aos homens foi castigado por “Tupan”. O castigo consistiu em encher com a água de uma fonte cristalina um grande cântaro de ouro o qual ficava

---

<sup>334</sup> SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980; DEAN, Warren. *Luta pela Borracha no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1989; CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. *A borracha na economia brasileira da primeira república*. In: “O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)”. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1977; CASTRO, Anna Raquel de Matos; SANJAD, Nelson; ROMEIRO, Doralice dos Santos. *Da pátria da seringueira à borracha de plantação: Jacques Huber e seus estudos sobre cultura das heveas no Oriente (1911-1912)*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cien. Hum., Belém, v. 4, n. 3, p. 503-545, set – dez. 2009; WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia, expansão e decadência (1850-1920)*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC, 1993; WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da floresta: Uma história. Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999; SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. 3 ed. Belém: Paka-tatu, 2010; LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 ó 1916)*. 1. Ed. Belém: Açaí – Centro de memória da Amazônia / PPHIST – UFPA, 2010; SARGES, Maria de Nazaré. *Riquezas, Tributos e mercado de trabalho em Belém, 1890-1910*. In: FIGUEIREDO, Aldrin Moura e ALVES, Moema de Bacelar (Org.). “Tesouros da Memória: história e patrimônio do Grão-Pará”. Belém: Ministério da Fazenda/ Museu de Arte de Belém, 2009; LAGE, Monica Maria Lopes. *Mulher e Seringal: Um Olhar Sobre as Mulheres nos Seringais do Amazonas (1880-1920)*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010; MARTINS JÚNIOR, Rui Jorge Moraes. *Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do Século XX*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2010;

<sup>335</sup> WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia, expansão e decadência (1850-1920)*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC, 1993. p. 15-16.

<sup>336</sup> Entre a ênfase de extrativismo da borracha da virada do século XIX para o século XX e o contexto da Batalha da Borracha (1939-1945), houve, também, tentativas de plantação de borracha na Amazônia, como indica Warren Dean, que, no entanto, fracassaram, devido à inexperience dos seringalistas e o fungo conhecido como “mal-das-folhas”. Ver em: DEAN, Warren. *Luta pela Borracha no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

<sup>337</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1847. Ano: 1941.

na porta do paraíso e, para isso, tinha como utensílio um “cesto de fino tecido de taquara”. No caminho entre a fonte e o cântaro a água se esvaía toda, o que tornava o trabalho do guerreiro inútil.

Atenta a esta situação, a Mãe d’água, segundo ensinava aos seus pequenos leitores *O Tico Tico*, resolveu ajudar o guerreiro a cumprir a sentença imputada por Tupan. A deusa entregou a ele uma concha e mostrou umas “árvores altas e esbeltas que se distinguiam das outras da floresta, por seu tronco direito e liso”, indicando que Ara fizesse uma incisão no tronco e com o suco aparado das feridas untasse o interior do cesto; tal processo resultou na formação de uma película<sup>338</sup>. Ara voltou para fonte e quando encheu o cesto dessa vez a água não escapava, podendo, assim, cumprir seu terrível castigo.

De acordo com a narrativa apresentada pela revista às crianças, em memória da libertação de Ara, criou-se uma cerimônia religiosa e simbólica. Nesta cerimônia, jovens pertencentes a determinadas tribos amazônicas, disputavam uma corrida para encher a fonte, utilizando o processo que a Mãe d’água havia ensinado ao guerreiro da lenda. O vencedor da corrida ia à frente de uma procissão que caminhava até a óca do feiticeiro da “tribu”, com seu cesto cheio de água consagrada e aguardava os encantamentos.

Além de apresentar a lenda, a revista trouxe informações sobre os usos da borracha. Até porque tais informações foram veiculadas dentro do contexto da Batalha da Borracha, e conforme propõe Isabel Guillen era necessário impulsionar todo sistema em torno da borracha<sup>339</sup>; assim como, a mídia, aliada do governo, foi fundamental nesta tarefa<sup>340</sup>. Portanto, na revista, a goma elástica foi apresentada como uma das matérias-primas fundamentais para indústria moderna, tanto para o mundo dos adultos, quanto para a infância, por ser um produto utilizado “desde os pneumáticos para automóveis e os invólucros dos grandes balões dirigíveis, até as bolas e outros brinquedos para as

---

<sup>338</sup> Tal procedimento é posterior ao recolhimento do látex coagulado a partir das incisões feitas na superfície da seringueira. Grosso modo, o látex após colhido é exposto ao defumador até que se forme a primeira película, processo que se repete assim por diante até formar uma bola ou péla. Ver em: CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. *A borracha na economia brasileira da primeira república*. In: “O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)”. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1977.

<sup>339</sup> GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Errantes da Selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia*. Campinas: Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1999. p. 84.

<sup>340</sup> SECRETO, Maria Verônica. *A ocupação dos 'espaços vazios' no governo Vargas: do Discurso do Rio Amazonas à saga dos Soldados da Borracha*. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 40, p. 115-135, 2007. p. 124.

crianças, os bicos para as mamadeiras, chupetas e muitas outras coisas úteis”.<sup>341</sup>

E ainda, a matéria refletiu sobre a possibilidade da borracha ser produzida a partir da extração da seiva ou látex de outras plantas, mas que a seringueira, cientificamente denominada *Hevea Brasiliensis*, era a árvore que possuía qualidade superior a qualquer outra em possibilidade de produção em grande escala. De fato, entre os estudos desenvolvidos pelo suíço Jacques Huber acerca das árvores produtoras de látex destaca-se *Hevea Brasiliensis*, por ser “considerada fornecedora melhor matéria prima para produção de borracha de exportação”<sup>342</sup>.

Conforme destacamos anteriormente, o surto econômico advindo da exploração da borracha fez surgir grandes transformações nas capitais da Amazônia entre 1870 e 1910<sup>343</sup>. Assim, vale ressaltar que a importância desse produto para região foi econômica e social, pois ao mesmo tempo em que gerou riquezas também modificou o comportamento e modo de vida das pessoas nos interiores e, principalmente, nas capitais amazônicas Belém e Manaus. Com o propósito de atender à demanda do mercado internacional ocorreu uma intensa migração de nordestinos os quais serviram de mão-de-obra nos seringais, contudo, a riqueza proporcionada pela extração do látex durou pouco.<sup>344</sup>

Roberto Santos apontou que a desestruturação da economia gomífera amazônica se deu pela reprodução de plantações de borracha, em grande escala, nos países asiáticos – controlados pelo imperialismo inglês. *O Tico Tico* apontou sobre o fato: “só mesmo a qualidade superior da nossa faz com que a borracha de Ceylão, plantada com methodo e intelligencia pelos inglezes, não a suplante”<sup>345</sup>. Entretanto, logo a plantação de borracha do Oriente, organizada de forma racional, superou as de borracha silvestre brasileiras; e aos poucos o sistema econômico criado em torno da exportação desse produto foi se desestruturando.

Em uma edição de 1918 através de uma matéria d’*O Tico Tico* que deu ênfase ao algodoeiro comentou-se esse tipo de concorrência da seguinte forma: “o café, o assucar, a borracha, o cacáo, o fumo, podem ter concorrência ou ser combatidos nos paizes

<sup>341</sup>Revista *O Tico Tico*. Edição 1847. Ano: 1941.

<sup>342</sup> Ver mais em: CASTRO, Anna Raquel de Matos; SANJAD, Nelson; ROMEIRO, Doralice dos Santos. *Da pátria da seringueira à borracha de plantação: Jacques Huber e seus estudos sobre cultura das heveas no Oriente (1911-1912)*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cien. Hum., Belém, v. 4, n. 3, p. 503-545, set – dez. 2009. p. 504.

<sup>343</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. 3 ed. Belém: Paka-tatu, 2010. p. 94.

<sup>344</sup>SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

<sup>345</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1052. Ano: 1925.

estrangeiros”<sup>346</sup>, mas que com o algodão isso nunca aconteceria. Segundo Cristina Wolff, a crise da economia da borracha na região se demonstrou estável justamente no período em que foi veiculada esta matéria, visto que foi notório o êxodo de seringueiros(as) das regiões de extrativismo.<sup>347</sup>

Em grande medida, os fatores internos como a falta de investimento nos seringais e a ausência de uma política de defesa da borracha também foram condicionantes nesse processo de decadência econômica. Vale ressaltar que entre o intenso período de extrativismo da borracha da virada do século XIX para o século XX e o nos anos finais do corte temporal desta dissertação – que compreende a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) -, houve, também, tentativas de plantação de borracha na Amazônia, como indicou Warren Dean, mas que, no entanto, fracassaram, devido provavelmente à inexperiência dos seringalistas e o fungo conhecido como “mal-das-folhas”.<sup>348</sup>

O nordestino que veio pra Amazônia trabalhar nos seringais foi representado em texto duplicado: primeiro em 1930 no almanach<sup>349</sup> e, após 10 anos, em 1940 na revista<sup>350</sup>. A narrativa “Um veterano do Acre” dissertou acerca da história de um “Cabo Velho” o qual lutou na guerrilha “gloriosa do Acre”, mas que antes tinha sido seringueiro na Amazônia “cortando a árvore do ‘ouro negro’, levando a sua contribuição pessoal em favor da civilização aos extremos limites de nossa selva”. O trabalho foi descrito como árduo, fazendo com que este personagem envelhecesse antes do tempo ao passo que “a natureza hostil tomava terreno, sobre seu organismo gasto e desprevinido”<sup>351</sup>.

Foi descrito que o “Cabo Velho”, desanimado com a vida que estava levando, pensava em retornar às praias nativas do Ceará, quando ocorreu o chamado patriótico e este alistou-se. Segundo a narrativa: “afligia-o a ideia de nada ter feito, de nada ter podido fazer na vida”. Esta visão vai ao encontro de uma ideia que por muito tempo foi perpetuada quando se tratou dos seringueiros, principalmente dos migrantes nordestinos na historiografia e literatura. Segundo Franciane Lacerda, os seringueiros não podem ser

<sup>346</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0650. Ano: 1918.

<sup>347</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. *Op. Cit.*

<sup>348</sup> DEAN, Warren. *Luta pela Borracha no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

<sup>349</sup> Almanach d’*O Tico Tico*. Ano: 1930.

<sup>350</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 1818. Ano: 1940.

<sup>351</sup> Revista *O Tico Tico*. Edição 0650. Ano: 1918.

vistos apenas sob a alcunha de “semi-escravos” ou “flagelados”<sup>352</sup>, uma vez que os estudos sobre suas ações no espaço urbano, a busca pelo lazer e as transgressões na cidade sugeriam formas de resistência diante da dificuldade do trabalho.



Figura 62:

Almanaque do *Tico Tico*. Ano: 1939.



Figura 63:

Revista *O Tico Tico*. Edição: 1869. Ano: 1941.

Em 1939 no artigo “Que produz o Brasil?” foi descrito: “Amazonas – Produz: borracha e cacá; Acre - Produz: borracha; Pará - Produz: borracha, cacá e castanha”. De fato, nota-se que a importância e presença da borracha para Amazônia, conforme gafrado em outro mapa do Brasil apresentado no almanaque em preto e branco e na revista colorido; motivo pelo qual esse produto surgiu intensamente entre as páginas d’*O Tico Tico* quando se tratou desse espaço.

Matérias sobre o produto também eram apresentadas às crianças por conta de alguns brinquedos serem fabricados a partir dessa matéria-prima, como a “bola de *foot*”, por exemplo. Em uma edição de 1923, descreveu-se o processo de extração do látex realizado em algumas espécies de árvores do Amazonas e do Pará, entre elas: *Siphonia*, *hevea* e *latropa*. Destas retira-se o suco que passa por processos de purificação e após esse procedimento o elemento adquiria diversas utilidades.

<sup>352</sup> LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 ó 1916)*. 1. Ed. Belém: Açai – Centro de memória da Amazônia / PPHIST – UFPA, 2010 .



**Figura 64:**  
**Revista *O Tico Tico*. Edição: 0951 Ano: 1923.**

Por isso, os seringueiros “homens que vivem nos trabalhos das árvores”, fazem incisões nas árvores mencionadas, enchendo pequenos recipientes de barro para depois coagular o látex extraído em grandes vasos. Estes mergulham uma colher no líquido e levam ao fogo até que se solidifique e assim retiram com uma faca a borracha pronta para os processos de fabricação. O mesmo processo foi descrito em 1938. A matéria “A borracha” assinada por José de Camargo apresentou-o por meio d’um diálogo no qual o avô revelava ao neto informações sobre a extração e usos da borracha.

O personagem do neto também expõe durante a narrativa informações acerca do produto, bem como revelou-se no texto com entusiasmo diante do assunto expressando dentro da narrativa a imaginação do menino: “uma confusão de máquinas reais e imaginárias, donde deviam sair blocos de borracha, pneus, assentos, gorros, chapéus, malas, fios, uma cidade, enfim, de borracha”<sup>353</sup>. Todo o “bate papo” narrativo, conforme provavelmente queria demonstrar *O Tico Tico*, era interessante para o menino pelas possibilidades de criação com produto final.

A representação da borracha na revista infantil *O Tico Tico* ocorreu em diversos momentos. Grosso modo, pode ser visto como um dos principais assuntos tratados na publicação no que se refere à região Amazônica entre os anos de existência deste impresso (1905-1962). Portanto, na revista foram descritos os processos de extração, produção e os usos do produto. Igualmente foi apresentado ao público infantil em

<sup>353</sup> *Revista O Tico Tico*. Edição 1708. Ano: 1938.



diversos momentos o seringueiro e até mesmo uma lenda acerca da sua origem desta matéria-prima, conformando-a como elemento fundamental quando direciona-se o olhar para esta região.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista *O Tico Tico* durante o período entreguerras (1914-1945) exaltava as riquezas naturais brasileiras. Nesse processo, duas perspectivas moldaram a forma como a Amazônia era grafada e descrita na revista. Se de um lado, a região permanecia vislumbrada pelas lentes do exotismo – reverberando construções imagéticas que dialogavam diretamente com as representações presentes em relatos de viajantes desde o período colonial. De outro, as narrativas também coincidiam com as estratégias econômicas do Brasil, visto que os conteúdos apresentados destacavam o potencial dos produtos da região de acordo com as necessidades do momento.

Entretanto, de maneira geral, imagens e discursos canalizados na revista eram utilizados para consolidar e reafirmar ideias próprias dos atores que a compunham: editores, articulistas e público (adulto e infantil); valores importantes para o universo coletivo burguês e letrado, ou seja, os que tinham poder de compra e acesso à leitura. Os discursos eram em prol do conservadorismo, do patriotismo e do trabalho. As temáticas que tratavam especialmente da Amazônia não fugiam dos objetivos primordiais da revista, que atuou como importante veículo de educação moral e cívica.

No início da República no Brasil a literatura infantil tinha como missão fortalecer a escola e a imagem do país para as futuras gerações. O gênero mesclava o didático, o folclórico e o patriótico. Mas, com o passar dos anos os interesses sociais, econômicos e políticos também eram abordados. As leituras de cunho infantil apresentavam conteúdos parecidos, no entanto, *O Tico Tico* se diferenciava dos livros infantis da época pela participação que as crianças tinham através do envio de fotografias, dúvidas, desenhos, publicados regularmente entre as edições.

Nessa perspectiva, conforme apresentamos no decorrer desta dissertação, ainda que a Amazônia fosse considerada uma região “distante”, os leitores de cidades como Belém ou Manaus não deixaram de compor a revista por meio do envio de fotografias ou correpondências à seção do “Dr. Sabetudo”.

Portanto, em nossa análise das narrativas escritas e imagéticas sobre a Amazônia presentes em *O Tico Tico*, optamos por relacionar as informações apresentadas pela revista às representações da região veiculadas através de outros suportes (documentário, livros, iconografia, discurso oficial etc); tal medida possibilitou que compreendessemos as escolhas dos articulistas sobre a temática, Amazônia, como reflexo da cultura da época, mas também enquanto fruto da influência do que se produziu no passado (relatos

de viajantes e histórias do folclore amazônico, por exemplo) sobre o espaço e seus habitantes.

Em 1914 a imprensa era um atrativo aos alfabetizados e, ao mesmo tempo, tentava satisfazer os semi-alfabetizados com ilustrações e histórias em quadrinhos. Entretanto, a evolução dos meios gráficos modificaram o formato visual da revista *O Tico Tico*, adicionando aos poucos mais cores e, principalmente, ampliando a presença de ilustrações por entre as páginas; o que não interrompeu o declínio da revista com a introdução das *comics* norte-americanas no mercado entre as décadas de 1930 e 1940.

Apesar disso, em *O Tico Tico*, os temas continuaram sendo a fauna e a flora amazônicas. A natureza era repassada para as crianças como bela e agressiva e por isso deveria ser “vencida” pelo homem”. Ou era utilizada como recurso estético para divulgação dos produtos propagandeados pela revista. Atualmente outras mensagens sobre o espaço são repassadas ao público infantil, comumente ligadas a necessidade de preservação da natureza amazônica; tal é o discurso apresentado pela revista *Ciências Hoje* o qual propõe aos pequenos leitores que podem ser considerados agentes da causa ambientalistas “todos aqueles que transformam em ações o ideal de que a relação entre as pessoas e o meio ambiente deve ser o menos predatória possível”.<sup>354</sup>

A revista em quadrinho estaduniense “Liberdade” de Frank Miller e Dave Gibbons trata de uma saga futurista produzida em 1991 que mostra o mundo dominado por grandes corporações. A personagem principal Martha Washington, cuja missão é defender a Amazônia, em carta enviada à sua mãe direto de uma base na região, em 2010, revela que “gosta de ir as áreas de reflorestamento”<sup>355</sup>. Assim, histórias que tratam da necessidade de preservar e/ou defender a região amazônica tornaram-se frequentes a até uma necessidade. E, por conseguinte, divergem notoriamente das narrativas d’*O Tico Tico* que traduziam a exploração do espaço como algo positivo, dado o incentivo constante presente nas matérias.

De fato, a revista *O Tico Tico* veiculou discursos estereotipados construídos historicamente em relação à região que ainda circulam na atualidade. Mesmo porque o historiador recebe da atualidade os meios sobre os quais constrói seu trabalho, assim como a atualidade também determina seu interesse acerca de um tema<sup>356</sup>. No entanto, ainda que a Amazônia tenha sido apontada como um espaço predominantemente

<sup>354</sup>Revista *Ciência Hoje para crianças*. Edição 179. Ano 2007. p. 6.

<sup>355</sup> MILLER, Frank; GIBBONS, Dave. *Liberdade* (Minissérie). Editora Globo, 1992.

<sup>356</sup> DE CERTEAU, Michel. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 17.

“natural”, devido a pouca representação dos espaços e práticas urbanas de sujeitos locais; os sentidos dados pelos “pequenos leitores” às informações que receberam por meio deste periódico são múltiplos e seu mapeamento realmente complexo. Tal fator implica na necessidade de ampliar as pesquisas acerca dos reflexos da difusão das referidas representações da região.

## FONTES

### 1. Revista

- Edições da revista *O Tico Tico*:

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1909. Edição 0181.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1914. Edição 0431.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1914. Edição 0448.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1914. Edição 0450.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1914. Edição 0457.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1914. Edição 0481.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1915. Edição 0496.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1916. Edição 0546.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1916. Edição 0548.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1916. Edição 0586.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1918. Edição 0650.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1918. Edição 0671.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1918. Edição 0686.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1919. Edição 0695.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1919. Edição 0700.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1919. Edição 0702.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1919. Edição 0714.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1919. Edição 0739.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1920. Edição 0774.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1920. Edição 0745.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1920. Edição 0750.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1920. Edição 0745.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1920. Edição 0747.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1920. Edição 0766.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1920. Edição 0782.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1921. Edição 0795.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1921. Edição 0797.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1921. Edição 0808.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1921. Edição 0968.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1922. Edição 0862.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1923. Edição 0928.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1923. Edição 0940.



**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1923. Edição 0951.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1925. Edição 1052.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1926. Edição 1070.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1926. Edição 1103.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1928. Edição 1165.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1928. Edição 1167.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1928. Edição 1169.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1928. Edição 1179.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1928. Edição 1181.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1928. Edição 1191.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1928. Edição 1194.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1928. Edição 1221.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1929. Edição 1221.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1929. Edição 1253.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1930. Edição 1265.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1930. Edição 1274.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1930. Edição 1281.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1930. Edição 1285.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1931. Edição 1333.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1931. Edição 1344.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1931. Edição 1347.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1931. Edição 1364.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1932. Edição 1391.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1932. Edição 1411.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1934. Edição 1477.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1935. Edição 1541.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1935. Edição 1557.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1935. Edição 1571.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1936. Edição 1595.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1936. Edição 1608.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1936. Edição 1620.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1936. Edição 1622.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1936. Edição 1634.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1937. Edição 1634.

- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1937. Edição 1642.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1937. Edição 1669.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1937. Edição 1667.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1937. Edição 1676.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1937. Edição 1677.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1938. Edição 1686.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1938. Edição 1703.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1938. Edição 1707.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1938. Edição 1708.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1938. Edição 1705.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1938. Edição 1728.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1938. Edição 1734.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1939. Edição 1751.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1939. Edição 1759.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1939. Edição 1766.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1939. Edição 1772.
- Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1939. Edição 1782.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1940. Edição 1788.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1940. Edição 1789.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1940. Edição 1787.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1940. Edição 1801.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1940. Edição 1807.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1940. Edição 1808.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1940. Edição 1809.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1940. Edição 1812.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1940. Edição 1818.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1941. Edição 1843.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1941. Edição 1847.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1941. Edição 1848.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1941. Edição 1869.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1941. Edição 1870.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1941. Edição 1871.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1941. Edição 1872.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1941. Edição 1873.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1942. Edição 1875.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1942. Edição 1876.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1942. Edição 1878.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1942. Edição 1880.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1942. Edição 1884.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1942. Edição 1885.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1943. Edição 1886.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1943. Edição 1887.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1943. Edição 1888.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1943. Edição 1891.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1943. Edição 1894.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1943. Edição 1896.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1944. Edição 1901.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1944. Edição 1905.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1944. Edição 1908.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1944. Edição 1909.

**Revista O Tico Tico.** Rio de Janeiro, Editora O Malho. Exemplar de 1955. Edição 2039.

## 2. Almanaque

- **Edições do Almanach do Tico Tico: 1919; 1920; 1930; 1936; 1937; 1938; 1941; 1940; 1942; 1944; 1943; 1945.**

## 3. Jornal

**Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma.** Edição 01271. Ano: 1914.

## 4. Literatura infantil

- **Por que me ufano do meu país - Afonso Celso:**

CELSO, Afonso. *Por que me ufano do meu país*. ebooksBrasil, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html>.

- **A Amazônia misteriosa - Gastão Cruls:**

CRULS, Gastão. *A Amazônia Misteriosa*. Coleção Saraiva. N. 115.. São Paulo: Saraiva, 1957.

- **Hiléia Amazônica ó Gastão Cruls:**

CRULS, Gastão. *Hiléia Amazônica*. São Paulo: Nacional, 1944.

- **Serões da mãe preta ó Luiz Tavares:**

TAVARES, Luiz Demetrio Juvenal. *Serões da mãe preta: contos populares para crianças*. Pará: Typhographia de Alfredo Silva, 1896. Disponível em: <http://fcp.pa.gov.br/acervodigital/seroesdamaepreta/seroesdamaepreta/assets/basic-html/page-1.html>.

- **Vocabulário de Crendices Amazônicas ó Osvaldo Orico:**

ORICO, Osvaldo. *Vocabulário de crendices amazônicas*. São Paulo: companhia Editora Nacional, 1937.

## 5. Discursos oficiais

- Discurso do Rio Amazonas:

Disponível

em:

[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1942\\_v4\\_n2.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1942_v4_n2.pdf)



## **6. Relatos de viajantes**

AGASSIZ, Jean Louis Rodolph. AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

## **7. Iconografia**

**Obra:** *Hidroavião na rampa da Panair*, 1939. **Autor:** WAMBACH, Georges. Acervo: Museu de Arte de Belém (MABE).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. *O vírus e a cidade: rastros do cotidiano na cidade de Belém durante a pandemia da gripe espanhola (1918)*. In: SARGES, Maria de Nazaré. Lacerda, Franciane Gama. “Belém do Pará: História, Cultura e cidade Para além dos 400 anos”. Belém: Editora açai, 2016.

ALBUQUERQUE, Luiz Rodolpho Cavalcante de. *A Amazônia em 1893*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221734>. Acesso 08/01/2019.

ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. *A revista ãO Tico-Ticoö e a escrita infantil em circulação no encarte ãMeu Jornalö: seus autores e leitores (1935-1940)*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.

ALMEIDA, Cintia Borges de; COSTA, Aline Santos. *Para a Petizada Innocente: encanto, diversão e lições de conduta na revista O Tico Tico (1905-1910)*. “Revista Teias”. v. 16 • n. 41 • 54-71 • (abr./jun. - 2015): Infância, Literatura e Educação. 2015.

ALMEIDA, José Jonas. *Do extrativismo ao cemitério das castanheiras: as possibilidades da castanha do Pará*. “Anais eletrônicos do século XXII”. Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. Santos, 2014.

\_\_\_\_\_. *Do extravismo à domesticação: as possibilidades da castanha do Pará*. 2015, XX f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder: a propaganda varguista na imprensa amazonense (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado. UFAM: 2009.

AMADO, Janaina. *Região, Sertão, Nação*. In: “Estudos históricos”, Rio de Janeiro, Vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

ANSELMO, Zilma Augusta. *História em Quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1975

ARAÚJO, Lucas Monteiro de. *Representações Marajoaras Em Relatos De Viajantes: Natureza, Etnicidade e Modos de Vida no Século XIX*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em antropologia, Universidade Federal do Pará. Belém, 2017.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

- AZEVEDO, Carmen Lúcia de. *Jeca Tatu, Macunaíma, a preguiça e a brasilidade*. 2012. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo, 2012.
- AZEVEDO, Ezequiel de. *O Tico Tico: cem anos de uma revista*. São Paulo: Via Lettera, 2005.
- BARBOSA, Eline Araújo dos Santos. *Como a internet mostra a exótica Amazônia: Mitos e idealismos coloniais na cibercultura*. In: “Rev. Igarapé”, Porto Velho (RO), v.1, n.6, p. 18 - 29, 2015.
- BARBOSA, Maurel. *O pagé: o naturalismo inacabado de Marques de Carvalho (1884-1887)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2011.
- BARROS, José D’assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BOTELHO, André. *A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas*. In: “Revista do Instituto de Estudos Brasileiros”. São Paulo, n. 57, p. 15-50, dez. 2013, pp. 15-49.
- BRITES, Olga. *Mulheres de Sesinho*. “Projeto História”, São Paulo, (11) nov, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Crianças de revistas (1930/1950)*. “Educação e Pesquisa”, São Paulo, v.26, n.1, p.161-176, jan./jun. 2000.
- \_\_\_\_\_. NUNES, Eduardo Silveira Netto. *Infâncias e propagandas em revistas: anos 1920-1950*. “Revista Tempos Histórico”, v. 16, p. 87-118, 2012.
- BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CAGNIN, Antônio Luis. *Chiquinho, Buster Brown, a mais brasileira das personagens americanas*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). “O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil”. São Paulo: Opera Graphica, 2005.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no Vargasismo e Peronismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

\_\_\_\_\_. *Ensino primário franquista: os livros escolares como instrumento de doutrinação infantil*. “Revista Brasileira de História”, vol. 29, nº 57, p. 117-143 – 2009.

CARATTI, Jônatas Marques. *õCalçando as luvasö: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920)*. *õRevista Latino-Americana de História*” Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012.

CARDOSO, Athos Eichler. *Pernambuco, o marujo. Um personagem para não ser esquecido*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27. 2004. São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/125567600306502983745449811570995932306.pdf>. Acesso em: 09/08/2017.

CARVAJAL, Gaspar. *Descobrimento do Rio Orellana*. In: CARVAJAL, Gaspar, ROJAS, Alonso e ACUÑA, Cristobal de. “Descobrimientos do rio das Amazonas”. Traduzidos e anotados por C. de Melo Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941.

CARVALHO, José M. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Os bordados de João Cândido*. “Manguinhos”, II (2), 68-84 Jul,-Out. 1995.

CASTRO, Anna Raquel de Matos; SANJAD, Nelson; ROMEIRO, Doralice dos Santos. *Da pátria da seringueira à borracha de plantação: Jacques Huber e seus estudos sobre cultura das heveas no Oriente (1911-1912)*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cien. Hum., Belém, v. 4, n. 3, p. 503-545, set – dez. 2009

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs). *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CELSO, Conde de Afonso. *Por que me ufano do meu país*. [S.1]: ebooksBrasil, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/ufano.html>.

CHAMBOULEYRON, Rafael. ALONSO, José Luis. *T(r)ópicos de História*. Belém: Ed. Açáí, 2010.

\_\_\_\_\_. *O plantio do cacau na Amazônia colonial (séculos XVII e XVIII)*. Disponível em: [http://aphes32.cehc.iscte-iul.pt/docs/s8\\_4\\_pap.pdf](http://aphes32.cehc.iscte-iul.pt/docs/s8_4_pap.pdf)

CHAMBOULEYRON, Rafael. *O historiador e os mapas. Perspectivas de Pesquisa e de Ensino*. In: HENRIQUE, Márcio Couto (org.). “Diálogos entre história e educação”. Belém-PA: Editora Açáí, 2014.

CHARTIER, Anne Marie; Hébrard, Jean. *Discursos sobre a leitura ó 1880-1980*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. “Revista Estudos Avançados”. V.5, n. 11. Abril, 1991.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *A história ou a leitura do tempo*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COELHO, Alan Watrin. *A ciência do governar: positivismo, evolucionismo e natureza em Lauro Sodré*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2006.

COELHO, Geraldo Mártires. *O espelho da natureza: o poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil*. – Belém: Paka-Tatu, 2009.

COELHO, Mauro Cezar. *Fronteiras da História, limites do saber: a Amazônia e seus intérpretes*. In: QUEIROZ, Jonas Marçal de. COELHO, Mauro Cezar. “Amazônia: modernização e conflitos (séculos XVIII e XIX)”. Belém: UFPA/NAEA; Macapá: UNIFAP, 2001.

COSTA, Jean Henrique. *A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno*. Trans/Form/Ação vol.36 no.2 Marília May/Aug. 2013.

COSTA JUNIOR, Waldemir Rodrigues; LIMA, Susane Patrícia Melo de. *Geografia e Representação na Amazônia Misteriosa de Gastão Cruls: da Monocromia à Monotonia, do Fantástico ao Misterioso*. AEGa 23 (2011), p. 221-237 Disponível em: [www.geografia.ufpr.br/raega/Curitiba](http://www.geografia.ufpr.br/raega/Curitiba) Departamento de Geografia – UFPR ISSN: 2177-2738. Acesso em 30/10/2018.

CUNHA, Euclides da. [1999]. *Terra sem história*. In: “À Margem da História”. MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação da Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro, pp. 1-10.

\_\_\_\_\_. *Um paraíso perdido: Reunião dos Ensaios Amazônicos*. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Petrópolis, Vozes, 1976 (reed. sob o título Um Paraíso Perdido: Reunião de Ensaios Amazônicos. Sel. e coord. de Hildon Rocha. Brasília, Senado Federal, 2000).

DANIEL, João. *Tesouro descoberto no Rio Amazonas*. “Relatório da diretora da Biblioteca nacional”, 2 v, 1975. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1976.

DAS NEVES, Auricléa. *A Nomeação Do Espaço Na Descoberta Do Rio Das Amazonas*. *Contra Corrente* | “Revista de Estudos Literários e da Cultura”, [S.l.], n. 1, p. 21-38, maio 2017.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer/ Michel de Certeau*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

DEAN, Warren. *Luta pela Borracha no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

DIOGO, Márcia Cezar. *O moderno em revista na cidade do Rio de Janeiro*. CHALOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.) “História em Cousas Miúdas”. CAMPINAS-SP: Editora da Unicamp, 2005. P 459-489.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a serviço do progresso*. In: MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA, Tânia Regina (Orgs.). “História da Imprensa no Brasil”. São Paulo: Contexto, 2008.

FARIAS, William Gaia. *A Construção da República no Pará (1886-1897)*. Niterói. Tese (Doutorado em História Social). Departamento de História. Universidade Federal Fluminense, 2005.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. *O Brasil Contado às Crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o Ensino de História (1934-1961)*. Tese de Doutorado. USP: 2009.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *De pinceis e letras: os manifestos literários e visuais no modernismo amazônico na década de 1920*. “Revista Territórios & Fronteiras”, Cuiabá, vol. 9, n. 2, jul.-dez., 2016.

\_\_\_\_\_. *Georges Wambach e o Brasil*. Ver mais em: [http://www.brasil-belgica.com/arquivos/Brasil\\_Belgica\\_Parte\\_9\\_Artes\\_Plasticas.pdf](http://www.brasil-belgica.com/arquivos/Brasil_Belgica_Parte_9_Artes_Plasticas.pdf) Acesso: 03/08/2018.

FIGUEIREDO, Guilherme Elias de. *Como ler uma revista ilustrada? Uma proposta metodológica para o estudo de periódicos ilustrados publicados no Brasil oitocentista*. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 16, n. 25, 2º sem. 2015.



FONTES, Edilza. *Cultura e política dos anos trinta no Brasil e as memórias do interventor do Pará, Magalhães Barata (1930 ó 1935)*. “Revista Estudos Políticos”, v. 7, p., 2013, pp. 131-151.

FREITAS, Ricardo Martins de; REGO, Nelson. *Amazônia, Representação e Mídia*. “Revista FSA”, Teresina, v. 12, n. 1, art. 7, p. 107-120, jan./fev. 2015.

GARFIELD, Seth. *A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra*. “Revista brasileira de história”. São Paulo, v. 29, nº57, p. 19-65 – 2009.

GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência, terror: Quatro ensaios de iconografia política*. Tradução de Federico Carotti, Júlio Castañon Guimarães e Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GODINHO, Victor; LINDENBERG, Adolpho. *Norte do Brasil: através do Amazonas, do Pará e do Maranhão*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. *República, educação cívica e história pátria: Brasil e Portugal*. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0009.pdf>. Acesso: 10/01/2018.

\_\_\_\_\_. *Através do Brasil: O território e seu povo*. In: *A República no Brasil*. Angela de Castro Gomes, Dulce Chaves Pandolfi, Verena Alberti (cord). Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.

\_\_\_\_\_. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GONÇALVES, Roberta Ferreira; GOMES, Ivan Lima. *Imagens de uma República infantil: Angelo Agostini nas revistas O Malho e O Tico-Tico*. “Revista Maracanan”, publicação dos docentes do PPGH-UERJ, vol. 12, n.14, p. 225-240, jan/jun 2016.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo, SP: Marco Zero, 1994.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Errantes da Selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia*. Campinas: Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

GUIMARÃES, Valéria. *Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX*. In: Revista Brasileira de História. Vol. 27 no. 53 São Paulo Janeiro/Junho 2007, pp 423-349.

HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na primeira república*. Tese apresentada à faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor em História; Área de concentração: História Social. São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. *A arte de formar brasileiros*. (Online). In: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/a-arte-de-formar-brasileiros>

HARDMAN, Francisco Foot. *Exposições Universais; breve itinerário do exibicionismo burguês*. In: “Trem fantasma: a modernidade na selva”. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 49-66.

\_\_\_\_\_. *A vingança da Hileia. Euclídes da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

HELD, Jaqueline. *O imaginário no poder - as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

\_\_\_\_\_. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KNAUSS, Paulo. *Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado*. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Org.). “Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado”. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

JEANNENEY, Jean-Noel. *A mídia*. In: REMÓND, René. “Por uma história política”. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

JUNIOR, Carlos Herold. *Corpo e Educação no Escotismo a partir da revista O Tico Tico (1921-1933)*. “Movimento”, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 303-316, abr./jun. de 2015.

JUNIOR, Gonçalo. *Paixão Juvenil*. “Revista Nossa História”. Ano 2/ nº 24. Outubro, 2005.

LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 ó 1916)*. 1. Ed. Belém: Açáí – Centro de memória da Amazônia / PPHIST – UFPA, 2010.

LACERDA, Franciane Gama; VIEIRA, Elis Regina Corrêa. *O celeiro da Amazônia: agricultura e natureza no Pará na virada do século XIX para o XX. Topoi*. “Revista de História”, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. jun. 2015.

LAGE, Monica Maria Lopes. *Mulher e Seringal: Um Olhar Sobre as Mulheres nos Seringais do Amazonas (1880-1920)*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

\_\_\_\_\_; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história & Histórias*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. *A modernidade em Monteiro Lobato*. Letras de hoje, 15 (3): 15 – 22.

In: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/18022/11584>. Acesso em 10/11/2017.

LEÃO, Andréa Borges. *Brasil em imaginação: livros, impressos e leituras infantis (1890- 1915)*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003. Belo Horizonte. Anais... São Paulo: Intercom, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Amazônia & Seringal [1955]*. In: “Tristes trópicos”. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 341-351.

LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). “Fontes Históricas”. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

LUCA, Tania Regina de. *A REVISTA DO BRASIL (1916-1925) NA HISTÓRIA DA IMPRENSA*. “Travessia” - Revista de literatura – n. 32. UFSC – Iha de Santa Catarina, jan.-juL, 1996.

MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de. *A Cozinha Mestiça: Uma história da Alimentação em Belém (fins do século XIX e início do século XX)*. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, 2016.

MACIEL, Laura Antunes. *A Comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: espaço, telégrafo e civilização*. In: “Projeto História”, n.18, São Paulo, Maio/1999, pp. 167-189.

MARTINS, Ana Luiza. *Sob a Rúbrica Infantil*. In: MARTINS, Ana Luiza.” Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República”. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MARTINS, Maria José. *A gripe espanhola em Belém do Pará, 1918: cidade, cotidiano e medicina*. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016.

MARTINS JÚNIOR, Rui Jorge Moraes. *Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do Século XX*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2010.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. *Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)*. Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia. Belém, 2012.

MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari. *A importância das revistas O Tico-Tico e Recreio para a história da literatura infantil e a formação de novos dos leitores*. “Letras em Revista”, Teresina, v. 03, n. 01, jan./jun. 2012.

\_\_\_\_\_. *A literatura infantil além do livro: contribuições do jornal português O senhor doutor e da revista brasileira O Tico Tico*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2012.

MERLO, Maria Cristina. *O Tico-Tico: um século de histórias em quadrinhos no Brasil*. São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Tico Tico: a brincadeira por meio da imaginação, conhecimento e entretenimento*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). “O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil”. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

MONTEZ, Luiz Barros. *Relatos de viagens como objetos de reflexão historiográfica e da prática tradutória*. Cad. Trad., Florianópolis, nº especial, p. 277-298, jul./dez. 2014.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *O Sertão Um -Outro geográfico*. “Terra Brasilis” (Nova série), 4 -5 2012, pp. 1-8

- MORAES, I. B. *Representações da Amazônia na revista infantil O Tico Tico (1937-1945)*. 48 f. Monografia (Graduação Licenciatura em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.
- MOURÃO, Leila. *História e Natureza: Do Açaí ao Palmito*. “Revista Territórios e Fronteiras”. V.3 N.2 – Jul/Dez 2010.
- MUNIZ, Érico Silva Alves. *Comida, trabalho e assistência social: a alimentação na agenda política brasileira (1939-1947)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.
- NADAF, Yasmin Jamil. *Essas Revistinhas que se chamavam Almanques*. In: Revista Ecos. Vol.10, nº 1. 2011.
- NEVES, Fernando Arthur de Freitas (Org.). *Faces da história da Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2006.
- OLIVEIRA, Gisele Cunha & VELOSO, Geisa Magela. *Interdição de leitura e prescrição de textos para a infância e juventude montes-clarense (1920-1950)*. Hist. Educ. (Online), Porto Alegre v. 20 n. 50 Set./dez., 2016 p. 243-257.
- OLIVEIRA, Ivanilton José de. *Linguagem Dos Mapas: Utilizando A Cartografia Para Comunicar*. ðRevista Unicienciaö. Goiás. 2004.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Natureza e identidade: o caso brasileiro. Desigualdade & Diversidade* – “Revista de Ciências Sociais” da PUC-Rio, nº9 ago/dez, 2011, pp. 123-134.
- PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- PATROCLO, Luciana Borges. *As mães de famílias futuras: a revista o tico-tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921)*. Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação. 2015.
- PIZARRO, Ana. *Imaginario y discurso ó La Amazonía*. In: “Sentidos dos lugares” /organizadores José Luís Jobim... [et al.]. – Rio de Janeiro: abralic, 2005
- PONTE, Romero Ximenes. *Amazônia ó A Hipérbole e o Pretexto*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2000.
- PRADO, Maria Lígia. *A borracha na economia brasileira da primeira república*. In: “O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)”. 2 ed. São Paulo: Difel, 1977.
- QUEIROZ, Jonas Marçal de; COELHO, Mauro Cezar. *Fronteiras da História, limites*

*do saber, a Amazônia e seus intérpretes*. In: “Amazônia: Modernização e conflito (séculos XVIII e XIX)”. Belém: UFPA/NAE; Macapá: UNIFAP, 2001. pp. 159-180.

QUEIROZ, José Francisco da Silva. *Amazônia: Inferno Verde ou Paraíso Perdido? Cenário e território na literatura escrita por Alberto Rangel e Euclides da Cunha*.

Disponível em: <http://www.brasa.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/Jos%C3%A9-Francisco-da-Silva-Queiroz.pdf> Acesso: 08/10/2018.

RABELO; VIRTUOSO, Giane e Tatiane dos Santos. *Cartilha Getúlio Vargas para Crianças: produzindo efeito sobre a infância*. Disponível em: [http://www.gedest.unesc.net/seilacs/cartilhagetuliovargas\\_giani.pdf](http://www.gedest.unesc.net/seilacs/cartilhagetuliovargas_giani.pdf)

RICARDO, Cassino. *Martim Cererê (o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis)*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. *A Arte de Governar Crianças*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

REHM, Tunai. *Um outro flâneur: anacronismo e modernidade em Belém pelos pinceis de Georges Wambach*. “FACES DA HISTÓRIA”, Assis-SP, v.5, nº2, p. 148-167, jul.-dez., 2018.

RODRIGUES, Adnê Jefferson Moura. *Infâncias Revistas: representações de crianças, saúde e educação infantis em revistas ilustradas (Belém, 1919-1930)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2017.

ROSA; Franco de; VERGUEIRO, Waldomiro. *O Almanaque d'Ø Tico Tico*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). “O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil”. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa de pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SÁ, Dominichi Mirande de. SÁ, Magali Romero. LIMA, Nísia Trindade. *Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915)*. In: “História, Ciências, Saúde – “Manguinhos”, Rio de Janeiro v.15, n.3, jul-set. 2008, p. 779-810.

SANTOS, Darlene da Silva Monteiro dos. *A arte de civilizar: A educação cívico-patriótica na revista A Escola e na Revista do Ensino no Pará republicano (1900-*



1912). Mestrado (Dissertação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará. Belém, 2018.

SANTOS, Ismael. *A fábula na literatura brasileira (de Anastácio a Millôr, incluindo Coelho Neto e Monteiro Lobato)*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

SANTOS, Roberto Elísio dos. *A trajetória de um menino peralta*. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). “O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil”. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. 3 ed. Belém: Paka-tatu, 2010

\_\_\_\_\_. *Riquezas, Tributos e mercado de trabalho em Belém, 1890-1910*. In: FIGUEIREDO, Aldrin Moura e ALVES, Moema de Bacelar(Org.). “Tesouros da Memória: história e patrimônio do Grão-Pará”. Belém: Ministério da Fazenda/Museu de Arte de Belém, 2009.

SCHMITZ, Zenaide Inês. *É Preciso Plasmar Na Cera Virgem, Que é a Alma da Criança, a Alma da Própria Pátriaö: Cartilhas Escolares E Doutrinação Infantil No Contexto Da Era Vargas (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária de Chapecó. Chapecó, 2015.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade*. In: NOVAIS, Fernando A. (Org). “História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Epoque à Era do Rádio”. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWEICKARDT, Julio César. LIMA, Nísia Trindade. *Do inferno florido à esperança do saneamento: ciência, natureza e saúde no Estado do Amazonas durante a Primeira República (1890-1930)*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 5, p. 399-415, 2010.

SECRETO, María Verónica. *A ocupação dos 'espaços vazios' no governo Vargas: do Discurso do Rio Amazonas à saga dos Soldados da Borracha*. “Estudos Históricos” (Rio de Janeiro), v. 40, p. 115-135, 2007.

SHUELER, Alessandra. *Crianças e escolas na passagem do Império para a República*. In: “Revista Brasileira de História”, nº 37, Infância e Adolescência, vol. 19. p. 9. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010201881999000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201881999000100004).

- SILVA, Cristiani Bereta da. *Cultura escolar e cultura política: projeto de nacionalização e o jornal escolar a criança brasileira (santa catarina, 1942-1945)*. Hist. Educ. (Online). Porto alegre, v. 17, n. 40, Maio/ago. 2013. p. 175-195.
- SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. *Paisagens do Bosque Rodrigues Alves, Belém (PA): considerações sobre a conservação do patrimônio urbano no contexto amazônico*. “Antíteses”, v. 7, n. 14, p. 230-257, jul. - dez. 2014.
- SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. *Estudos de Literatura e Imprensa*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2014.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1991.
- TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas de O Malho*. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em História, 2009.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 ó 1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1983].
- VARÃO, Rafisa; BEMFICA, Veronica. *Quando jornalismo e infância se encontram: notas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para crianças*. VII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. Mídia alternativa e alternativas midiáticas. 19 a 21 de agosto de 2009. Fortaleza. CE. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009/1/Quando%20jornalismo%20e%20infancia%20se%20encontram.pdf>. Acesso 02/01/2019.
- VELLOSO, Monica Pimenta. *O modernismo e a questão nacional*. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano*, vol. I. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). *O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica, 2005.
- VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. *A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos*. Revista eca XIII 2\_Miolo.indd. Acesso 09/04/2016.
- VIEIRA, David Durval Jesus. *A cidade e os õbichosö: poder público, sociedade e animais em Belém (1892-1917)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação

em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará. Belém, 2015.

WEIMER, Gunter. *O conceito de art déco*. “Revista UFG” / Julho 2010 / Ano XII nº 8.

WEINSTEIN, Barbara. *Modernidade Tropical: visões norte-americanas da Amazônia nas vésperas da Guerra Fria*. “Revista do IEB”, n. 45, p. 153-176. set, 2007.

WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia, expansão e decadência (1850-1920)*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC, 1993.

WILLIAMS, Raymond. *A linguagem verde*. In: “O campo e a cidade: na história e na literatura”. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *Transformações na cidade*. In: “O campo e a cidade: na história e na literatura”. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da floresta: Uma história. Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura no Brasil: sua história e suas instituições*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html>. Acesso em: 07/11/2017.